BRENDA SILVA VELOSO

CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS E VERBOS DE DESLOCAMENTO, EXISTÊNCIA E LOCALIZAÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes

CAMPINAS

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

V546c	Veloso, Brenda Silva. Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira / Brenda Silva Veloso. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008. Orientador : Jairo Morais Nunes. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Sintaxe (Gramática). 2. Classificadores (Lingüística). 3. Concordância (Lingüística). 4. Língua de Sinais Brasileira. I. Nunes, Jairo Morais. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título. oe/iel

Título em inglês: Classifier constructions and verbs of motion, location and existentials in Brazilian Sign Language.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Sintax (Grammar); Classifiers (Linguistics); Agreement (Linguistics); Brazilian Sign Language.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Jairo Morais Nunes (orientador), Prof. Dra. Heloisa Maria M. L. Almeida Salles, Prof. Dra. Rossana Aparecida Finau, Prof. Doutor Juanito Ornelas Avelar e Prof. Dr. Angel Corbera Mori.

Data da defesa: 28/08/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA:

Jairo Morais Nunes

Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Rossana Aparecida Finau

Juanito Ornelas de Avelar

Angel Humberto Corbera Mori

Evani de Carvalho Viotti

Mary Aizawa Kato

Ruth Elisabeth Vasconcelos Lopes

IEL/UNICAMP

2008

Para Ele são todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos últimos cinco anos, contei com a ajuda de muitos. Como esta pode ser a única oportunidade de dizer "obrigada", de forma especial, agradeço

A Deus, porque *sem Ele nada do que foi feito se fez*...

Ao meu orientador, Jairo Nunes. Obrigada pelas cuidadosas leituras, pelo incentivo, pela paciência, por acreditar em mim.

A todos os surdos e intérpretes que colaboraram com esta pesquisa.

À minha família, que sempre me incentivou a lutar pelos meus sonhos. E principalmente para minha mãe, que soube como ninguém compreender minha ausência.

Ao Du. Pela paciência, pelo apoio, pelos puxões de orelha e, principalmente, pela presença constante.

À minha família em Campinas. Ganhei uma segunda mãe e uma avó que me dão muito carinho…

Aos amigos do Projeto Sal da Terra. Obrigada por poder contar com as orações de vocês.

Aos colegas e alunos do Jaime Kratz. Agora já posso responder "sim" à pergunta: "Já entregou seu trabalho?" Obrigado a todos pela amizade, pelo carinho e pelas orações.

Aos colegas do IEL. Um agradecimento mais que especial à Hebe e à Jéssica.

A todos professores que, de alguma forma, contribuíram para a elaboração da minha pesquisa e pelo desenvolvimento desta tese: Evani C. Viotti, Juanito O. Avelar, Ronice M. Quadros, Diane Lillo-Martin, Elena Benedicto e Joseph Quer. Agradeço também àqueles que se dispuseram a ler o meu trabalho e participar da Banca Examinadora: Heloisa M. M. L. A. Salles, Rossana A. Finau, Juanito O. Avelar, Angel C. Mori, Mary Kato, Evani C. Viotti, Ruth Lopes.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa a mim concedida (processo no. 02/12957-3).

Languages are all the same, but not boringly so.

Mark Baker

Resumo

Este estudo investiga aspectos morfossintáticos de construções classificadoras na Língua de Sinais Brasileira (LSB) no âmbito teórico da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993). A análise aqui apresentada defende que verbos de deslocamento e localização na LSB são raízes, e morfemas classificadores são marcas de concordância, que podem ser a eles anexadas. Mais especificamente, assume-se que há dois tipos de configurações de mãos classificadoras: um tipo que se refere diretamente a um argumento verbal e outro tipo que se refere indiretamente a um argumento verbal. O primeiro grupo forma sentenças intransitivas e o segundo é utilizado para formar estruturas transitivas. A análise das construções classificadoras da LSB corrobora os resultados de Quadros (1999) sobre a divisão dos verbos em dois grandes grupos, a saber, verbos com ou sem concordância. Além disso, demonstra-se que a LSB apresenta dois sistemas de concordância, um baseado na atribuição de locus a pontos do espaço de sinalização e outro baseado na combinação de configurações de mão classificadoras. Finalmente, propõe-se que sentenças copulativas e existenciais não exibem configurações classificadoras na LSB porque seus verbos são do tipo "sem concordância".

Palavras-chave: classificador, concordância, Língua de Sinais Brasileira, verbos de localização, verbos de deslocamento.

ABSTRACT

Assuming the general framework of Distributed Morphology (Halle and Marantz 1993), this study examines morphosyntactic aspects of classifier constructions in Brazilian Sign Language (LSB). I argue that verbs of motion and location in LSB consist of a root and classifier morphemes, analyzed as agreement markers. More specifically, I show that there are two types of classifier handshapes, depending on whether it directly or indirectly refers to an entity. The first group is used in intransitive sentences and the second one is used in transitive structures. The analysis of the classifier constructions in LSB provides support for the claim that verbs in this language can be divided in two large groups, depending on the presence or absence of agreement (Quadros 1999). Moreover, it is shown that LSB presents two agreement systems, one based on assignment of locus in signing space and the other based on attachment of classifier handshapes. Finally, it is proposed that copular and existential sentences do not show classifier handshapes in LSB because their verbs are non-agreeing verbs.

Key words: classifier, agreement, Brazilian Sign Language, location verbs, motion verbs.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: CLASSIFICADORES DA LSB 3
FIGURA 2: CLASSIFICADORES PARA SERES ANIMADOS 5
FIGURA 3: CLASSIFICADORES PARA SERES INANIMADOS 6
FIGURA 4: USO DOS VERBOS 'DAR' E 'PASSAR' EM BEARLAKE 21
FIGURA 5 VERBOS CLASSIFICATÓRIOS EM ENGA 22
FIGURA 6: ESPAÇO NEUTRO 61
FIGURA 7: FORMAS PRONOMINAIS USADAS COM REFERENTES PRESENTES 62
FIGURA 8: FORMAS PRONOMINAIS USADAS COM REFERENTES NÃO PRESENTES 63
FIGURA 9: VERBO PERGUNTAR 67
FIGURA 10: CONCORDÂNCIA ALITERATIVA EM BAINOUK 69
FIGURA 11: VERBO BLAME DA ASL 72
FIGURA 12: VERBO LOVE DA ASL 73
FIGURA 13: ASPECTO DISTRIBUTIVO 79
FIGURA 14: PARE! 82
FIGURA 15: PROPÓSITO 82
FIGURA 16: MODELO DE GRAMÁTICA NA MD 86
FIGURA 17: ESTRUTURA HIERÁRQUICA NA MD 88
FIGURA 18: REPRESENTAÇÃO DE ESTRUTURA COM VERBO DE DESLOCAMENTO 89
FIGURA 19: CONCATENAÇÃO DA RAIZ COM ARGUMENTOS INTERNOS NA REPRESENTAÇÃO DIRETA DE REFERENTES 91
FIGURA 20: CONCATENAÇÃO DE *V* NA REPRESENTAÇÃO DIRETA DE REFERENTES 92
FIGURA 21: CONCATENAÇÃO DE NÓS DE CONCORDÂNCIA NA REPRESENTAÇÃO DIRETA DE REFERENTES 93
FIGURA 22: INSERÇÃO DE ITEM DE VOCABULÁRIO PARA FEIXE DE TRAÇOS MAIS INTERNO NA REPRESENTAÇÃO DIRETA DE REFERENTES 94
FIGURA 23: ESPECIFICAÇÕES DE TRAÇOS MORFOSSINTÁTICOS PARA CONCORDÂNCIA 95
FIGURA 24: INSERÇÃO DE ITENS DE VOCABULÁRIO PARA CONCORDÂNCIA LOCATIVA NA REPRESENTAÇÃO DIRETA DE REFERENTES 95
FIGURA 25: CONCATENAÇÃO ATÉ *V* NA REPRESENTAÇÃO INDIRETA DE REFERENTES 97
FIGURA 26: CONCATENAÇÃO DE [VOZ] NA REPRESENTAÇÃO INDIRETA DE REFERENTES 98
FIGURA 27: CONCATENAÇÃO DE NÓS DE CONCORDÂNCIA NA REPRESENTAÇÃO INDIRETA DE REFERENTES 99
FIGURA 28: ESPECIFICAÇÃO DE TRAÇOS FONOLÓGICOS RELEVANTES PARA ESTABELECIMENTO DE CONCORDÂNCIA 100
FIGURA 29: ENTRADAS DE VOCABULÁRIO PARA FLEXÃO *LOCUS* 100
FIGURA 30: LÍNGUAS *VERB-FRAMED* E *SATELLITE-FRAMED* 109
FIGURA 31: REPRESENTAÇÃO DE INCORPORAÇÃO DE MODO 110
FIGURA 32: DERIVAÇÃO DE VERBOS SEM CONCORDÂNCIA 112
FIGURA 33: VEHICLE (IS LOCATED) NA ASL 118
FIGURA 34: BE- LOCRIGHT-CL:FLAT ENT 'THERE IS A BOOK TO THE RIGHT' 119
FIGURA 35: DERIVAÇÃO DO VERBO ESTAR_LOCALIZADO 122
FIGURA 36: ESTAR 124
FIGURA 37: ESTAR 125
FIGURA 38: É (ENFÁTICO) 126
FIGURA 39: DEMONSTRATIVO MEU NA LSB 130
FIGURA 40: DEMONSTRATIVO SEU NA LSB 131
FIGURA 41: DEMONSTRATIVO NOSSO NA LSB 131

NOTAÇÕES, SIGLAS E ABREVIAÇÕES

Notações

SINAL	Os sinais estão representados por glosas em maiúsculas.
N-O-M-E	O nome de um sinal que une letras através de hífens representa soletração com o alfabeto manual.
SINAL_SINAL	Glosas unidas por travessão representam sinais que não possuem palavra única correspondente em português.
IX	Representação de apontamento. Pode indicar pronomes; advérbios como aqui, lá, cá; ou artigo.
$SINAL_k$	Letras subscritas são índices de concordância. Significa que o sinal foi realizado no local <k>.
(md)/ (me)	Abreviação de mão direita e mão esquerda, respectivamente. Indicam a mão que produziu determinado sinal.
Top	Tópico
Headtilt	Aceno de cabeça
Eyegaze	Direção do olhar
<1sg>	Informações entre colchetes angulados indicam o significado de um determinado apontamento.
CL:propriedade	Indica a presença de um classificador. O nome que segue os dois pontos é a propriedade salientada pelo classificador.

Siglas

LSB	Língua de Sinais Brasileira
ASL	Língua de Sinais Americana
NGT	Língua de Sinais Holandesa
DGS	Língua de Sinais Alemã
TSL	Língua de Sinais de Taiwan
FinSL	Língua de Sinais Finlandesa

Abreviações

ART	Artigo
1SG/ 1PL	Indicação de pessoa e número correspondente a um pronome.
BENEF	Benefactivo
IMP	Imperativo
GEN	Genitivo
REC	Recipiente
THEME	Tema
PROGR	Progressivo
LOC	Locativo
INANIM	Inanimado
INESSIVE	Inessivo (caso gramatical locativo)
POSS	Possessivo

ASP	Aspecto
TNS	Tempo
N	Neutro
M	Masculino
NOM	Nominalizador

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 1

1.1 Estudos anteriores sobre os classificadores na LSB 2

1.2. Objeto de estudo deste trabalho 10

1.3 Metodologia e quadro teórico 10

1.4 Sistema de notação dos sinais 12

1.5 Organização da tese 14

2. O QUE SÃO CLASSIFICADORES? 15

2.1 Os classificadores nas línguas orais 15

2.2 Os classificadores nas LS 23

2.2.1 Supalla (1978, 1982 e 1986) 23
2.2.2 McDonald (1982) 28
2.2.3 Fischer & Janis (1992) 30
2.2.4 Matsuoka (2000) 32
2.2.5 Pichler (2001) 33
2.2.6 Meir (2001) 34
2.2.7 Liddell (1995, 2000, 2003a, 2003b) 36
2.2.8 Glück & Pfau (1998, 1999); Benedicto & Brentari (2004) e Zwitserlood (2003) 38

2.3 Sumário 41

3. EXEMPLOS DE CONSTRUÇÕES CLASSIFICADORAS NA LSB 42

4. VERBOS DE DESLOCAMENTO EM CCS: CONCORDÂNCIA E INCORPORAÇÃO 60

4.1 A concordância nas LS 60

4.2 "Classificadores" em verbos de deslocamento como marcas de concordância 76

4.3 Transitividade em CCs 77

4.4 Formação de CCs na perspectiva da Morfologia Distribuída 85

4.5 Incorporação Nominal em Verbos de Deslocamento 101

4.6 Incorporação de modo em verbos de deslocamento 107

4.7 Verbos sem concordância 111

4.8 Sumário 113

5. VERBOS DE LOCALIZAÇÃO E EXISTÊNCIA 115

5.1 Verbos de localização e existência nas línguas de sinais 118

5.2 Definitude em existenciais e locativas 126

5.3 Sobre a formação de existenciais e locativas 133

5.4. DERIVANDO CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS E LOCATIVAS EM LSB 136
5.5 PREDICADOS LOCATIVOS EM LSB: CÓPULA NULA OU LOCATIVO? 142
5.5 SUMÁRIO 145
6. CONCLUSÃO 146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 150

1. Introdução

A Língua de Sinais Brasileira (LSB), da mesma forma que outras línguas visual-espaciais, utiliza-se de sinais no espaço para especificar as relações gramaticais. As línguas de sinais possuem propriedades comuns às línguas faladas, resultantes das propriedades gerais e abstratas da faculdade da linguagem, mas também apresentam propriedades sintáticas distintas que presumivelmente resultam da modalidade visual-espacial. Nesse sentido, o estudo de línguas de sinais levanta questões importantes para a teoria lingüística no que diz respeito à busca dos universais lingüísticos, como também para a compreensão do funcionamento da linguagem humana e seu desenvolvimento.

Apenas nos últimos 50 anos a investigação das línguas de sinais tem sido caracterizada como pesquisa lingüística, pois, antes disso, muitos não as consideravam como línguas naturais. Stokoe (1960) foi um dos pioneiros a demonstrar semelhanças existentes entre línguas faladas e sinalizadas, com a publicação de um artigo mostrando que as "palavras" da ASL (Língua de Sinais Americana) não eram simples gestos, mas o resultado da combinação de elementos lingüísticos (configurações de mãos, localização e movimentos). Essa constatação fez com que muitos se voltassem para as línguas de sinais e começassem a estudá-las como qualquer língua natural.

Os estudos nos anos 1960 e 1970 foram efetuados de acordo com pressupostos teóricos estruturalistas e tinham, portanto, a finalidade de descobrir a estrutura dos sinais. De acordo com Klima & Bellugi (1979), por exemplo, as línguas de sinais, assim como línguas faladas, apresentam morfemas, os quais são constituídos, por sua vez, de fonemas. A diferença entre as duas modalidades é que, nas LS, os sinais são estruturados a partir de parâmetros visuais.

Os principais parâmetros são: **configuração de mão** (as diversas formas que as mãos tomam na realização dos sinais), **ponto de articulação** (espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados), **movimento** (todos os movimentos que compõem o sinal, como o movimento dos dedos, do pulso, etc.). Além

desses parâmetros, há também os marcadores não-manuais (marcações gramaticais expressas pela face ou pelo tronco) e parâmetros secundários (como orientação das mãos, disposição das mãos, e região de contato da mão).

A partir dos anos 1980, com a profusão de pesquisas sobre as LS, houve a possibilidade de se investigar mais a fundo algumas questões específicas que surgiram com o estudo da estrutura gramatical dessas línguas. Dentre os aspectos que mais têm sido discutidos estão os chamados "classificadores", objeto de estudo desta tese.

No que diz respeito à LSB, embora os classificadores ainda não tenham sido objeto de um estudo sistemático, têm sido descritos como morfemas (configurações de mãos) que se ligam a verbos para formar construções classificadoras (Brito 1995, Felipe 1998). A seguir apresentamos os principais trabalhos que trataram desse fenômeno na LSB.

1.1 Estudos anteriores sobre os classificadores na LSB

Brito (1989, 1995) baseia seu trabalho na interpretação de Allan (1977) sobre os verbos classificatórios da língua navajo (cf. Capítulo 2) e define os classificadores da LSB como "partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização" (Brito 1995:103).

Em seu trabalho, Brito divide os classificadores da LSB em duas classes: (i) X-tipo de objeto e (ii) Segurar X-tipo de objeto. A primeira classe engloba os classificadores de forma e tamanho e a segunda representa o modo como certos objetos são segurados (representação direta e indireta de referentes, respectivamente (McDonald 1982)). Confira a tabela abaixo:

“Classificadores X-tipo de objeto”	
Configuração de Mão	***Representação***
“Y”	Forma/ tamanho: objetos altos e largos; pessoas gordas
“B”	Forma/ tamanho: objetos baixos ou planos; veículos Superfícies planas
“G”	Forma/ tamanho: objetos longos e finos; pessoa (uma pessoa) Descrição de contorno
“F”	Forma/ tamanho: objetos cilíndricos; objetos pequenos
Classificadores “Segurar X-tipo de objeto”	
Configuração de Mão	***Representação***
“S”	Modo de segurar guarda-chuva, carimbo, buquê de flores etc.
“C”	Modo de segurar livro, copo etc.
“F”	Modo de segurar objetos pequenos e finos, como botões, moedas, palitos, folha de papel etc.

Figura 1: Classificadores da LSB
Fonte: Brito, 1995

Brito afirma que os principais componentes dos "classificadores" são as configurações de mãos, embora a orientação da mão e outras partes do corpo possam ser também um componente, além de certas expressões faciais acompanharem os sinais. Propõe ainda que uma configuração de mão é um fonema que constitui o sinal e que só se torna um morfema numa situação em que é ponto de referência para a descrição de um evento.

> *Deve-se ter porém em conta que, por exemplo, no sinal CASA, a configuração de mão em B é um fonema e ela só passará a ser um classificador (um morfema) se, digamos, durante uma narrativa, ela permanecesse no espaço (por exemplo, a mão esquerda em B representando o teto), enquanto a mão direita executaria outros sinais, tomando-a como ponto de referência, como seria o caso de sinais descrevendo uma ação de um animal pulando sobre o teto. Nesse caso, teríamos sim um classificador (B).* (Brito 1995:112)

Outro aspecto salientado por Brito diz respeito à iconicidade. Brito afirma que a iconicidade é responsável pela transparência semântica de certos classificadores ou de certos sinais, mas que, com o passar do tempo, os itens lexicais tornam-se mais arbitrários. Além disso, ainda que icônicos os sinais não deixam de ser convencionais, pois cada língua apresenta sinais distintos para veicular o mesmo conceito.

O trabalho de Brito é um dos primeiros a destacar as construções classificadoras e, tal como aconteceu com as investigações pioneiras da ASL, apresenta uma preocupação em demonstrar que a LSB é de fato uma língua natural. Apesar de essa ser a tônica do seu estudo, este é de extrema relevância, por ser o primeiro trabalho a descrever a LSB de acordo com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

Outro trabalho pioneiro sobre construções classificadores em LSB é a tese de Felipe (1998). De acordo com Felipe, a LSB seria uma língua de classificadores predicativos por apresentar verbos classificadores, os quais apresentam variação no seu radical de acordo com as características dos seus argumentos. Felipe (1998) apresenta um quadro com os morfemas classificadores da LSB e um esquema que resume as qualidades atribuídas por eles aos sintagmas nominais, embora não forneça exemplos de predicados ou

sentenças com os classificadores. Segundo essa autora, podem-se dividir os classificadores da LSB em duas classes principais, uma para seres animados e outra para seres inanimados[1].

Classificadores usados para *seres animados*

-Relacionados a pessoas (b, d, e, f indicam quantidade de pessoas):

a. b. c. d. e. f.

-Relacionados a animais:

Figura 2: Classificadores para seres animados
Fonte: Felipe, 1998

Classificadores usados para *seres inanimados*

[1] Imagens de Lira & Souza (2006).

-Relacionados à forma dos objetos em geral:

-Relacionados a veículos:

Figura 3: Classificadores para seres inanimados
Fonte: Felipe, 1998

Felipe indica que os morfemas classificadores se realizam como desinências que vêm sempre afixadas às raízes verbais, estabelecendo um tipo de concordância com o referente que é argumento do verbo, o que pode ser observado na sentença que se segue.

(1) ONTEM HOMEM MEU CASA PORTA$_k$ JORNAL$_k$ AMONTOAR_COISA_PLANA$_k$

'Ontem um homem amontoou jornais na porta da minha casa'

No exemplo citado, o verbo concorda com o argumento interno e o movimento final da raiz verbal é um ponto convencionado (K) onde o locativo e o argumento interno são realizados. É importante destacar que, embora Felipe não faça uma descrição exaustiva de tais classificadores, a autora apresenta um ponto de partida para a investigação de tais morfemas e sua composição na estrutura argumental dos verbos.

Mais recentemente, Quadros (1999) e Quadros & Karnopp (2004) também abordam, ainda que superficialmente, a questão das construções classificadoras, denominadas de "verbos manuais" por Quadros & Karnopp (2004)[2]. De acordo com tais trabalhos, as construções classificadoras da LSB envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão e são semelhantes a construções tópico-comentário, pois primeiro são definidos os participantes e a situação a que o evento se refere, para só depois apresentar o predicado. Quadros & Karnopp afirmam que essa classe de verbos "poderia incluir os classificadores que incorporam a informação verbal da sentença, pois também incorporam o objeto" (Quadros & Karnopp 2004:205). Essa alternativa de análise dos classificadores na LSB será discutida no decorrer deste trabalho.

Finalmente, Capovilla & Raphael (2001) também distinguem "classificadores" em sua lista de verbetes da LSB. Esse estudo inicial revelou que, de aproximadamente 9.500 entradas, cerca de 450 são consideradas classificadores. Os autores definem tais elementos da seguinte forma:

> *O conceito de classificador diz respeito aos diferentes modos como um sinal é produzido, dependendo das propriedades físicas específicas do referente que ele representa. Os classificadores geralmente representam algumas características físicas do referente como seu tamanho e forma, ou seu comportamento ou movimento, o que confere grande flexibilidade denotativa e conotativa aos sinais.* (Capovilla & Raphael 2001:45)

Seguindo apenas essa definição, não há indicação nos verbetes sobre o tipo de classificador que um dado sinal poderia ser. Um olhar mais atento percebe que, na realidade, trata-se de categorias gramaticais diferentes e representações de um referente ou evento distintas. Observe os exemplos abaixo.

[2] Tradução de *handling verbs*. Este termo é freqüentemente utilizado para denominar construções classificadoras da ASL que se referem indiretamente a um objeto, principalmente descrevendo o modo como é segurado. Quando for necessária a distinção entre referência direta e indireta nesta tese, adotaremos a expressão 'verbo de manipulação', por ser o que melhor traduz a idéia de representação dos eventos em que está presente.

(2)

ACIDENTE DE CARRO

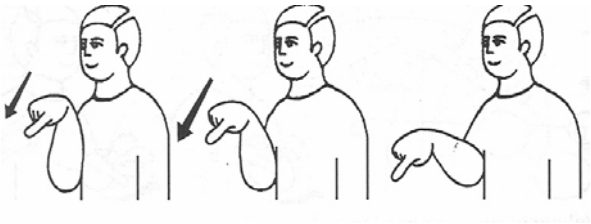
Descrição: fazer o sinal de carro e o sinal de bater (colidir), batida. Ex.: Meu colega sofreu um acidente de carro, mas felizmente não se feriu. (Capovilla & Raphael 2001:147)

(3)

ANEL

Descrição: Mão esquerda vertical aberta, palma para dentro; mão direita vertical fechada, palma para a esquerda, indicador e polegar distendidos. Passar as palmas do indicador e polegar direitos sobre o dedo anular esquerdo, da ponta em direção à base. Ex.: 'Com o aparecimento do Cristianismo, o anel passou a ser usado principalmente como símbolo de casamento.' (Capovilla & Raphael 2001: 197)

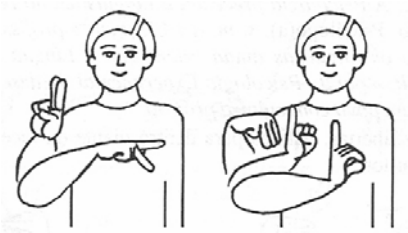
(4)



ALI

Descrição: Mão direita em 1 horizontal, palma para baixo, inclinada para dentro. Mover a mão diagonalmente para a frente e para baixo. Ex.: A borracha está ali no chão, perto do sofá. (Capovilla & Raphael 2001: 178)

(5)



PUDIM

Descrição: Soletrar P, U, D, I, M. Ex.: Gosto muito de pudim de leite com calda de caramelo. (Capovilla & Raphael 2001:1094)

O exemplo (2) acima, apesar de ter sido dicionarizado como um substantivo (o verbo BATER/ COLIDIR não é considerado pelos autores como classificador), é utilizado com freqüência na LSB como um verbo, numa construção classificadora. Em (3), temos também um substantivo, em que o sinal representa o ato de se colocar um anel no dedo. Na ilustração (4), o apontamento ALI é considerado um "classificador", contudo, outro apontamento da língua, AQUI, não é considerado como tal. Em outras línguas de sinais, esses elementos são tomados por dêiticos (Liddell 2003a), ou por verbos de localização que constituem uma construção classificadora (Cf., por exemplo, Supalla (1986) para a ASL e

Zwitserlood (2003) para a NGT). A figura (5) apresenta um substantivo soletrado manualmente.

1.2. Objeto de estudo deste trabalho

Diante da constatação de que o termo *classificador* tem sido utilizado para denominar fenômenos completamente diferentes em LSB, faz-se necessário separar o que será de fato objeto de estudo deste trabalho.

Serão excluídas da presente investigação entradas nominais como (5), em que há soletração, por não se tratar de indicação de alguma propriedade do referente representado. Também serão excluídos nomes que apresentam uma raiz que descreve um evento, mas que são fixas, como (3). O sinal ANEL em (3) será sempre o mesmo, independentemente de suas propriedades e o verbo COLOCAR-ANEL, pode ser, por isso, considerado o resultado de um processo derivacional comum em línguas faladas, em que um determinado item lexical pode pertencer a duas classes gramaticais diferentes.

Nossa investigação tratará especificamente de três tipos distintos de construções que têm sido abrigados sob o rótulo de *classificadoras*:

(i) construções com incorporação de objeto.

(ii) construções com verbos que incorporam modo de movimento; e

(iii) construções com verbos de deslocamento, existência e localização.

1.3 Metodologia e quadro teórico

Para proceder à análise das construções classificadoras na LSB foram utilizados dados de quatro fontes: (i) verbetes em Capovilla & Raphael (2001) denominados "classificadores"; (ii) dados reportados na literatura; (iii) dados coletados de narrativas curtas feitas por informantes surdos e (iv) dados elicitados e julgamentos de gramaticalidade de sentenças realizadas por informantes surdos.

O primeiro passo, levantamento dos verbetes indicados como classificadores em Capovilla & Raphael (2001), foi realizado com a finalidade de estabelecer um ponto de partida para a observação das construções classificadoras, já que ainda não há uma descrição sistemática de tais construções. Em seguida, foram analisadas narrativas curtas, sinalizadas por surdos fluentes em LSB, ou seja, surdos que utilizam a LSB como principal meio para comunicação. Em alguns casos, foi necessário utilizar julgamentos de sentenças por parte dos usuários da LSB e, nesses casos, intérpretes sinalizaram as sentenças a serem julgadas para que os surdos apontassem seu julgamento.

Os informantes que participaram desta pesquisa são usuários nativos da língua, ou seja, aprenderam-na como língua materna, ainda que alguns deles sejam bilíngües (LSB/ Português). Ao todo, foram consultados cinco informantes: F.D. é adolescente, ouvinte, filho de pais surdos; B.D. é adulta, surda, mãe de F.D.; R.C. é adulto, surdo, aprendeu português como segunda língua; O. S. é adulto, surdo, quase não tem conhecimento do português; T. S. é adulto, surdo, bilíngüe, fluente em LSB e português.

A análise das construções classificadoras da LSB aqui delineada se baseia no quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD daqui em diante) segundo Halle & Marantz (1993) e suas versões mais recentes (Harley & Noyer (2003) e Marantz (2001)), bem como nas análises de Glück & Pfau (1998) para a DGS, Zwitserlood (2003) para a NGT e Avelar (2004, 2007) para o português brasileiro.

Alguns autores, como Liddell (2003a), têm considerado as construções classificadoras como itens lexicais. Optamos por chamá-las "construções" pela sua complexidade morfológica e, nesse sentido, a MD é interessante porque não trabalha com categorias gramaticais atômicas, mas com feixes de traços que podem formar palavras ou sintagmas. Dessa forma, a análise toma operações sintáticas para a formação de tais estruturas, independente de serem consideradas, num primeiro momento, palavras ou sintagmas.

1.4 Sistema de notação dos sinais

Muitos sistemas de notação têm sido propostos para uma melhor compreensão dos fenômenos de línguas de sinais e ainda não há uma padronização desses sistemas. A forma de transcrição mais comum nos trabalhos acadêmicos é o alfabético, em que os sinais são representados pelos seus nomes, escritos em caixa alta ou maiúsculas. Diante das limitações desse sistema, foram surgindo outras maneiras de transcrever os sinais; no entanto, sistemas de transcrição mais apropriados ainda estão em desenvolvimento ou experimentação (cf. McClearly e Viotti 2006).

Diante disso, optamos por selecionar estratégias de notação que pudessem passar para o leitor a forma como os sinais foram produzidos, ainda que tenhamos consciência dos limites desse sistema.[3] Quando disponíveis, acrescentamos fotos dos informantes surdos às representações dos nomes dos sinais, indicando a mão que realizou o sinal no caso deste ser sinalizado com as duas mãos.[4] Segue um exemplo de tal sistema.

(6)

VEÍCULO_ULTRAPASSAR(md)

VEÍCULO(me)

'Um carro ultrapassou outro carro.'

[3] Veja-se páginas xvii e xviii para uma lista completa dos símbolos e abreviações utilizados nesta tese.

[4] Dados que estiverem desacompanhados de fotos resultam de simples consulta aos informantes (sem gravação) sobre a aceitabilidade das sentenças em questão ou não tiveram sua gravação e posterior utilização de imagens autorizadas pelos surdos consultados.

Na sentença acima, a mão direita (md) realiza o movimento que constitui a raiz verbal do sinal, enquanto a configuração da mão e sua orientação representam o argumento externo CARRO. A mão esquerda (me) representa o argumento interno CARRO e seu posicionamento em relação ao argumento externo. Em algumas sentenças, há indicação do local onde o sinal foi realizado, já que nesses casos o local será utilizado posteriormente para o estabelecimento da referência do argumento verbal representado no sinal. Essa indicação é realizada através de índices, conforme apresentado abaixo.

(7)

$MESA_b$

$COLOCAR_OBJETO_CILÍNDRICO_b$

'[Eu peguei o copo na pia e] coloquei o copo na mesa.'

A notação acima indica que o sinal MESA foi realizado num local **b** do espaço neutro, à direita do sinalizador. A construção complexa COLOCAR_OBJETO_CILÍNDRICO$_b$ é realizada de forma que o movimento correspondente à raiz verbal cessa no mesmo ponto **b**, representando o local onde foi colocado o copo.

1.5 Organização da tese

Esta tese encontra-se organizada como se segue. O Capítulo 2 apresenta uma visão geral do que são classificadores nas línguas faladas e de sinais, salientando os trabalhos que serviram como ponto de partida para o estudo dos classificadores nas línguas sinalizadas. No Capítulo 3 há uma descrição das construções classificadoras na LSB, baseadas em narrativas curtas sinalizadas por surdos. O Capítulo 4 expõe discussões a respeito da concordância nas LS, já que esse fenômeno constitui assunto de muitos debates na literatura da área, e propõe uma análise dos verbos de deslocamento da LSB que evidencia suas relações com a concordância. No Capítulo 5 são analisados predicados de existência e localização, com enfoque na sua relação com os chamados classificadores e na sua derivação. Finalmente o Capítulo 6 contém conclusões a respeito do que foi tratado na tese, apontando também perspectivas para pesquisas futuras.

2. O que são classificadores?

O presente capítulo inicia-se com uma revisão da literatura sobre os classificadores nas línguas orais e das construções classificadoras nas LS. Esta revisão não pretende ser exaustiva; seu objetivo é situar o leitor quanto ao fenômeno em questão, pontuando as características principais dos sistemas de classificadores nas línguas orais, o que será relevante para diferenciar tal sistema de classificação nominal do que ocorre nas línguas de sinais.

2.1 Os classificadores nas línguas orais

Classificadores nas línguas orais são definidos como morfemas afixados a itens lexicais que denotam características semânticas da entidade à qual o item lexical se refere (Allan 1977). Aikhenvald (2000), por exemplo, divide os classificadores em sete tipos distintos, como se segue.

(i) Classificadores de nomes – categorizam o nome a que estão associados de acordo com status social, função, natureza ou propriedades físicas e são independentes de qualquer outro elemento presente no sintagma nominal ou na oração.

(1)
Yidiny (Dixon 1982)
bama waguja
CL:person man
'a man'
[um homem]

(ii) Classificadores de número – aparecem juntos a numerais ou quantificadores. Categorizam um nome em temos de sua animacidade, forma ou outras propriedades inerentes.

(2)
Japonês (Hasada 1995)
kyuuri hachi-hon
cucumber eight-CL:elongated
[oito pepinos]

(iii) Classificadores relacionais – categorizam os modos pelos quais um nome possuído se relaciona com o seu possuidor.

(3)
Fijian (Lichtenberk 1983)
na me-qu yaqona
ART CL:drinkable-my kava
'my kava' (which I intend to drink)
[a minha kava] (que eu pretendo beber)

(iv) Classificadores de possessivos – um morfema especial numa construção possessiva pode caracterizar um nome possuído.[5]

[5] Aikhenvald (2000: 144-145) aponta a seguinte diferença entre os classificadores relacionais e classificadores de possessivos. Classificadores relacionais categorizam o tipo de relação possessiva, são utilizados somente com posse alienável e não são utilizados em línguas com múltiplos classificadores; por outro lado, classificadores de possessivos categorizam o nome possuído, são utilizados independentemente do tipo de posse e podem ser usados em línguas com classificadores múltiplos.

(4)

Tariana (Aikhenvald 2000)

tʃinu nu-ite

dog 1SG-CL:animate

'my dog'

[meu cachorro]

(v) Classificadores de verbos – são afixados ou incorporados no verbo, mas categorizam o referente de um argumento nominal de acordo com sua forma, tamanho, estrutura ou posição.

(5)

Waris (Brown 1981)

as ka-m put-ra-ho-o

coconut 1SG-to CL:round-get-BENEF-IMP

'Give me the coconut' (lit. 'coconut to-me round.one-give')

[Dê-me o coco]

(vi) Classificadores de locativos – são associados a adposições locativas.

(6)

Palikur (Aikhenvald 2000)

pi-wan min

2SG-arm on + vertical

'on your (vertical) arm'

[no seu braço]

(vii) Classificadores de dêiticos – associam-se a dêiticos e artigos dentro de sintagmas que contêm um determinante.

(7)

Mandan (Barron e Serzisko 1982)

dɛ-màk	dɛ-nak
this-CL:lying	this-CL:sitting
'this one (lying)'	'this one (sitting)'
[este]	[este]

Os classificadores que se associam a verbos foram, por muito tempo, considerados aqueles que mais se aproximam das construções classificadoras presentes nas línguas de sinais. Supalla (1986), por exemplo, tem como objetivo principal mostrar que a ASL utiliza as mãos e o corpo como articuladores para marcar classificadores de nomes nos verbos de localização e deslocamento. Supalla também compara os chamados classificadores da ASL com aqueles encontrados por Allan (1977) nas línguas faladas. Seguem abaixo alguns detalhes sobre a categorização nominal realizada através de classificadores combinados a verbos.

Segundo Aikhenvald (2000), os classificadores verbais categorizam o referente de seus argumentos pela sua forma, consistência, tamanho, estrutura, posição ou animacidade, e podem co-ocorrer com os argumentos verbais. A autora explica que, em muitas línguas, os classificadores verbais são opcionais e determinados pela função discursiva de um nome, sendo utilizados para manter a referência de um nome em narrativas. Esse tipo de classificadores pode ser realizado através de três processos:

(i) Incorporação Nominal de Classificadores – um nome é incorporado no verbo para categorizar um argumento interno do verbo.

(8)

Mayali (Evans 1996)

a) ga-rrulk-di an-dubang

3SG-GEN.CL:tree-stand(NP) CLIII-ironwood.tree

'An ironwood tree is there.' (lit. a tree-is there an ironwoodtree)

[Uma árvore de pau-ferro está ali]

b) ga-yaw-garrm-e al-daluk

3SG-GEN.CL:baby-have-NP CLII-woman

'She has a baby girl.'

[Ela tem uma menina]

(ii) Afixação – os classificadores se associam a verbos na forma de prefixos, infixos ou sufixos.

(9)

a) **Imonda** (Seiler 1985)

sa ka-m põt-ai-h-u

coconut 1SG-goal CL:fruit-give-REC-IMP

'Give me the coconut.'

[Dê-me o coco]

b) **Terêna** (Ekdahl & Butler 1979)

oye-pu'i-co-ti

cook-CL:round-THEME-PROGR

'He is cooking (round things).'

[Ele está cozinhando algo redondo]

(iii) Verbos Classificadores Supletivos – a seleção de uma raiz é condicionada pelas propriedades do referente de um argumento verbal, seja ele interno ou externo. De acordo com LaPolla & Thurgood (2003), a língua qiang (tibeto-burmanesa) apresenta quatro verbos existenciais/ locativos: **ʂɘ** para referentes inanimados que não estão contidos em um recipiente; **le** para referentes inanimados localizados em algum tipo de recipiente; **we** para referentes inanimados associados a objetos grandes de forma inalienável; e **ꟾi** para referentes animados.

(10)

Qiang (LaPolla 2003)

tsʂuɒtsɘ*-mɘq-tA lɘ⊗z-e-pen ʂɘ

table-top-LOC:on book-one-CL exist:INANIM

'There is a book on the table.'

[Há um livro em cima da mesa]

Ao comparar o sistema de classificadores da ASL com os classificadores das línguas faladas, Supalla (1978) os identificou como semelhantes ao tipo de classificador presente nas línguas *athabascan*[6]. Segundo Aikhenvald (2000), esse predicado seleciona uma raiz de acordo com as propriedades do referente de um dos argumentos, o que pode ser observado nos exemplos abaixo.

[6] Família de línguas indígenas faladas por tribos no oeste dos EUA e sudoeste do Canadá (inclui as línguas apache, navajo, bearlake, mescalero e chipewyan, dentre outras).

PredicadoVerbal	***Significado***
Lidí seghánį'a	'Dê-me uma única caixa ou sachê de chá.'
Lidí seghánįle	'Dê-me caixas ou sachês de chá.'
Lidí seghánįka	'Dê-me uma xícara ou outro recipiente raso, aberto de chá.'
Lidí seghánįhtį	'Dê-me um recipiente não-raso e fechado de chá.'
Lidí seghánįchu	'Passe-me uma única caixa ou sachê de chá.'
Lidí seghánįwa	'Passe-me caixas ou sachês de chá.'
Lidí seghánįhge	'Passe-me uma xícara ou outro recipiente raso, aberto de chá.'
Lidí seghánįhxe	'Passe-me um recipiente não-raso e fechado de chá.'

Figura 4: Uso dos verbos 'dar' e 'passar' em bearlake
Fonte: Rushforth, 1991

Cada um dos exemplos acima apresenta uma segunda pessoa do imperfectivo, junto a um pronome pessoal indireto de primeira pessoa (**se-**), o termo em Bearlake para 'chá' (**lidí**) e um verbo que se refere ao seu argumento interno. Por não ser possível identificar qual é o morfema classificador e qual a raiz verbal, tais verbos são denominados na literatura de verbos classificatórios (Rushforth, 1991).

A língua enga, falada na Nova Guiné, também apresenta verbos classificatórios. Essa língua possui ao todo sete verbos classificatórios que combinam referência à orientação do argumento do verbo a alguma propriedade inerente desse argumento, como em *katengé*, que se refere a argumentos verbais que simultaneamente sejam altos, grandes e fortes e estejam em pé. Confira a tabela abaixo.

Verbo	*Propriedade*	*Nome categorizado*
katengé 'stand'	referentes altos, grandes, fortes, em pé ou que sirvam de apoio	man, house, tree [homem, casa, árvore]
epengé 'come'	referentes que são intermitentes, líquido ou gás	rain, blood [chuva, sangue]
pentengé 'sit'	referentes considerados pequenos, baixos, fracos e horizontais	pond, possum [lago, gambá]

Figura 5 Verbos Classificatórios em enga
Fonte: Lang, 1975 e Foley, 1986

Grinevald (2000) aponta que os verbos classificatórios efetuam uma classificação lexical que pode ser encontrada em qualquer língua, como por exemplo o inglês, cujos verbos de ingestão identificam a consistência do material ingerido: *to suck* (objetos duros), *to drink* (líquido) e *to chew* (objetos densos). Grinevald (op. cit.) assinala que muitas vezes os verbos classificatórios são tidos como envolvendo classificadores de verbos, talvez pela possibilidade de que a variação não segmentável das raízes verbais seja o resultado de uma fusão dos morfemas classificadores com o verbo. A preocupação central dessa autora é apresentar distinções entre sistemas de classificadores e outros tipos de categorização nominal, como por exemplo, classes nominais e gênero[7].

Tendo explicitado a forma como os classificadores são concebidos pela literatura sobre línguas orais, seguem, abaixo, visões diferentes sobre o que se tem denominado de classificadores nas línguas de sinais.

[7] Cf. capítulo 4 para um maior detalhamento das diferenças entre tais sistemas.

2.2 Os classificadores nas LS

Como as análises sobre classificadores das línguas de sinais apresentam abordagens muito diversificadas, resumiremos os principais trabalhos que analisaram línguas de sinais específicas, para que o leitor tenha uma idéia acerca das discussões que foram feitas, e que ainda hoje existem, sobre o assunto.

2.2.1 Supalla (1978, 1982 e 1986)

De acordo com Supalla, em verbos de movimento e locativos da ASL, cada parâmetro fonológico (formacional) básico é um morfema. A raiz de um verbo de movimento ou locativo consiste de um movimento dentre um pequeno conjunto de movimentos possíveis, fazendo referência a um tipo de predicado subjacente (existência, localização ou movimento) e, para verbos de movimento, uma trajetória dentre um pequeno conjunto de trajetórias de movimento possíveis (linear, arco ou círculo).

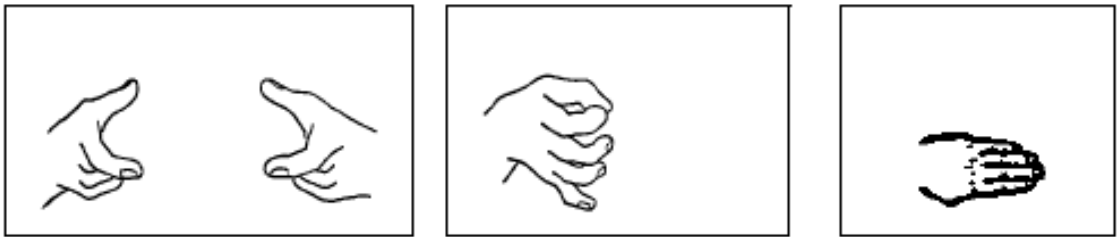
O autor aponta que um conjunto de morfemas articuladores (uma mão ou outra parte do corpo, com uma determinada configuração, orientação e situada num local particular, ao longo da trajetória do movimento) é obrigatoriamente afixado à raiz de deslocamento. A configuração de mão é tipicamente o morfema classificador do verbo de deslocamento ou locativo. A descrição de Supalla ressalta aspectos dos pontos de articulação envolvidos na sinalização dos classificadores da ASL e os divide em cinco tipos. Sua classificação ainda contempla inúmeros subtipos dentro de cada grupo.

(i) Especificadores de forma e tamanho (*Size-And-Shape-Specifier*) – a configuração de mão representa a forma e o tamanho do objeto. Nesse caso, partes da mão são consideradas morfemas que representam individualmente vários aspectos do objeto referente. Segundo esse autor, os classificadores do tipo Especificador de Forma e Tamanho (doravante EFT) são morfemas de verbos de deslocamento (deixaremos o termo "movimento" para os formativos dos sinais, presentes, por exemplo, nas raízes verbais) e de localização, que concordam com o nome em vários aspectos relativos à sua forma e

tamanho (cf. exemplo (11)). Vale destacar que, dentro deste conjunto, Supalla sugere a inclusão dos EFTs de contorno, sinais em que a mão traça o contorno de um dado objeto, que pode ser visto no exemplo (12).

(11)

a. b. c.



'large round object' *'small round object'* *'wide flat object'*

Fonte: Supalla (1982:27)

(12)

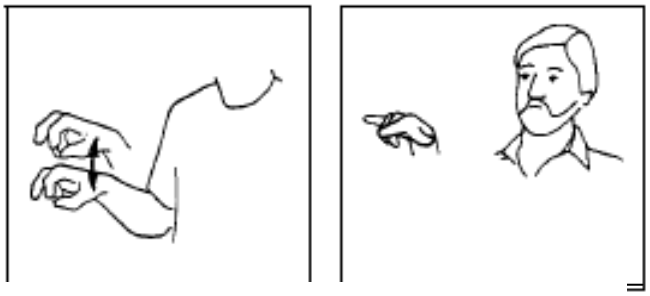
'house'

Fonte: Supalla (1986:207)

(ii) Classificadores semânticos – a mão que articula o sinal representa a categoria semântica de um objeto referente, como, por exemplo, animais, veículos, aviões etc., como pode ser observado nas ilustrações abaixo[8].

(13)

a. b.

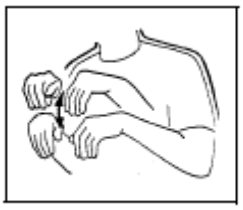


'*small animal (hops)*' '*airplane (flies)*'

Fonte: Supalla (1982:49); Supalla (1986:208)

(iii) Classificadores corporais – todo o corpo do sinalizador é utilizado para representar uma entidade (pessoa ou animal).

(14)



'animal hops'

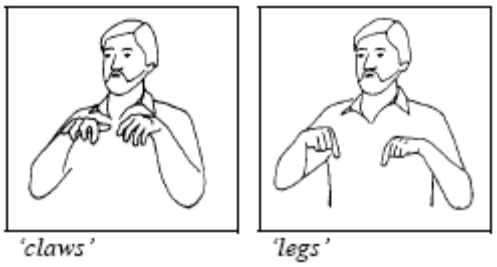
Fonte: Supalla (1982:49)

[8] Supalla (1986:208) apresenta variações para 'airplane (flies)'. Para o exemplo citado, foi considerada apenas uma das variantes.

(iv) Classificadores de partes do corpo – o corpo do sinalizador é usado para representar uma parte do corpo do referente. Várias localidades, como olho, nariz ou boca, podem ser utilizadas para marcar esses atributos nos objetos referentes. O sinalizador pode apontar para um certo local do seu corpo ou traçar o contorno dessa localidade em seu corpo, por exemplo, fazendo um círculo em volta de sua face para se referir à face do referente. Nos exemplos abaixo as mãos do sinalizador servem para representar as patas de um animal (15a) e as pernas de uma pessoa (15b).

(15)

a. b.

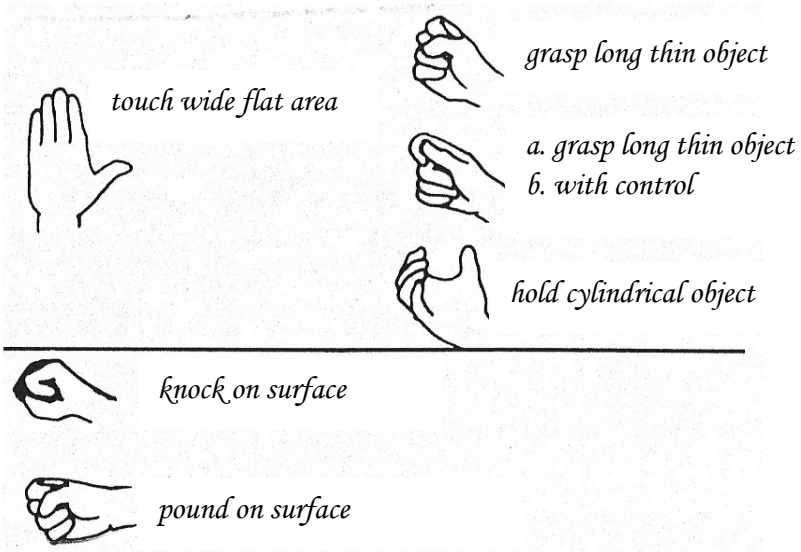


'claws' *'legs'*

Fonte: Supalla (1986:209-210)

(iv) Classificadores instrumentais – a mão do sinalizador ou um instrumento mecânico é usado para se referir ao tipo de instrumento que age sobre o objeto. Neste caso, o objeto só é referido indiretamente.

(16)



Fonte: Supalla (1986:211)

Em resumo, Supalla considera que algumas configurações de mãos (ou corpo/ parte do corpo) da ASL funcionam como os classificadores das línguas orais e são morfemas que marcam características salientes de uma entidade. As características marcadas são formas particulares ou categorias semânticas abstratas. Segundo o autor, da mesma forma que nas línguas faladas (e, principalmente, de forma semelhante ao que acontece nas línguas *athabascan*), cada nome é associado a um conjunto de classificadores que podem ser usados em um predicado. Em um mesmo discurso, um sinalizador pode mudar de um classificador para outro, com a finalidade de enfatizar características específicas de um nome.

Não foram poucas as críticas ao trabalho de Supalla. O motivo principal é que o texto de Allan (1977), em que se baseou, contém uma interpretação errônea da classificação nas línguas *athabascan*: ao mesmo tempo em que Allan define classificadores como morfemas afixados aos verbos, fornece exemplos da língua navajo, cujos verbos não podem ser segmentados em raiz verbal e morfema classificador. Como visto na seção anterior (2.1), os verbos classificatórios das línguas *athabascan* são semelhantes ao que ocorre em

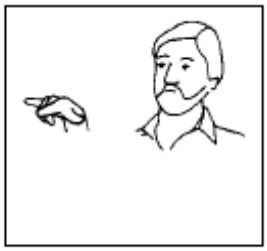
inglês, com os verbos de ingestão, por exemplo, que indicam a consistência da substância que é ingerida[9]. Com os trabalhos de Aikhenvald (2000) e Grinevald (2000) sobre os classificadores, houve a possibilidade de se compreender mais do fenômeno, o que resultou em mudanças na perspectiva das análises de línguas sinalizadas.

2.2.2 McDonald (1982)

Ao analisar construções classificadoras da ASL, McDonald distingue dois grupos de configurações de mãos que as constituem: (a) configurações de mãos que se referem **diretamente** a uma entidade e (b) configurações que se referem **indiretamente** a uma entidade. De acordo com essa classificação, numa construção como AIRPLANE_FLIES, da ASL, a configuração de mão se refere diretamente a uma entidade, pois representa o argumento AIRPLANE. Já em HOLD_CYLINDRICAL_OBJECT o objeto não é representado diretamente pela configuração de mão, mas indiretamente, pois o que se representa é a maneira como esse objeto é segurado/ manipulado por um determinado agente. Repetimos aqui as ilustrações de tais construções.

(17)

a.



'airplane (flies)'

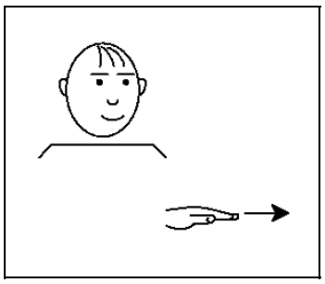
b.

'hold a cylindrical object'

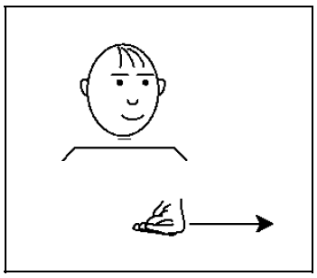
[9] Para uma comparação das construções classificadoras da LSB com os verbos classificatórios, cf. capítulo 3.

McDonald sugere que o movimento, nas construções classificadoras, é polissêmico, por poder expressar três significados diferentes: o deslocamento independente de uma entidade (um avião/ carro que se move), o deslocamento dependente de uma entidade (alguém move um copo/ uma folha de papel) e a extensão ou o contorno de uma entidade (descrição de uma fila de automóveis ou do contorno de uma mesa). As ilustrações que se seguem exemplificam os movimentos citados[10].

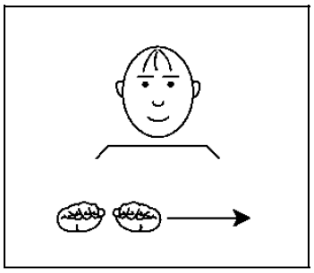
(18)

a. 

movimento de carro

b. 

mov. de uma folha de papel

c. 

extensão de superfície

Fonte: Zwitserlood (2003:53)

Para McDonald, a configuração de mão tem uma participação tão importante quanto o movimento para a significação do verbo, já que indica ou determina a sua valência. Configurações de mãos que se referem diretamente a uma entidade estão associadas a verbos intransitivos e aquelas que se referem indiretamente a uma entidade são usadas em predicados agentivos e/ ou transitivos. McDonald conclui que, numa construção classificadora, a configuração de mão, pela sua contribuição para o significado do sinal, deveria ser considerada como a raiz verbal.

O trabalho de McDonald constituiu uma das bases para o estudo das construções classificadoras nas línguas de sinais, apesar de sua conclusão a respeito do status da configuração de mão não ser compartilhada pela maioria dos estudiosos do

[10] As ilustrações são de Zwitserlood (2003), construídas a partir de descrição verbal feita por Engberg-Pedersen (1993), por não haver ilustrações no original de McDonald (1982) e de Engberg-Pedersen (1993).

assunto, com exceção de Engberg-Pedersen (1993). Outro ponto bastante discutido de sua análise é que autora assume, da mesma forma que Supalla (1982, 1986), que as construções classificadoras da ASL são semelhantes àquelas que pertencem às línguas orais.

2.2.3 Fischer & Janis (1992)

Fischer & Janis apresentam uma análise de construções que ficaram conhecidas como *verb sandwiches*, buscando explicar construções com duplicação de verbos[11]. O nome *verb sandwich* se refere à ordem linear dos elementos sentenciais, V-O-V, um objeto entre dois verbos, sendo que o último deles pode constituir uma construção classificadora.

A análise das duas pesquisadoras é denominada "licenciamento", pois se apóia na afirmação de que cada verbo da ASL licencia um determinado número de *slots* morfológicos, sendo que o número de *slots* que um verbo possui está associado ao número de argumentos que subcategoriza. Cada *slot* pode ser preenchido por uma marca de concordância (locativa ou não) ou por classificadores. No caso de o número de argumentos ser maior que o número de *slots*, como no exemplo (19b), um dos argumentos pode ser expresso por um sintagma independente ou um segundo verbo é gerado para fornecer os *slots* necessários. Seguem exemplos de Fischer & Janis (1992:2)

(19)

a. PARTY FINISH, H-A-R-O-L-D SWEEP FLOOR BROOM_SWEEP_AROUND...
'After the party, Harold sweeps up the floor [with a broom]…'
[Depois da festa, Harold varre o chão (com uma vassoura)...]

[11] Não nos deteremos nesse tipo de construção, por não ser o foco deste trabalho. Para uma análise das construções duplas da LSB, cf. Nunes & Quadros (2004), que analisam construções duplas na LSB assumindo que o apagamento de vestígios (cópias) no componente fonológico (Nunes 1999, 2004) é desencadeado pelo Axioma de Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom* (LCA) (Kayne 1994)). Nunes e Quadros apontam que se o LCA não se aplica em ambiente interno à palavra (Chomsky 1995), uma cópia pode ficar invisível ao LCA se for reanalisada morfologicamente como sendo parte de uma palavra e, nesse caso, pode haver mais de uma cópia foneticamente realizada (cf. Nunes 1999, 2004).

b. $_{3sg}$HIT_PERSON, $_{b}$FLAT_OBJECT_HIT$_{1sg}$_IN_HEAD

'Person A hit someone B in the head.

[Uma pessoa bateu em alguém na cabeça.]

Segundo essas autoras, a ASL requer que argumentos de instrumento apareçam na superfície como morfemas, na forma de classificadores, unidos ao verbo. Por exemplo, a seqüência de sinais SWEEP WITH BROOM 'varrer com vassoura' é considerada inglês sinalizado, e não ASL. Em ASL, o verbo é glosado BROOM_SWEEP_AROUND, em que o sinal BROOM (instrumento) faz parte do sinal que constitui o verbo, sendo assim impossível dissociá-los.

O problema que essa análise traz começa com a sentença exemplificada em (19a), pois a glosa contém a informação de que um instrumento (classificador) está incorporado ao verbo, o que não procede. O sinal relativo a SWEEP é realizado da mesma forma que o sinal BROOM, o que indica uma formação denominal do verbo. No dicionário *American Sign Language Browser*, da Universidade de Michigan, esses sinais[12] são descritos como citado em (20). Os vídeos apresentados no dicionário deixam claro que se trata de um mesmo sinal.

(20)

a. SWEEP

One hand is a broom sweeping the floor which is represented by the other hand held horizontally.

b. BROOM

The hand shows the action of a broom sweeping the floor.

[12] Foram consultados outros dicionários da ASL e, apesar de haver variação no sinal realizado, sempre a forma para SWEEP é idêntica a BROOM em uma mesma variante lingüística.

Além do problema com as glosas, como apontado acima, a sentença (19b), que apresenta uma construção classificadora (FLAT_OBJECT_HIT_IN_HEAD), é analisada como se houvesse incorporação de um objeto na raiz verbal. Na realidade, não é um objeto que é associado ao verbo, mas uma propriedade desse objeto. Tanto é verdade que o uso de construções classificadoras exige que o argumento do verbo tenha sido especificado no contexto; caso contrário, não há como estabelecer a referência entre o morfema "classificador" e o objeto a que se refere. Outro ponto que merece ser destacado na análise de Fischer & Janis é que as autoras apresentam uma análise unificada para construções classificadoras e *verb sandwiches* aspectuais, o que acaba por desconsiderar o tipo de morfologia envolvida em cada processo. Em sua análise, aspecto e argumento verbal têm o mesmo status.

2.2.4 Matsuoka (2000)

De acordo com Matsuoka, a presença de múltiplos argumentos (objeto e instrumento) no verbo indica uma estrutura temática que corresponde àquela proposta por Larson (1988) para construções com dois objetos no inglês. A autora analisa sentenças como (19a), evidenciando a diferença entre tais verbos e os *verb sandwiches*. Da mesma forma que Fischer & Janis, Matsuoka entende que o verbo SWEEP seja uma construção classificadora, mas se opõe à proposta daquelas autoras por considerar tipos diferentes de morfologia (flexional e lexical) nos dois fenômenos sob enfoque. Matsuoka sugere que haveria um processo de incorporação lexical nas construções classificadoras − o que é revisto pela própria pesquisadora em trabalhos subseqüentes − pelo fato de configurações de mãos se associarem aos verbos, e não a NPs. Nessa segunda perspectiva, sua análise contempla a associação de uma configuração de mão ao verbo através de um processo que lembra flexão, mas esse termo não está explícito na análise.

2.2.5 Pichler (2001)

De modo semelhante à análise de Fischer & Janis (1992), Pichler (2001) propõe que a ASL dispõe de uma projeção de modo MannerP (*Manner Phrase*), responsável por abrigar a morfologia presente nas construções classificadoras e nos verbos com aspecto, para explicar tanto a ordem SOV quanto as construções duplas envolvendo os verbos supracitados. A pesquisadora denomina de *morfologia de reordenação* à classe natural formada pela morfologia aspectual e pela morfologia presente nas construções classificadoras.

Para sentenças como (19a) acima (repetida aqui como (21)), Pichler sugere que a projeção MannerP possa fornecer o número de projeções necessárias para abrigar a quantidade de morfemas de reordenação que estão presentes nos verbos, embora não haja uma descrição mais detalhada da derivação proposta por essa pesquisadora.

(21)
PARTY FINISH, H-A-R-O-L-D SWEEP FLOOR BROOM_SWEEP_AROUND...
'After the party, Harold sweeps up the floor [with a broom]…'
[Depois da festa, Harold varre o chão (com uma vassoura)...]

A proposta de Pichler, assim como as outras análises apresentadas até aqui, buscam mecanismos para defender a utilização de mais posições que consigam abrigar a quantidade de material morfológico presente nos predicados complexos das línguas de sinais (em particular, da ASL). Cada proposta toma um determinado elemento (modo, aspecto, concordância) como responsável pela projeção que abrigaria tais elementos.

Para a LSB, no entanto, adotar uma projeção de modo como MannerP parece não ser uma explicação satisfatória para todas as construções classificadoras. De fato, algumas das construções classificadoras denotam o modo como um determinado objeto é manipulado, mas não ocorre o mesmo com todas as configurações de mãos que representam diretamente um referente. Na sentença CARRO SUBIR ('O carro subiu a

ladeira'), o predicado apresenta a classe semântica do referente (veículos), mas não faz, necessariamente, referência ao modo como se deu o deslocamento do referente.

2.2.6 Meir (2001)

Meir (2001) apresenta uma proposta de análise das construções classificadoras na língua de sinais israelense (ISL) através de um processo de incorporação sintática. Baseando-se em Mithun (1984, 1986) e Rosen (1989), que tratam classificadores das línguas orais como instâncias de incorporação nominal, Meir considera que uma construção classificadora é o resultado de um processo morfológico de composição.

Para Meir, esse processo de incorporação de um nome na estrutura argumental de um verbo satura o argumento interno, o que implica não ser possível a existência de uma estrutura classificadora que apresente um argumento interno expresso abertamente, como acontece em sentenças com construções duplas. Meir afirma que, nas línguas faladas, a incorporação nominal geralmente se refere a argumentos *Paciente*, e é rara a incorporação de *Tema* ou *Instrumento*, enquanto na ISL o mais comum é a incorporação de *Instrumento*, embora argumentos *Paciente* também possam ser eventualmente incorporados.

Meir explica essa diferença pela modalidade: de acordo com Jackendoff (1987, 1990)[13], os argumentos podem estar relacionados a dois papéis temáticos, cada um num *tier* diferente, um *tier* espacial e um *tier* de ação. As línguas de sinais realizariam a incorporação no *tier* espacial, enquanto as línguas faladas, no *tier* de ação. Isso porque as línguas de sinais expressam relações espaciais de uma forma diferente das línguas orais, predominando o aspecto espacial sobre a ação.

Embora Meir inclua em sua análise o aspecto espacial, de importância indiscutível nas línguas de sinais, sua proposta acaba por também considerar que um NP é incorporado ao verbo. Embora a incorporação de um NP seja recorrente em várias línguas faladas e um fenômeno produtivo nas línguas de sinais, esse não parece ser o caso das construções classificadoras da LSB. Nessa língua, apenas uma propriedade do referente do

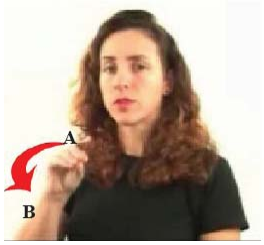
[13] Jackendoff (1990) apresenta uma teoria sobre camadas temáticas (*Theory of thematic tiers*). Segundo esse autor, existem dois tiers temáticos: um temático, relacionado a Tema, Fonte, Alvo, Locativo; e outro para ação, relacionado a Ator (agente), Experienciador, Paciente, Beneficiário.

argumento verbal está "incorporada" ao verbo, não o próprio nome. Esse contraste pode ser identificado na sinalização dos predicados abaixo[14].

(22)

a. BEBÊ_CARREGAR

b. COLOCAR_OBJETO_PEQUENO



Em (22a) a única interpretação possível é 'carregar um bebê', enquanto em (22b) há várias possibilidades de leitura, desde que os argumentos verbais possuam a propriedade de serem pequenos: a configuração de mão utilizada pode representar uma borracha, um apontador, uma tesoura etc.

Além disso, as construções classificadoras da LSB permitem que o argumento interno seja expresso abertamente, seguido do verbo que contém o morfema "classificador", o que torna a proposta de Meir inadequada para a língua sob análise. A sentença que se segue é sinalizada com o predicado (22b) ilustrado acima.

(23)

MARIA BORRACHA COLOCAR_OBJETO_PEQUENO$_k$

'Maria colocou a borracha (no armário).

[14] As ilustrações são de Lira & Souza (2006).

Na sinalização da sentença, BORRACHA não só pode estar presente na realização do sinal, como é obrigatória sua presença em algum ponto do discurso. O predicado verbal apenas faz referência a um certo objeto, que deve ser especificado em algum momento do discurso. Como a análise de Meir não prevê tais possibilidades, não pode ser aplicada à LSB.

2.2.7 Liddell (1995, 2000, 2003a, 2003b)

A análise das construções classificadoras que mais se opõe à de Supalla (1978, 1982, 1986), McDonald (1982) e aos estudos neles embasados é a de Liddell (1995, 2000, 2003a, 2003b). A proposta de Liddell rejeita tanto uma análise que considera tais construções como resultado de imagens mentais[15] puras quanto aquelas que vêem os morfemas como determinantes de seu significado.

Segundo Liddell (2003a), enquanto a abordagem que envolve imagens mentais puras captura aspectos importantes do que as construções classificadoras expressam, é incapaz de explicar as propriedades lexicais que essas construções possuem. Por outro lado, as imagens mentais não podem ser ignoradas, já que sua contribuição é essencial para apreensão do significado das construções classificadoras.

Liddell afirma também que uma proposta que considera essas construções como constituídas somente por raízes e afixos não explica porque sinalizadores rejeitam muitos sinais como inaceitáveis, ainda que formados através da combinação de morfemas que constam do suposto inventário de morfemas da língua. Tanto os sinais inaceitáveis como as lacunas (sinais previstos como possíveis que não ocorrem na língua) constituem problemas para as duas análises, mas podem ser explicados se os sinais são parcialmente lexicais (Liddell 2003a). Considere o exemplo abaixo.

[15] No original, *visual imagery* (lit. 'imagens visuais'). O termo foi apresentado por DeMatteo (1977), que propõe um tipo de forma subjacente às construções classificadoras, que seriam responsáveis por determinar o seu significado. A tradução 'imagens mentais' foi utilizada por melhor descrever o fenômeno em questão.

(23)

VEHICLE_BE_AT

Fonte: Liddell (2003a:262)

O sinal VEHICLE_BE_AT é visto por Liddell como um verbo lexical que consiste de dois morfemas, um que denota o tipo de entidade que participa do evento (tradicionalmente descrito como classificador) e outro que significa *be located*, expresso por um pequeno movimento para baixo, com uma retenção final. Liddell afirma que há dois morfemas no verbo acima, mas outros verbos podem ser compostos por mais de dois morfemas, como é o caso de verbos sinalizados com as duas mãos.

No verbo exemplificado, através de uma operação de integração[16], a mão se torna uma instância visível do carro sendo descrito, o modo como as pontas dos dedos estão

[16] A análise proposta por Liddell da significação dos verbos que constituem as construções classificadoras baseia-se na Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier 1994, 1997; Fauconnier e Turner 2002). De acordo com essa teoria, inserida no campo da Lingüística Cognitiva, os espaços mentais são considerados

> *pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos lingüísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para estas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais* (Fauconnier 2005).

Dessa forma, as expressões lingüísticas não são portadoras de significados, mas guias que conduzem à significação. A integração (*blending*, no original) é um processo que opera com dois espaços mentais como input. Esses espaços mentais são interligados e projetados num terceiro espaço com conteúdo próprio, projeção esta que é propiciada pela existência de características comuns aos espaços de entrada e que constituem o chamado espaço genérico. Nas línguas de sinais, o sinalizador usa uma conceptualização que vai

orientadas descreve a direção do carro e a localização da mão representa o local onde o carro está. Esse mesmo verbo pode se integrar com uma bicicleta, motocicleta, ônibus, caminhão etc.

De forma resumida, a abordagem de Liddell prevê que o significado de uma construção classificadora é a constituído pelo significado de morfemas identificáveis, da unidade lexical como um todo e também do significado proveniente dos mapeamentos de espaços mentais, motivados pelos modos variáveis e gradientes de localização e orientação da mão.

A análise de Liddell é interessante porque captura aspectos até então desconsiderados nas análises da ASL: a construção do significado nas construções classificadoras. No entanto, como apontado pelo próprio autor, sua proposta não enfoca a estrutura interna das construções classificadoras, objeto de estudo deste trabalho.

2.2.8 Glück & Pfau (1998, 1999); Benedicto & Brentari (2004) e Zwitserlood (2003)

Por apresentarem uma abordagem semelhante no que se refere ao tipo de processo presente nas construções classificadoras, os trabalhos acima serão analisados conjuntamente.

Glück & Pfau (1998, 1999) afirmam que as configurações de mãos numa construção classificadora funcionam como morfemas de concordância na Língua de Sinais Alemã (DGS, daqui em diante). Tais autores utilizam o quadro teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993) para explicar as diferentes formas encontradas no sistema de concordância da DGS, notadamente "classificadores" e *loci*[17]. De acordo com Glück & Pfau (1999), os nós de concordância na DGS são concatenados aos verbos na derivação e os traços-φ para pessoa e número são copiados. Em Spell-Out, o material

além do espaço real, criando uma integração com esse espaço real. A partir disso, cria-se um mapa que conduz à significação (Liddell 2003a).

[17] O termo *locus* e seu plural *loci* são amplamente utilizados na literatura sobre LS. Tal termo faz referência ao local (ou locais) para o(s) qual(is) um apontamento é direcionado. Cf. capítulo seguinte para detalhes sobre a concordância nas LS.

fonológico é inserido em algum desses nós de concordância, a saber, *loci* no espaço de sinalização.

Benedicto & Brentari (2004), ao analisar as propriedades morfossintáticas dos classificadores na ASL, defendem a tese de que os morfemas classificadores é que são responsáveis por desencadear as alternâncias nas estruturas argumentais dos verbos. A hipótese geral que norteia a investigação de Benedicto & Brentari (2004) é que os classificadores são núcleos funcionais que projetam na sintaxe e o argumento que se localiza no seu Spec entrará numa relação estrutural de concordância Spec-Head com tal núcleo funcional, compartilhando suas propriedades morfológicas e sintáticas. A configuração estrutural que a análise das autoras cria é de concordância estrutural e trata os classificadores como elementos de concordância (Janis 1992, Glück & Pfau 1998) e não como elementos incorporados (Meir 2001).

A argumentação de Glück & Pfau (e Benedicto & Brentari) baseia-se no fato de que uma sentença sem concordância de pessoa ou lugar poderia licenciar argumentos nulos se apresentar morfema classificador. Esse ponto, no entanto, é discutível, pois Lillo-Martin (1986, 1991) e Lillo-Martin & Sandler (2006) demonstram que a ASL permite argumentos nulos na ausência de concordância. Em verbos que não apresentam concordância, a presença de topicalização é que licencia argumentos nulos, como exemplificado em (24) abaixo (Lillo-Martin & Sandler 2006:398).

(24)

_____t

$_a$MOTHER, $_a$PRONOUN DON'T-KNOW WHAT ($_a$PRONOUN) LIKE

'Mother$_k$, she$_j$ doesn't know what$_k$ (she$_j$) likes t$_k$.'

Segundo Lillo-Martin & Sandler (2006), esse tipo de argumento nulo é pouco produtivo, e o exemplo acima só é gramatical quando o tópico, o argumento externo do verbo da oração principal e o da oração encaixada estão todos co-indexados. Quadros

(1995) aponta que esse fenômeno também ocorre na LSB, evidenciando dois tipos de argumentos nulos nessa língua.

Analisando o sistema de concordância através da perspectiva dos traços-φ (cf. Neidle et al. (2000)), Zwitserlood (2003) sugere que, na NGT, os traços-φ parecem não conter traços de pessoa ou número (cf. Lillo-Martin & Klima (1990) e McBurney (2002) para argumentos similares àqueles relacionados aos pronomes da ASL). De acordo com Zwitserlood, as configurações de mãos podem ter um padrão semelhante aos traços de concordância de gênero (ou classe nominal). Apesar de a NGT não possuir configurações de mãos distintas para referentes masculino (ou macho) e feminino (ou fêmea), algumas línguas de sinais as têm, como a Língua de Sinais de Taiwan (Smith 1989).

Para Zwitserlood, o inventário de configurações de mãos classificadoras na NGT é similar aos sistemas de classes nominais das línguas bantas, pelo fato de ambas as línguas classificarem os referentes de acordo com animacidade e forma, ao invés de sexo, como nos sistemas de gênero das línguas indo-européias, além de que o número de classes encontrado nas línguas bantas e na NGT é maior que as duas ou três classes encontradas nas línguas indo-européias.

A análise de Zwitserlood consegue desenvolver, num certo sentido, a proposta de Glück & Pfau, unificando em um sistema de concordância os "classificadores" e a concordância através de *loci*. Zwitserlood apresenta, em sua proposta, flexibilidade para contemplar as diferenças que podem ocorrer entre os sistemas de concordância nas diferentes línguas de sinais, o que torna possível considerar os traços específicos que cada língua possui em seus sistemas.

Antes de avaliar as propostas de Glück & Pfau (1998, 1999), Benedicto & Brentari (2004) e Zwitserlood (2003), faz-se necessário compreender o que é concordância nas línguas de sinais, visto que o aspecto espacial tem uma importância fundamental no desencadeamento da concordância. Para tanto, apresentaremos no capítulo seguinte discussões sobre esse assunto, para depois procedermos à apresentação dos dados da LSB e discussão da viabilidade dessas propostas de Zwitserlood para se analisar as construções classificadoras da LSB.

2.3 Sumário

Neste capítulo, foram sintetizadas as principais análises existentes para as construções classificadoras, nas línguas orais e nas línguas faladas. Diante do que foi exposto, podemos assumir que existem quatro tipos de propostas de análise: (i) construções classificadoras possuem classificadores semelhantes àqueles das línguas orais – daí deriva a denominação "construções classificadoras"; (ii) construções classificadoras são o resultado de incorporação; (iii) construções classificadoras são estruturas morfossintáticas nucleadas por uma projeção funcional – que pode ser Aspecto, Modo, Maneira, Concordância; e (iv) as informações relevantes que compõem as construções classificadoras são traços ou feixes de traços morfossintáticos que, por sua vez, formam morfemas que se associam a raízes verbais, e que têm o seu significado estabelecido através de mapeamentos de espaços mentais. A partir de tais considerações é que analisaremos as construções classificadoras na LSB, conforme os capítulos que se seguem.

3. Exemplos de construções classificadoras na LSB

A partir das narrativas sinalizadas por informantes surdos, obtivemos resultados como os exemplos que se seguem.

(1)

1. RUA TER(md)
RUA(me)

2. POSTE DE LUZ(md) TER(md)
RUA(me) RUA(me)

3. MULHER(md) $_{a}$ANDAR$_{b}$(md) RUA

RUA(me) RUA(me)

4. POSTE(md) PERTO(md) ANDAR(md)

RUA(me) RUA(me) RUA(me)

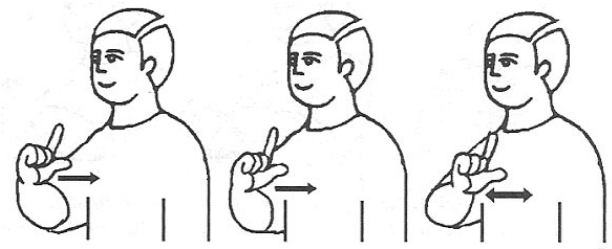
‘Tinha um poste na rua, a mulher passou do lado (do poste).’

No exemplo acima, o sinalizador primeiro utiliza uma estrutura existencial para apresentar o local (RUA) onde se dá o evento expresso pela construção classificadora (linha 1). Em seguida, na linha 2, localiza o argumento POSTE em relação ao local anteriormente especificado. Na linha 3, apresenta outro argumento (MULHER) para sinalizar, posteriormente, um verbo de deslocamento numa construção classificadora, que descreve o evento. Pode-se notar que o substantivo RUA marca sua localização em relação aos outros argumentos sentenciais e vice-versa: o movimento que compõe o sinal ANDAR é realizado numa trajetória paralela a RUA, e POSTE é sinalizado em um ponto específico de RUA. Os pontos de realização dos sinais servem como referência para a representação/ descrição da localização desses elementos no espaço real. O verbo ANDAR descreve o movimento de uma pessoa, que passa ao lado de um poste. Esse verbo é realizado com uma configuração

de mão utilizada para representar argumentos verbais animados, em deslocamento de um ponto **a** para um ponto **b**.

Na ASL e na NGT verbos de existência são considerados construções classificadoras, pois não existe um sinal específico para tais verbos. O verbo TER, no entanto, não apresenta modificação no sinal, será realizado como em (2) abaixo, independentemente de quais argumentos selecione. Por outro lado, o verbo ANDAR é realizado com uma configuração de mão que representa seres animados, o que lhe confere um estatuto de construção classificadora. Contudo, seria inadequado considerar tal construção como um processo de incorporação, já que apenas uma propriedade do objeto é associada ao verbo e não o próprio nome (argumento do verbo).

(2)



TER

Descrição: Mão direita em L, palma para a esquerda. Tocar a ponta do polegar no peito, duas vezes. Ex.: Você tem o livro indicado para me emprestar? (Capovilla & Raphael 2001:1242).

Quanto às construções com verbos de localização, no trecho abaixo se pode verificar com mais detalhes sua ocorrência.

(3)

1. EU QUERER SABER ONDE

2. BICICLETA ONDE BICICLETA

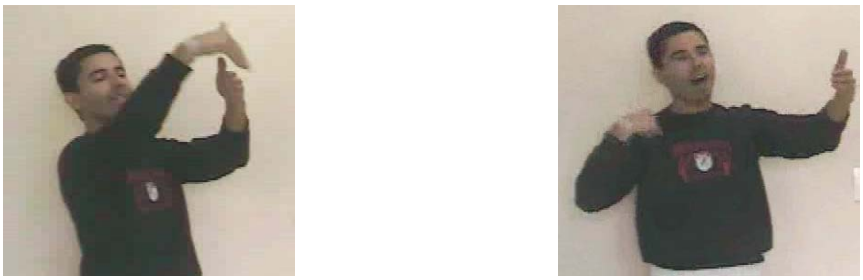
3. ONDE CADÊ PENSAR BICICLETA

4. ELE ROUBAR

5. NÃO(3x) DESCULPAR TER

6. BICICLETA VEÍCULO_DUAS_RODAS(md) LADO(me) CASA

7. VEÍCULO_DUAS_RODAS(md) LADO_CASA(me) EU(md) LADO_CASA(me)



VER(md) LÁ(md)

LADO_CASA(me) LADO_CASA(me)

‘Eu queria saber onde estava minha bicicleta. Eu pensei que ele (um ladrão) tinha roubado, mas me enganei, a bicicleta estava do lado de casa, eu vi a bicicleta lá.’

No exemplo acima, o referente BICICLETA é localizado no espaço de sinalização como uma representação de como o objeto está localizado no espaço real, ou seja, do lado de CASA (cf. ilustração 1, linha 7). O sinal utilizado para representar BICICLETA é composto pela mão direita em B horizontal, palma para a esquerda e um movimento curto, seguido de retenção, que especifica a localização do objeto. Esse sinal pode ser utilizado para representar qualquer veículo que tenha (ou esteja se movimentando) com duas rodas.

As sentenças de localização na LSB servem para indicar a localização de um dado objeto no espaço, como em (3), ou para atribuir referentes a diferentes pontos no espaço, de forma que tais pontos sejam usados para futura referência aos referentes, como se pode verificar no exemplo abaixo.

(4)

1. PESSOA(me) ESSA(md) FALAR

M-A-R-I-A (md) PESSOA(me)

2. TER BICICLETA JUNTO

3. LÁ CARRO VERMELHO

4. VEÍCULO(md) LÁ(md)

LADO_VEÍCULO_DUAS_RODAS(me) LADO_VEÍCULO_DUAS_RODAS(me)

‘Maria falou que tem uma bicicleta do lado do carro vermelho.’

O exemplo (4) apresenta duas formas de localização de referentes. Na ilustração 1 (linha 1), é atribuído a uma mulher, MARIA, um ponto no espaço. Sua representação é estabelecida através de uma configuração de mão em D. Na ilustração 2 (ainda na linha 1), um apontamento direcionado a essa configuração de mão indica que MARIA é um dos argumentos do verbo FALAR. Já na linha 4, a ilustração 1 representa a localização relativa aos objetos BICICLETA e CARRO. O primeiro sinal é realizado da mesma forma que no exemplo anterior e o segundo, com a mão direita em B horizontal, palma para baixo.

Embora autores como Brito (1995) e Felipe (1998) apresentem as construções classificadoras como configurações de mãos associadas aos verbos, os exemplos aqui explicitados indicam que a orientação da mão pode distinguir objetos diferentes, como a configuração de mão em B, que pode apresentar palma para baixo ou para a esquerda, na representação dos referentes CARRO e BICICLETA, respectivamente.

Em (5), tem-se um exemplo adicional de localização de referentes e alguns exemplos de verbos de deslocamento.

(5)

1. COPO SUPERFÍCIE_PLANA

2. P-I-A(md)

SUPERFÍCIE_PLANA(me)

3. PIA

4. OBJETO_CILÍNDRICO_EM_CIMA_DA_PIA$_a$ DEPOIS

5. EU $_a$PEGAR_OBJETO_CILÍNDRICO

6. DEPOIS $_a$PEGAR_OBJETO_CILÍNDRICO

7. $MESA_b$

8. $COLOCAR_OBJETO_CILÍNDRICO_b$

'Tinha um copo em cima da pia. Depois, eu peguei o copo e coloquei (o copo) em cima da mesa.'

Na linha 1 temos a localização de um objeto, COPO, em uma superfície plana[18]. Em seguida, essa superfície plana é nomeada PIA. O referente é localizado à esquerda do sinalizador. Na seqüência, o sinalizador (EU) manipula o referente COPO, através do verbo PEGAR e, finalmente, o referente é colocado em outro local, referente a MESA, à direita do sinalizador. No que diz respeito aos verbos de deslocamento, PEGAR é realizado de modo que representa a forma cilíndrica de seu argumento interno COPO,

[18] Os estudos sobre os classificadores da ASL apresentam sinais semelhantes ao realizado na ilustração 2 da primeira linha, SUPERFÍCIE_PLANA como classificadores de extensão e/ ou superfície (Supalla 1982, 1986; Engberg-Pedersen 1993). Nesta tese, tais estruturas não serão enfocadas, por funcionarem, nos dados coletados como um modificador de nomes. No caso do exemplo citado, o sinal PIA é caracterizado como uma superfície plana.

assim como o verbo COLOCAR. Para tanto, é utilizada uma configuração de mão em C horizontal, com a palma para a esquerda.

No exemplo (6), que se segue, tanto o verbo PEGAR quanto COLOCAR são realizados com a mão direita fechada, vertical, palma da mão para frente, dedos indicador e polegar distendidos e unidos pelas pontas. Essa realização indica que o objeto manipulado possui a propriedade 'objeto pequeno'. O verbo CAIR também é realizado de acordo com essa mesma propriedade do referente BOTÃO.

(6)

1. $BOTÃO_a$ BLUSA

2. $_aCAIR_BOTÃO_b$

3. DEPOIS $_{b}$PEGAR_OBJETO_PEQUENO

4. COLOCAR_OBJETO_PEQUENO_EM_CIMA_DO_ARMÁRIO$_{c}$

‘Caiu um botão da minha blusa, depois eu o peguei e coloquei em cima do armário.’

O movimento é que distingue os dois verbos: PEGAR começa em um ponto **b** do espaço de sinalização que foi atribuído na realização do verbo CAIR, bem abaixo da cintura do sinalizador, e termina próximo à região **a**, onde o referente BOTÃO foi sinalizado. COLOCAR, por sua vez, inicia-se próximo ao local **a** e termina no ponto **c**, que representa a localização de um outro referente (ARMÁRIO). É importante salientar a diferença entre o verbo CAIR e PEGAR: o primeiro é realizado com duas mãos, enquanto a mão direita realiza o movimento, a mão esquerda constitui uma base para o sinal, fazendo referência a BOTÃO, e não a qualquer objeto pequeno. O sinal PEGAR, apesar de ter seu início realizado com as duas mãos, a mão esquerda logo fica numa posição neutra, resultando numa referência a qualquer objeto que possua a propriedade ‘pequeno’.

Diante do que foi exposto, parece não haver diferenças significativas entre os dois verbos, pois ambos tratam da transferência de um dado referente e utilizam os mesmos parâmetros na formação do sinal. Nas ilustrações (7) e (8) abaixo, serão apresentados mais exemplos de verbos de deslocamento.

(7)

1. ONTEM TRÂNSITO

2. LOTADO CONGESTIONAMENTO

3. TER CARRO VEÍCULO_BATER(md)
OBJETO_LONGO(me)

4. DEPOIS(md) VEÍCULO_ULTRAPASSAR(md)
OBJETO_LONGO(me) VEÍCULO(me)

5. VEÍCULO_BATER(md)
VEÍCULO(me)

‘Ontem o trânsito estava congestionado, tinha um carro que bateu no poste, depois um carro ultrapassou o outro e os dois carros colidiram.’

Em (7), temos dois verbos de deslocamento, ULTRAPASSAR e BATER, que utilizam configurações de mãos para indicar a referência de seus argumentos, tanto internos quanto externos. Na primeira situação, um carro bate em um poste, em seguida, um carro ultrapassa outro e, finalmente, um carro bate em outro. Além de descrever o movimento dos referentes, há indicação de algumas de suas propriedades, pois a configuração de mão em B na horizontal se refere a veículos, a mão em D na vertical se refere a objetos longos finos e, por último, a mão direita horizontal com os dedos ligeiramente curvados indica a forma final dos carros após o acidente.

Por último, (8) descreve um verbo de deslocamento que se associa a configurações de mãos utilizadas para representar pessoas.

(8)

1. M-A-R-I-A(md) LUGAR CENTRO
   PESSOA(me)

2. HOMEM J-O-Ã-O PESSOA(md)
   AMIGO(me)

3. PESSOA(md)
   MULHER(me)

4. PESSOA_PASSAR_POR_PESSOA

‘Maria estava no centro da cidade. João, seu amigo, passou por ela.’

No exemplo acima, primeiramente o sinalizador estabelece pontos no espaço que servirão para posterior referência aos argumentos do verbo. É atribuído um ponto à esquerda que representa MARIA e um ponto à direita que representa JOÃO. A realização do verbo indica o deslocamento de um em direção ao outro, fazendo com que os dois referentes passem um pelo outro. O movimento das mãos, portanto, simula o deslocamento real dos referentes envolvidos no evento.

Diante de dados como os de (1) a (8), a principal preocupação desta tese é investigar as construções classificadoras da LSB que envolvam localização e deslocamento dos referentes, como ocorre nos exemplos apresentados acima. Além disso, buscaremos,

através de uma análise unificada, explicar construções existenciais nessa língua e sua impossibilidade de se associar a classificadores, já que predicados de localização e existência apresentam, translingüisticamente, fortes relações entre si.

Outro ponto a ser salientado é que consideraremos as construções classificadoras como construtos sintáticos, formados através da associação de morfemas (compostos por traços ou feixes de traços) a raízes verbais. As construções sob análise fazem parte da predicação verbal da língua e serão, por isso, analisadas como envolvendo verbos complexos.

Para analisar tais construções precisaremos, primeiramente, verificar quais as características dos verbos na LSB. De acordo com Quadros (1999), os verbos da LSB apresentam assimetria em seu comportamento dependendo da presença ou não de concordância. Dessa forma, no capítulo seguinte serão sintetizados os principais aspectos da concordância nas línguas de sinais e na LSB, para que possamos verificar o lugar que as construções classificadoras ocupam nessa classificação e para averiguarmos em que medida tais construções estão relacionadas ao fenômeno de concordância.

4. Verbos de deslocamento em CCs: Concordância e Incorporação

Como o processo de concordância verbal faz uso dos mesmos pontos no espaço que são utilizados para a sinalização dos pronomes, teceremos alguns comentários sobre o sistema pronominal e sobre a maneira como a concordância nas LS tem sido descrita para, em seguida, analisarmos as construções de deslocamento da LSB e sua relação com a concordância verbal.

4.1 A concordância nas LS

De acordo com Lillo-Martin (2001), aparentemente o sistema pronominal e a concordância são duas das principais áreas da gramática das línguas de sinais (LS) que exigiriam princípios de organização diferentes daqueles propostos para as línguas faladas. Uma das razões para tal asserção é que deve haver uma "sintaxe espacial", conseqüência do uso do espaço à frente do sinalizador[19], chamado *espaço neutro* (cf. Figura 6 abaixo).

[19] Não queremos afirmar aqui que a sinalização se limita ao espaço neutro. Ressaltamos apenas a sua importância para a realização de muitos dos sinais das LS, inclusive da LSB.

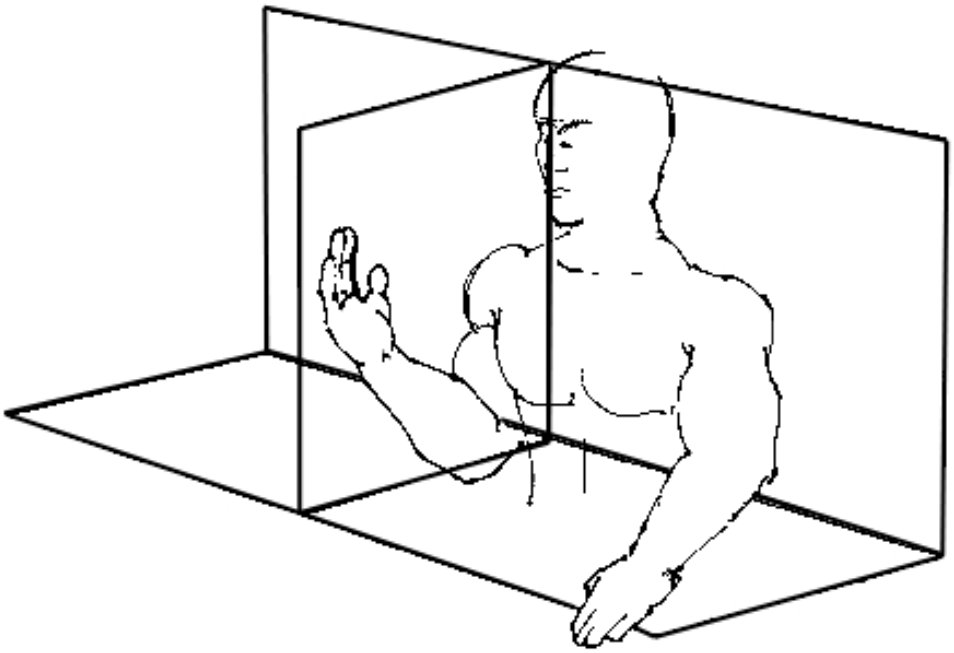
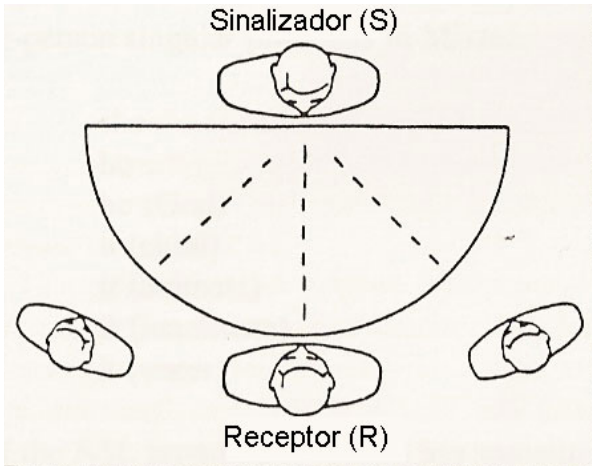
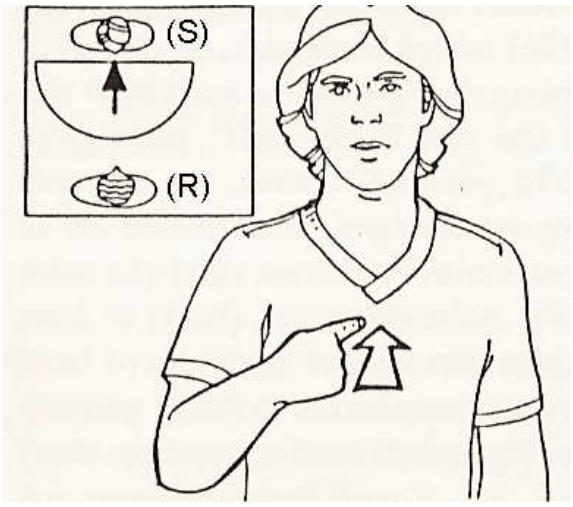


Figura 6: Espaço Neutro
Fonte: Adaptação de Rodda e Grove (1987:132)

Segundo Lillo-Martin (2001), o espaço neutro pode ser usado de duas formas nas línguas de sinais: para realização de muitos dos sinais ordinários, o que confere aos pontos do espaço o status de unidades sub-lexicais, e para representação de referentes. A representação dos referentes está diretamente relacionada com o sistema pronominal e com a concordância, conforme as observações que se seguem.

Para se referir a alguém que esteja presente numa conversação sinalizada, o sinalizador pode apontar na direção do referente. Esse ponto, no discurso sinalizado, atua como um pronome que distingue o referente. Quando o referente não está presente fisicamente, o sinalizador estabelece um local abstrato para representá-lo e, ao apontar para aquele *locus*, distingue o referente, o que pode ser averiguado nas Figuras 7 e 8 abaixo.





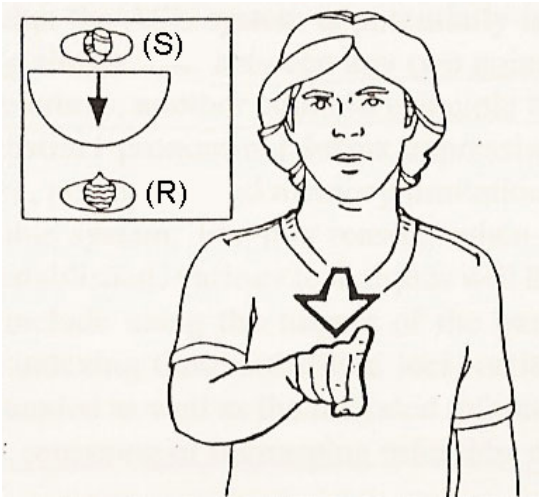
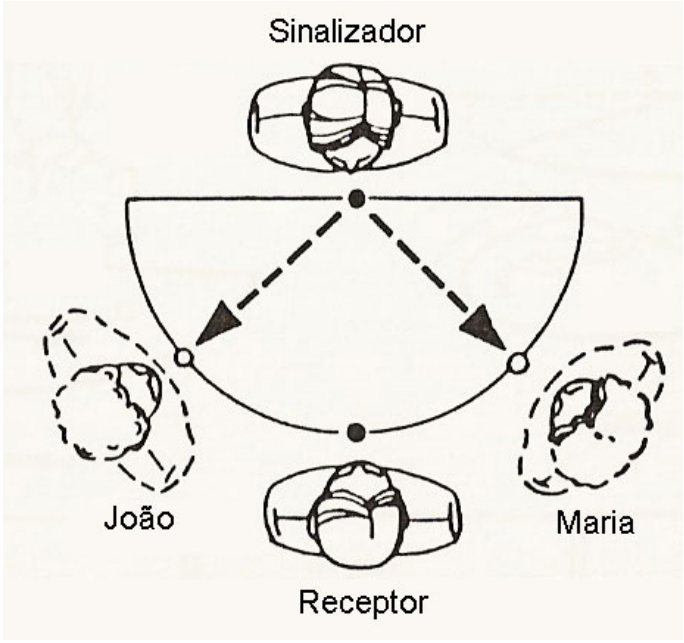
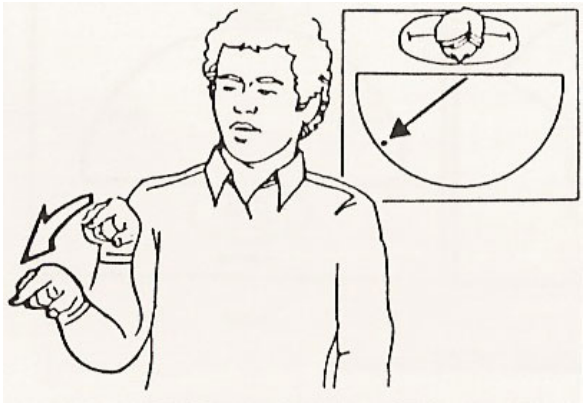


Figura 7: Formas pronominais usadas com referentes presentes

Fonte: Adaptado de Lillo-Martin & Klima 1990:192





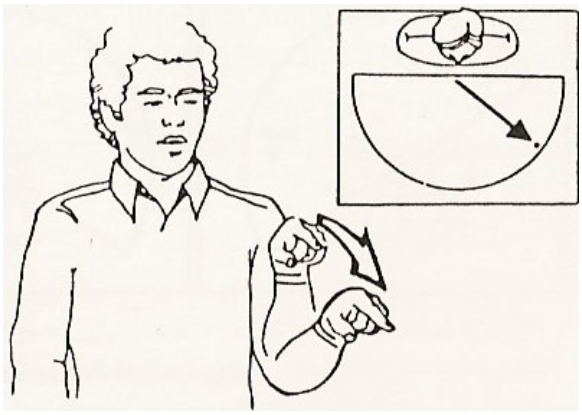


Figura 8: Formas pronominais usadas com referentes não presentes

Fonte: Adaptado de Lillo-Martin & Klima (1990:193)

Lillo-Martin (2001) afirma que, ao contrário das línguas faladas, os pronomes nas LS não podem ser usados de modo ambíguo. Os pronomes das LS indicam um referente em particular, não uma classe de referentes, podendo ainda ser em número indeterminado, já que o espaço pode ser dividido em um infinito número de regiões distintas – potencialmente falando, pois, na prática, o número de referentes estabelecidos num segmento discursivo são limitados por razões de memória, e não de gramática (Lillo-Martin 2001).

Além disso, não há limite para o número de referentes que podem ser apontados (cada ponto do espaço pode ser um referente em potencial). Veja o exemplo abaixo.

(1)

Situação: Duas pessoas conversam sobre Ana e Maria.

a. Ela está com problemas.

("ela" pode se referir tanto a Ana quanto a Maria)

b. IX PROBLEMA

(IX deve ser direcionado para o *locus* estabelecido para uma das duas mulheres)

Fonte: adaptado de Lillo-Martin (2001) para a LSB.

O pronome da sentença em português (1a) pode se referir a qualquer um dos referentes, mas na sentença da LSB (1b) só diz respeito a um dos referentes, ao qual foi associado, anteriormente, um ponto no espaço. Padden (1983), entre outros, analisa o sistema pronominal da ASL como sendo constituído por:

(i) local do sinalizador (1ª. pessoa);

(ii) local do receptor (2ª. pessoa); e

(iii) múltiplas terceiras pessoas, marcadas pelo uso de outros locais do espaço.

Meier (1990) analisa os pronomes da ASL e argumenta que não há distinções entre segunda e terceira pessoa, mas entre primeira e não-primeira pessoa. O local para a referência à primeira pessoa é fixa e o uso do local para segunda e terceira pessoas são indistinguíveis; somente o papel desempenhado por um referente num discurso particular separa essas pessoas. Lillo-Martin (2001) aponta que essa conclusão tem sido compartilhada por vários autores que estudam a ASL e outras LS, como por exemplo, Engberg-Pedersen (1993) para a língua de sinais dinamarquesa, Meir (1998) para a Língua de Sinais de Israel (ISL), Rathmann (2000) para a Língua de Sinais Alemã (DGS), e Smith (1990) para a Língua de Sinais de Taiwan (TSL).

Por outro lado, em uma série de artigos, Liddell (1990, 1995, 2000, 2003a) observa que existe uma dificuldade em se especificar morfologicamente os *loci* que são associados aos nominais. Esse autor argumenta que o conceito de um elemento lexical com uma forma indeterminada é inconsistente com a concepção que se tem do que são morfemas (Liddell 1995:25).

De acordo com a proposta de Liddell (2003a), os pronomes da ASL, além de apontar conceptualmente para seus referentes (como qualquer língua faz), também codifica significados que ajudam no processo de compreensão das entidades a que se faz referência no discurso, através do apontamento físico, visível, feito com a mão[20]:

> *ASL pronouns also encode meanings that help in the process of understanding which entities are being talked about. PRO$^{\rightarrow x}$, for example, is used to talk about a single entity other than the signer. […] an English speaker uses* he *to point conceptually to a physically present nearby man. An ASL signer present in the same room could also use PRO$^{\rightarrow x}$ to point conceptually to the same man. In this case, however, the pronoun would not only point conceptually toward that man, the hand producing the pronoun would also point physically toward him. Thus, the significant difference between the English pronoun* he *and the ASL pronoun PRO$^{\rightarrow x}$ does not lie in their ability to point conceptually toward their referents - both do that. The significant difference is that during the production of the ASL pronoun the hand also physically points toward the present referent. PRO$^{\rightarrow x}$ is directed toward a*

[20] Um pronome representado por PRO$^{\rightarrow x}$, em Liddell (2003a), pode corresponder ao pronome ELE, na LSB (representado na literatura gerativista como IX).

> *specific part of an entity. If the entity is inanimate, is directed roughly toward the center of the object (Lacy 1974:35). If the entity is a person, PRO$^{\rightarrow x}$ is directed toward the person's chest. […] The directionality, however, does not encode anything. Its significance can only be determined by following the directionality to see what it leads to. […] It should be apparent that the directionality of ASL pronouns depends on the physical location of the entities being pointed at.* (Liddell 2003a:67-69)

Liddell (1995) argumenta que o apontamento indicativo de referentes tem origem no componente gestual e se combina a elementos lingüísticos que compõem os sinais. Esse autor propõe que a relação entre um referente e um *locus* não iguala um referente *b* a um *locus b*, como as análises tradicionais assumem, mas fixa que um referente *b* está em um *locus b*. A conseqüência dessa nova perspectiva é que não há previsibilidade com relação aos locais para os quais um determinado sinal é direcionado. O local não depende de fatores ou categorias lingüísticas, pois resulta diretamente do ponto de vista do sinalizador em relação ao ambiente que o cerca.

As análises dos pronomes acima têm reflexos diretos no processo de concordância. Conforme dito na introdução deste capítulo, os verbos das línguas de sinais que apresentam concordância[21] utilizam os mesmos pontos no espaço que os pronomes para marcar o início e o final do movimento na sua realização. Na ilustração abaixo, por exemplo, é apresentado o verbo PERGUNTAR, da LSB. De acordo com Capovilla & Raphael (2001:1033), o sinal correspondente a esse verbo "parte de quem pergunta em direção a quem recebe a pergunta; no exemplo o sinalizador pergunta".

[21] A terminologia da literatura varia no que diz respeito à classe de verbos que apresentam concordância. Ao estudar tais verbos na ASL, Fischer (1973) denomina-os 'verbos direcionais' (*directional verbs*); Padden (1988) utiliza a expressão 'verbos flexionais' (*inflecting verbs*); Lillo-Martin (2001), dentre outros, chama-os 'verbos de concordância' (*agreeing verbs*); e Liddell (2003a) usa a expressão 'verbos indicativos' (*indicating verbs*). Os trabalhos sobre a LSB apresentam os termos 'verbos com flexão' (Brito, 1995 e Felipe, 1998) e 'verbos com concordância' (Quadros & Karnopp 2004, Quadros 2006).

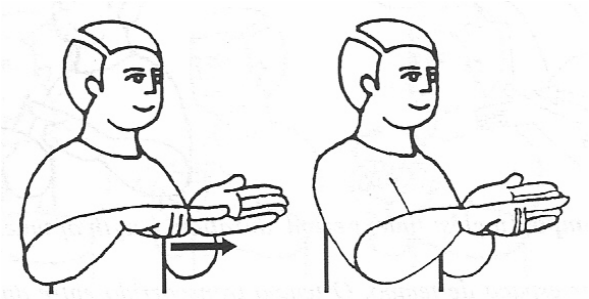


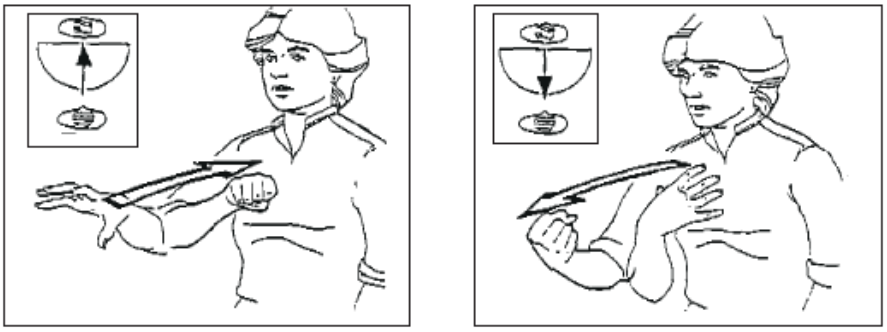
Figura 9: Verbo PERGUNTAR

Fonte: Capovilla & Raphael (2001:1033)

A concordância verbal, portanto, envolve uma modificação na realização do verbo de forma que o início e o fim do movimento correspondem, geralmente[22], aos *loci* que representam referentes do argumento externo e interno, nessa ordem. Freqüentemente a mão que realiza o sinal fica direcionada para o argumento interno. Da mesma forma que acontece com os pronomes, os referentes podem estar presentes ou não, a modificação do verbo de acordo com a atribuição de referentes aos *loci* é a mesma.

Essa descrição, no entanto, não é compartilhada por todos os pesquisadores das línguas de sinais. A conclusão a que Liddell (2003a) chega, por exemplo, é que os *loci* não

[22] O padrão de concordância visto até o momento mostra que o movimento do verbo (raiz) se inicia no ponto (*locus*) referente ao sujeito e termina no ponto referente ao objeto. Os verbos denominados *backward* seguem um padrão distinto, pois o movimento se inicia no *locus* referente ao objeto e termina no *locus* referente ao sujeito. Um exemplo é o verbo TAKE da ASL. Na figura abaixo Meir (1998:7), estão representadas duas formas flexionadas. Para um maior detalhamento dos verbos *backward*, cf. Padden (1983) e Meir (1998).



$_{2}$TAKE$_{1}$
'I take from you.'

$_{1}$TAKE$_{2}$
'You take from me.'

são morfêmicos. A conseqüência que isso traz para a análise da concordância nas línguas de sinais é que se os pontos no espaço utilizados na realização dos pronomes não são morfêmicos, os pontos envolvidos no desencadeamento da concordância também não o são. Portanto, para Liddell, não há concordância nas línguas de sinais.

Vários autores apresentaram respostas às argumentações de Liddell. Dentre esses estudos, Aronoff, Meir & Sandler (2000, 2005), Mathur & Rathmann (2002) e Lillo-Martin (2001, 2002) investigaram a concordância nas línguas de sinais para encontrar evidências de que esse é um processo lingüístico e não apenas gestual.

Aronoff et al. (2005) afirmam que mesmo em línguas faladas, a concordância não necessita do envolvimento de categorias gramaticais e um conjunto fixo de morfemas. Como evidências para seu posicionamento, os autores indicam exemplos das línguas bainouk (língua atlântica nígero-congolesa) e arapesh (Papua Nova Guiné). Nessas línguas, a concordância é feita através de aliteração, pois o alvo da concordância alitera ou rima com o seu controlador, quando o controlador está fora do sistema de gênero da língua. Abaixo encontram-se exemplos da língua bainouk (Aronoff et al. 2005:320).

NOMES PREFIXAIS	**CLASSE**	**SINGULAR**	**PLURAL**
‘tunic’ [túnica]	7/8	gu-s□l	Há-s□l
‘papaya’	9/10	bu-domel	i-domel
NOMES NÃO-PREFIXAIS	**CLASSE**	**SINGULAR**	**PLURAL**
‘grass’ [grama]	0/0	dap□n	dap□n-□
‘river’ [rio]	0/0	kata:ma	kata:ma-ã
CONCORDÂNCIA			
gu-s□l gu-fEr		ha-s□l-□ há-Nna	
7-tunic 7-white		8-tunic-DEF 8-those.down.there	
‘white tunic’		‘those tunics down there’	
[túnica branca]		[aquelas túnicas ali embaixo]	
Kata:ma-N□ in-ka		kata:ma-ã ka-nak-ã	
river-DEF this-CV		river-PL CV-two-PL	
‘this river’		‘two rivers’	
[este rio]		[dois rios]	

Figura 10: Concordância aliterativa em bainouk
Fonte: Aronoff et al. (2005:320)

Aronoff et al. (2005) apontam que a língua bainouk apresenta nomes prefixais e não-prefixais. Os nomes prefixais podem pertencer a um dentre onze gêneros diferentes (cada um contendo um par de prefixos, para singular e plural) e exibem concordância através do prefixo, que aparece em pronomes, demonstrativos e adjetivos. Nomes não-prefixais ficam fora desse sistema de gênero, não apresentam marcas no singular, mas possuem um sufixo plural (uma vogal harmônica nasalizada) em vez de um prefixo plural. Os alvos da concordância dos nomes não-prefixais tomam um de dois tipos de concordância de gênero, tanto no singular quanto no plural, e um prefixo (*default*) **a-** ou um sufixo, cópia da primeira sílaba CV da raiz do nome. Para tais autores, a concordância aliterativa , assim como a concordância das LS, reflete a natureza sintática da concordância como cópia, mas esse universal normalmente não se superficializa nas línguas faladas por causa do princípio de integridade lexical, o qual não permite que a sintaxe olhe para dentro da fonologia da palavra (cf. Zwick & Pullum 1983).

Mathur & Rathmann (2002) estabelecem uma comparação entre a concordância em línguas faladas e línguas sinalizadas, com a finalidade de investigar se concordância é a mesma coisa nas duas modalidades. Esses autores mostram que (i) várias propriedades da concordância verbal nas línguas de sinais podem ser previstas pelo sistema lingüístico; (ii) há restrições sintáticas que revelam um componente lingüístico para a concordância verbal; e (iii) essas restrições apontam para a necessidade de um módulo sintático. Além disso, Mathur & Rathmann (2002) apontam que a modalidade não tem um efeito nos níveis da sintaxe e da estrutura conceitual que compõe a arquitetura da gramática, e sim na combinação da interface articulatório-perceptual e o espaço gestual.

Embora Aronoff, Meir & Sandler discordem totalmente de Liddell, Mathur & Rathmann (2002) e Lillo-Martin (2001, 2002) concordam com a afirmação daquele autor no que diz respeito à existência de um componente gestual, mas salientam que este se encontra associado a um componente lingüístico. Em primeiro lugar, Lillo-Martin (2001) aponta, com base em Meier (1990), que a forma que a primeira pessoa dos verbos apresenta é um traço de concordância possível de ser identificado e, a despeito das formas de não-primeira pessoa, é sinalizada num local específico, ainda que não haja apenas um ponto disponível. Se tomarmos como exemplo o verbo PERGUNTAR, ilustrado acima na figura

2.4, o ponto final do movimento pode estar localizado à frente do sinalizador, mas em alturas diferentes, dependendo da altura do receptor. Para um referente alto, por exemplo, o sinalizador direciona o movimento para frente e para cima.

Em segundo lugar, Lillo-Martin (2001) assegura que há algumas restrições para a ocorrência da concordância. Autores como Janis (1995), Meir (1998), Mathur (2000) e Rathmann & Mathur (2002) observaram que apenas um subconjunto de verbos marcam concordância. Mathur (2000) e Mathur & Rathmann (2002), por exemplo, indicam que esses verbos tomam dois argumentos animados. Lillo-martin (2001), por sua vez, verificou que a concordância afeta papéis sintáticos específicos, como sujeito e objeto em verbos transitivos. Considere as sentenças abaixo, da ASL.

(2)

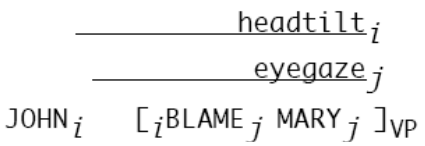
a.

JOHN$_i$ [$_i$BLAME$_j$ MARY$_j$]$_{VP}$

'John blames Mary'

[João culpa Mary]

b.



Nas sentenças em (2), pode-se observar que tanto o argumento interno (*Mary*) quanto o argumento externo (*John*) são animados e desempenham o papel de objeto e sujeito de um verbo transitivo, nessa ordem. Além disso, a concordância faz referência a *John* e *Mary*, que estão na posição de sujeito e objeto de verbos transitivos, nessa ordem. As figuras abaixo ilustram a realização do verbo BLAME.

Figura 11: Verbo BLAME da ASL

Fonte: Vicars, 2008 (used by permission)

Em terceiro lugar, a análise de sentenças com argumentos nulos demonstra a participação da concordância no seu licenciamento (Lillo-Martin 1986), conforme atestam os trabalhos de Bahan (1996), Neidle et al. (2000) e Neidle & Lee (2005).

(3)

a. $pro_i \quad [_i BLAME_j \; MARY_j \;]_{VP}$

‘(He) blames Mary’

[(Ele) culpa Mary]

b. $\underline{\qquad\qquad headtilt_i}$
$\underline{\qquad\qquad eyegaze_j}$
$pro_i \quad [_i BLAME_j \; MARY_j \;]_{VP}$

(Neidle & Lee 2005:4)

Em (3), as sentenças atestam o licenciamento de argumentos nulos com verbos de concordância independentemente da presença de marcação não-manual. Por outro lado, verbos sem concordância não permitem argumentos nulos sem marcação não-manual, como pode ser visto em (4), abaixo. A Figura 8 demonstra a realização do verbo LOVE.

(4)

a. JOHN$_i$ [LOVE MARY$_j$]$_{VP}$

b. * pro$_i$ [LOVE MARY$_j$]$_{VP}$

c. headtilt$_i$
eyegaze$_j$
JOHN$_i$ [LOVE MARY$_j$]$_{VP}$

d. headtilt$_i$
eyegaze$_j$
pro$_i$ [LOVE MARY$_j$]$_{VP}$

(Neidle & Lee 2005:4)

Figura 12: Verbo LOVE da ASL
Fonte: Vicars, 2008 (used by permission)

Lillo-Martin (2001) propõe uma análise alternativa, que leva em consideração vários dos aspectos levantados acima. Segundo essa análise, o pronome não-primeira pessoa singular das LS é lexical e sintaticamente ambíguo (como *him* na sentença *I saw him, but not him*, do inglês), mas quando se combina com um gesto, pode ser direcionado para qualquer local, e sua referência é determinada, desfazendo-se a ambigüidade. O apontamento, embora gestual, é um pronome, na visão da autora, porque está presente na estrutura sintática e participa de processos semânticos e sintáticos. A concordância nas LS, para Lillo-Martin (2001), é vista como um processo de acordo com o qual alguns verbos concordam com seus argumentos em número e pessoa, mas a sua realização deve também

assegurar que a co-indexação corresponda ao uso do mesmo *locus*, processo esse que envolve um componente gestual.

Observando as restrições sintáticas que regulam a derivação de sentenças com concordância na LSB, torna-se pouco plausível considerar que a concordância seja um fenômeno extralingüístico. Quadros (1999) analisa a estrutura frasal da LSB e observa diferenças entre sentenças que possuem ou não concordância, fato esse que a leva a classificar os verbos da LSB em duas classes distintas, de acordo com a presença ou ausência da concordância.

A ordem dos constituintes na sentença difere dependendo da presença ou não da concordância verbal: na ausência de operações como topicalização e focalização, verbos sem concordância exigem a ordem SVO, enquanto verbos com concordância permitem objetos pré-verbais. Observe as sentenças que se seguem.

(5)

Verbo sem concordância

a. IX GOSTAR FUTEBOL (SVO)

b. *IX FUTEBOL GOSTAR (SOV)

'Ele/a gosta de futebol'

(6)

Verbo com concordância

a. JOÃO$_a$ $_a$AJUDAR$_b$ MARIA$_b$ (SVO)

b. JOÃO$_a$ MARIA$_b$ $_a$AJUDAR$_b$ (SOV)

'João ajudou Maria'

Quando se observam sentenças com argumentos nulos na LSB, novamente se tem um contraste, pois apenas sentenças com concordância permitem a ocorrência desse fenômeno, conforme ilustrado nas sentenças abaixo.

(7)

Verbo sem concordância

a. AMANHÃ VOCÊ FALAR ELA

b. *AMANHÃ FALAR

‘Amanhã você fala para ela.’

(8)

Verbo com concordância

c. EU CAIXA_DE_SAPATOS $_{a}$CARREGAR$_{b}$

d. $_{(a+1SG)}$CARREGAR$_{b}$

‘Eu carreguei a caixa de cá para lá.’

Por fim, a negação também diferencia os verbos da LSB. Verbos com concordância são precedidos de negação, o que não ocorre com verbos sem concordância.

(9)

Verbo sem concordância

a. JOÃO GOSTAR CARRO NÃO

b. *JOÃO NÃO GOSTAR CARRO

‘João não gostou do carro.’

(10)

Verbo com concordância

c. JOÃO$_{a}$ NÃO $_{a}$DAR$_{3SG}$ LIVRO

‘João não deu o livro para ela’

A partir do que foi exposto nesta seção, a proposta de Lillo-Martin (2001) torna-se mais adequada à análise da concordância, por considerar a participação desta em

diferentes fenômenos sintáticos, como aqueles citados acima, sem deixar de observar a importância do componente gestual na composição dos sinais sob enfoque. A partir desse pressuposto, segue abaixo uma descrição e análise das construções classificadoras da LSB. Na seção seguinte são apresentados os verbos de deslocamento e no Capítulo 5, verbos de localização e existência.

4.2 "Classificadores" em verbos de deslocamento como marcas de concordância

De acordo com Quadros (1999), apenas os verbos que apresentam concordância na LSB podem seguir a negação sem algum tipo de licenciador como *do-support*. Como se pode ver abaixo, construções classificadoras exibem um comportamento semelhante ao de verbos de concordância.

(11)
JOÃO NÃO VEÍCULO_ULTRAPASSAR_VEÍCULO
'João não ultrapassou o carro'.

(12)
Verbo com concordância
_____neg
IX<the> JOHNa NO <a>GIVE<b> BOOK (Quadros 1999:118)
'John does not give the book to (her).'

(13)
Verbo sem concordância
*JOÃO NÃO GOSTAR MARIA (Quadros 2000)
'O João não gosta da Maria.'

Outro aspecto que podemos salientar a respeito do comportamento das construções classificadoras é o licenciamento de argumentos nulos, apontado na seção anterior. Como verbos com concordância na LSB, as construções classificadoras nessa língua licenciam argumentos nulos.

(14)
JOÃO VEÍCULO_ULTRAPASSAR_VEÍCULO SEMPRE
'João sempre ultrapassa os carros.'

(15)
Verbo sem concordância
a. AMANHÃ VOCÊ FALAR ELA
b. *AMANHÃ FALAR
'Amanhã você fala para ela.'

(16)
Verbo com concordância
a. EU CAIXA_DE_SAPATOS $_{a}$CARREGAR$_{b}$
b. $_{(a+1SG)}$CARREGAR$_{b}$
'Eu carreguei a caixa de cá para lá.'

4.3 Transitividade em CCs

Nesta seção verificaremos se há um padrão nas construções classificadoras da LSB em relação à transitividade, através de testes que serão explicitados abaixo[23]. Em seguida, observaremos se a alternância transitivo-inacusativa é possível entre tais

[23] Os testes foram realizados através do julgamento de gramaticalidade de sentenças por usuários fluentes da LSB, conforme especificado na introdução deste trabalho. Uma versão preliminar deste estudo foi publicada em Veloso (2005).

construções. Esses testes farão com que possamos conhecer melhor alguns aspectos morfossintáticos das construções classificadoras na LSB.

Benedicto & Brentari (2004) utilizam dois tipos de testes cujo alvo são os argumentos internos – um com o morfema distributivo (aqui representado pela glosa [dist]) e outro com a negação NOTHING – e dois testes para detectar argumentos externos agentivos – um com o uso do imperativo negativo FINISH! e outro com a expressão WILLING. Uma sentença com [dist] ou NOTHING deve ser aceitável se for inacusativa, inaceitável se for inergativa e, no caso de um predicado transitivo, esses elementos devem quantificar apenas o argumento interno (objeto direto). Por outro lado, uma sentença com FINISH! ou WILLING deve ser inaceitável se for inacusativa, aceitável se inergativa ou transitiva.

Consideremos agora construções análogas em LSB. Da mesma forma que o seu correspondente na ASL, o morfema distributivo da LSB é constituído por repetições múltiplas e reduzidas do movimento (raiz verbal) que são produzidas numa trajetória em forma de arco à frente do sinalizador[24]. O morfema cria, então, um verbo com um único evento e com um objeto do tipo 'cada x', conforme a ilustração abaixo. No diz respeito à negação, NADA é o sinal que mais se assemelha a NOTHING em ASL.[25] Considere as sentenças em (17)-(19).[26]

[24] Para uma análise do Aspecto na LSB, cf. Finau (2004).
[25] De acordo com Arroteia (2005), a negação de sentenças na LSB dá-se principalmente através da marcação não-manual, sem a qual as sentenças são consideradas agramaticais. Embora não marcada nos exemplos, o leitor deve ter esse dado em mente.
[26] O símbolo '#' assinala que a interpretação semântica de uma sentença é inaceitável.

Figura 13: Aspecto distributivo
Fonte: Quadros & Karnopp, 2004

(17)

Inacusativo

a. SORVETE DERRETER

'O sorvete derreteu.'

b. SORVETE DERRETER+[dist]

'Cada um dos sorvetes derreteu.'

(18)

Inergativo

a. MULHER RIR

'A mulher riu.'

b. *MULHER RIR+[dist]

'Cada uma das mulheres riu.'

(19)

Transitivo

a. MULHER BLUSA COMPRAR

'A menina comprou uma blusa.'

b. MULHER BLUSA COMPRAR+[dist]

'A garota comprou cada uma das blusas (em lojas diferentes).'

'Cada uma das meninas comprou uma blusa.'

c. MULHER BLUSA COMPRAR NADA

'A menina não comprou nenhuma dessas blusas.'

'Nenhuma das meninas comprou a(s) blusa (s).'

Os primeiros testes mostraram que em construções da LSB sem classificadores, o morfema distributivo e a negação NADA combinados com predicados inacusativos resultam numa sentença aceitável, com predicados inergativos produz uma sentença inaceitável e com predicados transitivos a leitura é de negação sentencial, embora também quantifique o argumento interno (novamente, consultar Arroteia 2005 para maiores detalhes).

Tendo estabelecido esse padrão, passemos agora a analisar as sentenças com construções classificadoras.

(20)

Construções que se referem diretamente a um argumento verbal

a. PESSOAS PESSOA_LADO_PESSOA

'Uma pessoa ficou (veio a ficar) ao lado da outra.'

b. PESSOAS PESSOA_LADO_PESSOA+[dist]

'Cada pessoa ficou ao lado da outra.'

d. LIVRO OBJETO_PLANO_CAIR
'O livro (que estava de pé) caiu (ficando deitado).'

e. LIVRO OBJETO_PLANO_CAIR+[dist]
'Cada um dos livros caiu (ficando deitado).'

f. LIVRO OBJETO_PLANO_CAIR NADA
'Nenhum desses livros caiu (ficando deitado)'

(21)
Construções que se referem indiretamente a um argumento verbal
a. IX LIVRO OBJETO_PLANO_MOVER
'Ele(a) pegou o livro (que estava de pé) e o colocou deitado.'

b. [Ø] LIVRO OBJETO_PLANO_MOVER+[dist]
'Ele(a) colocou cada livro deitado.'
'Cada uma delas colocou o livro (deitado).'

c. [Ø] LIVRO OBJETO_PLANO_MOVER NADA
'Ele(a) não colocou nenhum livro deitado.'
'Ninguém colocou o livro deitado.'

As sentenças que apresentam uma representação direta do argumento verbal, quando combinadas a um quantificador distributivo são gramaticais, e conferem aos predicados a classificação como inacusativos. Para as sentenças que representam indiretamente os argumentos, a interpretação com o argumento interno sendo modificado é aceitável, mas não com a modificação do argumento externo.

De acordo com Benedicto & Brentari, uma das formas de se reconhecer a presença de um argumento externo, agentivo, é pela colocação do predicado em uma

construção imperativa, pois argumentos externos são gramaticais nesse contexto (cf. Parsons 1990; van Valin 1993). As pesquisadoras utilizaram, para a ASL, o imperativo negativo FINISH!, visto que essa língua não possui um imperativo afirmativo claro.

Os testes com o imperativo negativo PARAR! e com a expressão PROPÓSITO foram realizados para confirmar o resultado dos testes acima. O sinal PARE! É realizado com a mão direita vertical aberta e a palma da mão orientada para frente. O movimento que constitui o sinal é direcionado para frente, seguido de interrupção brusca. Ao ser sinalizado, o movimento manual deve ser acompanhado de uma marcação não-manual tensa, semelhante ao franzir de sobrancelhas. A realização do sinal PROPÓSITO envolve uma configuração de mão em 1, com a palma para frente. Move-se a mão tocando o rosto duas vezes. Esses dois sinais encontram-se ilustrados abaixo.

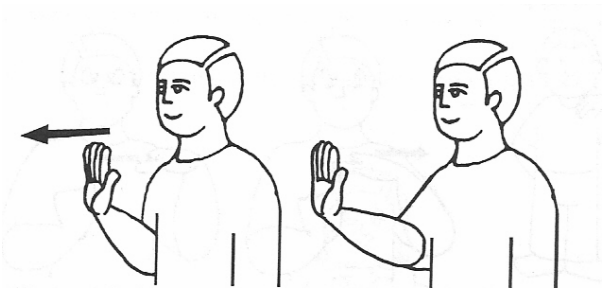


Figura 14: PARE!
Fonte: Capovilla & Raphael, 2001

Figura 15: PROPÓSITO
Fonte: Lira & Souza, 2006

A expectativa é que se obtenha sentenças inaceitáveis em construções que representam diretamente o argumento verbal (inacusativos) e, em sentenças transitivas, se as construções que representam indiretamente o argumento verbal corresponderem à versão transitiva do par (com um agente extra), deverão responder afirmativamente ao teste. As sentenças dos testes realizados são as que se seguem.

(22)

Inacusativo

a. *PARAR! CAIR

'Pare de cair!'

b. *MULHER PROPÓSITO CAIR

'A mulher caiu de propósito!'

(23)

Inergativo

a. PARAR! RIR

'Pare de rir!'

b. MULHER PROPÓSITO RIR

'A mulher riu de propósito!'

As orações com verbos inacusativos respondem negativamente ao teste, ao gerar sentenças inaceitáveis quando combinadas com o imperativo negativo e com a expressão PROPÓSITO, ao contrário do que ocorre com os verbos inergativos. Passa-se, agora, a considerar sentenças com construções classificadoras.

(24)

Construções que se referem diretamente a um argumento verbal

a. MULHER PESSOA_SAIR

'A menina saiu.'

b. *MULHER PROPÓSITO PESSOA_SAIR

'A menina saiu de propósito.'

(25)

Construções que se referem diretamente a um argumento verbal

a. IX LIVRO OBJETO_PLANO_MOVER

'Ele(a) pegou o livro (que estava de pé) e o colocou deitado.'

b. [Ø] LIVRO OBJETO_PLANO_MOVER PARAR!

'Pare de colocar o livro deitado!'

c. [Ø] LIVRO PROPÓSITO OBJETO_PLANO_MOVER

'Ele(a) colocou o livro deitado de propósito!'

Com os testes realizados, pôde-se verificar que tanto o imperativo negativo quanto a expressão propósito, quando combinadas com construções classificadoras que representam diretamente um argumento verbal produzem um resultado inaceitável. De modo distinto, quando presentes em construções classificadoras que representam diretamente um argumento verbal, produzem sentenças aceitáveis, se a interpretação enfoca o argumento externo agentivo.

Diante do que foi exposto até agora, pode-se afirmar que as construções classificadoras apresentam um comportamento semelhante aos verbos de concordância e podem ser divididas em dois tipos: sentenças intransitivas (representação direta de um argumento) e transitivas (representação indireta de um argumento). A seção seguinte

apresenta a proposta de Zwitserlood (2003) dento do modelo da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993), com a finalidade de explicar tais construções como instâncias de concordância.

4.4 Formação de CCs na perspectiva da Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (MD) estende o modelo-T usado na Lingüística Gerativa, considerando um componente morfológico separado (Estrutura Morfológica ou EM), que é adicionado à Estrutura Profunda (EP), Estrutura Superficial (ES), Forma Fonológica (FF) e Forma Lógica (FL). No quadro teórico da MD, não há léxico no sentido familiar das versões anteriores da Gramática Gerativa, concebido como uma lista de itens com (i) uma ou mais características idiossincráticas; (ii) uma especificação fonológica; e (iii) um significado. Em vez disso, na MD há três listas separadas. A Lista A contém traços morfossintáticos (também chamados Itens Lexicais) tais como [Determinante], [Raiz], [Plural], [+ Passado]; a Lista B contém Itens de Vocabulário, isto é, traços fonológicos que estão associados a um feixe de traços morfossintáticos; e a lista C, que contém conhecimentos enciclopédicos não-lingüísticos (tais como *um cachorro é um animal doméstico canino peludo*). A ilustração abaixo esquematiza esse modelo.

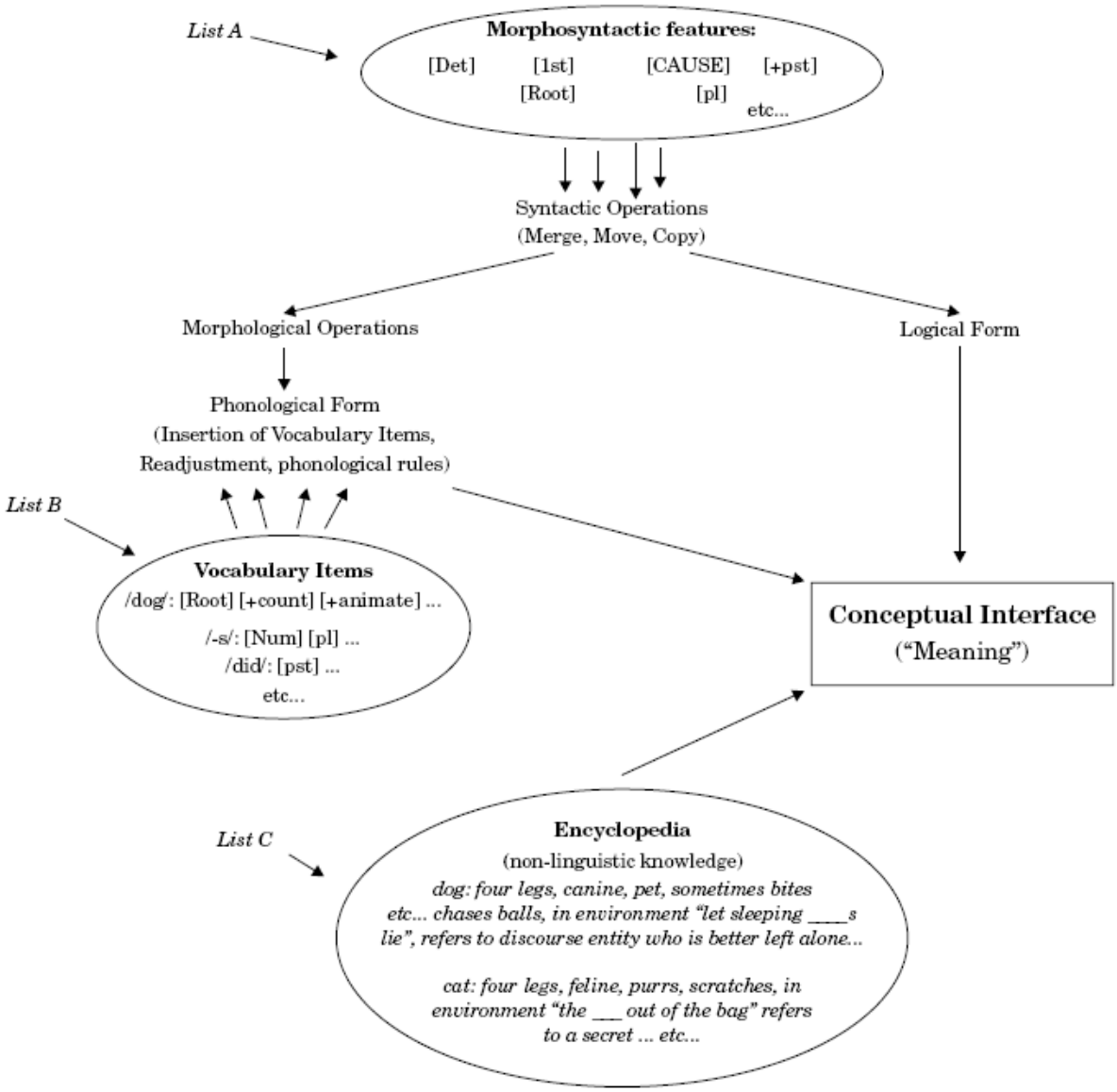


Figura 16: Modelo de gramática na MD

Fonte: Harley & Noyer, 1999

A MD se baseia em três propriedades fundamentais: a Inserção Tardia (*Late Insertion*), a Subespecificação (*Underspecification*) e a Estrutura Sintática Top-Down (*Hierarquical Structure All the Way Down*). Inserção Tardia se refere à idéia de que os traços fonológicos (Itens de Vocabulário) são inseridos em nós terminais depois da sintaxe,

num processo chamado Spell-Out. Subespecificação significa que os Itens de Vocabulário não estão associados a traços morfossintáticos completamente especificados, mas a traços subespecificados. Na realidade, os Itens de Vocabulário têm apenas um conjunto de traços minimamente necessários. Por outro lado, a Estrutura Sintática Top-Down indica que os nós terminais nos quais os Itens de Vocabulário são inseridos estão estruturados hierarquicamente, de acordo com princípios e operações da sintaxe. A operação que interessa mais de perto à análise a ser apresentada é Concatenar, que adiciona um novo nó terminal a uma estrutura já existente.

Os Itens Lexicais são conectados numa estrutura hierárquica, em que nenhuma distinção é feita entre derivação e flexão. Como todos os outros itens da Lista A, as Raízes comumente não apresentam nem categoria sintática nem traços fonológicos. A construção em que um Item Lexical ocorre é constituída através da concatenação na Estrutura Morfológica (EM) com um nó categorial, um núcleo, chamado *little x*, em que *x* pode ser um verbo, um nome ou um adjetivo. *Little x* determina a margem de um domínio cíclico e, nos domínios cíclicos, as derivações são enviadas para FF e FL e, posteriormente, para a Interface Conceitual (Marantz 2001), o que pode ser observado na figura que se segue (barras duplas representam domínios cíclicos).

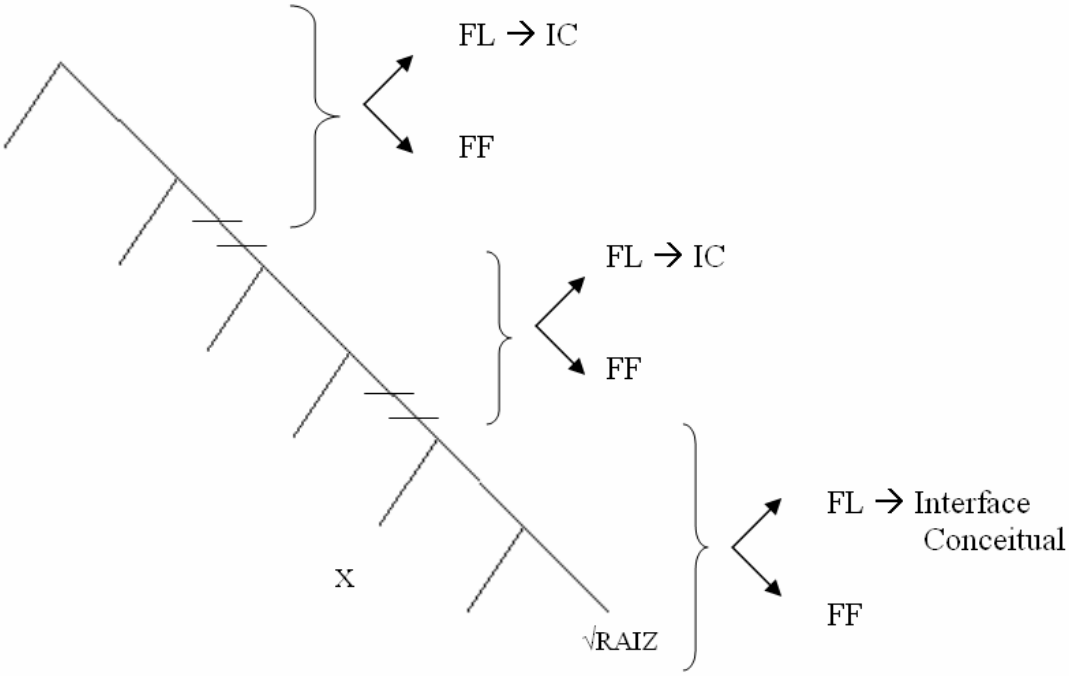


Figura 17: Estrutura Hierárquica na MD
Fonte: Zwitserlood (2003:201)

A ciclicidade assegura que as derivações sejam enviadas para FF e FL várias vezes. Após a concatenação da derivação com *little x*, a subseqüente Inserção Vocabular e a interpretação, as estruturas são derivadas. A Inserção Vocabular é cíclica, portanto, começa no Item Lexical mais profundamente encaixado no Spell-Out e caminha no sentido de dentro para fora.

Dessa forma, temos que um verbo de deslocamento consiste de uma raiz que seleciona obrigatoriamente um argumento interno e opcionalmente um ou dois argumentos internos adicionais, levando-se em conta que verbos de deslocamento são considerados verbos com raízes inacusativas ou transitivas diretas na LSB (cf. seção anterior). Essa raiz, por sua vez, não possui nem categoria sintática nem material fonológico. O verbo irá adquiri-los depois do ponto onde se concatena com *little x*, que neste caso é *v*, criando um sintagma *v*P. A concatenação de *v* estabelece, então, um domínio cíclico, depois do qual a estrutura derivada é enviada para FF, FL e para a Interface Conceitual com a finalidade de

ser preenchida com os Itens de Vocabulário e receber uma interpretação. O Item de Vocabulário que é inserido na raiz consiste de uma trajetória de deslocamento no espaço de sinalização. A representação de sua estrutura seria estabelecida como na figura abaixo.

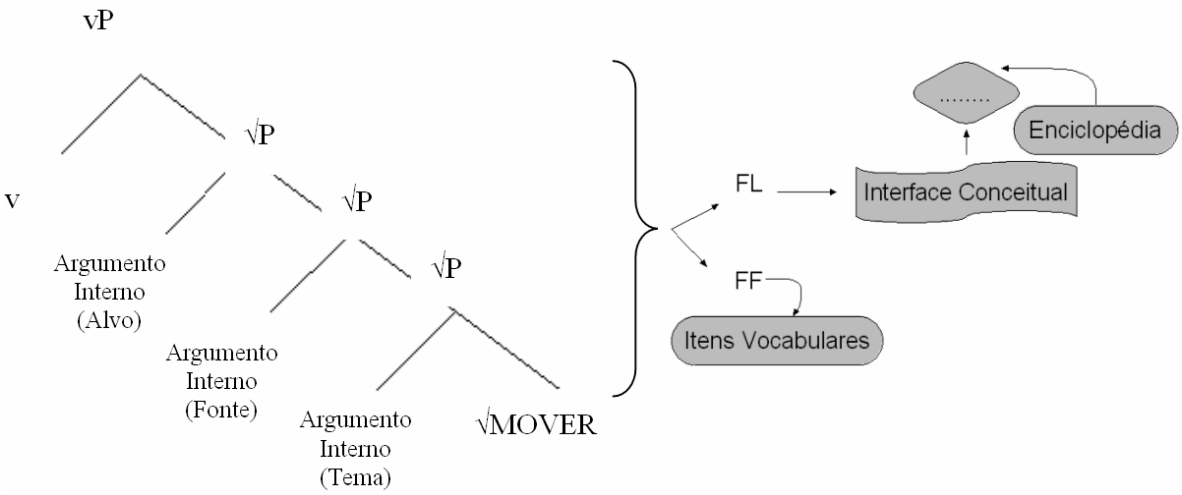


Figura 18: Representação de estrutura com verbo de deslocamento

A estrutura é então derivada a partir do nó *v*. Os nós de concordância serão concatenados para o argumento Tema e para os argumentos Fonte e Alvo, se estiverem presentes. Novamente, a estrutura é enviada para FF, FL e para a Interface Conceitual. Em Spell-Out, mais informação fonológica é fornecida pelos Itens de Vocabulário que especificam os nós terminais; estes, por sua vez, consistem de feixes de traços dos marcadores de concordância.

Antes de prosseguirmos, uma observação é necessária. Em construções classificadoras, os traços fonológicos das configurações de mãos, o próprio arranjo das mãos, a orientação, o local em que estão e o movimento têm sido analisados como morfemas separados que se combinam para formar construções polimorfêmicas complexas (Schembri 2003). Em itens lexicais ordinários, como CARRO, ou em verbos não-polimorfêmicos, como SABER, traços fonológicos individuais podem ser considerados sem

significado (Schembri 1996). Apesar de os morfemas serem freqüentemente realizados como um feixe de traços nas línguas faladas, morfemas com um único traço não são desconhecidos. Na língua banta chichewa, por exemplo, diferenças no tom assinalam distinção entre tempo passado simples e passado recente (Brentari 1990 e Spencer 1991). Schembri (2003) afirma que, da mesma forma que ocorre com o tom morfêmico, os morfemas nas construções classificadoras devem ser produzidos em combinação com outros morfemas para criar um item pronunciável. Na visão de Schembri (2003), torna-se difícil, portanto, segmentar os componentes significativos das construções classificadoras em uma raiz e afixos. Esse autor acrescenta que o status morfológico de muitos desses componentes não é claro e, apesar de configurações de mãos nas construções classificadoras serem analisadas tradicionalmente como morfemas, elas podem se combinar com um grande número de outras unidades significativas que ainda não foram inteiramente descritas, para nenhuma língua de sinais.

Tendo em vista as considerações acima, analisaremos as construções classificadoras como formadas por dois morfemas principais, uma raiz (movimento) e uma configuração de mão. Essa visão tradicional serve como ponto de partida para a análise das construções classificadoras e encontra respaldo em grande parte da literatura sobre línguas de sinais (Liddell 2003a, Zwitserlood 2003, dentre outros). A implementação da análise aqui proposta considera as unidades "configuração de mão" ou "orientação de mão" na constituição das construções classificadoras, de acordo com o modelo assumido, como feixes de traços abstratos. A inserção de uma configuração de mão com uma determinada orientação ocorrerá em Spell-Out, quando é inserido um Item de Vocabulário.

De acordo com o sistema de concordância aqui apresentado, alguns verbos podem se utilizar de marcador *locus*; outros, de configurações de mãos classificadoras; e alguns verbos de ambos os marcadores. Há ainda um grupo de verbos que não apresentam nem *locus* nem configurações de mãos classificadoras, os verbos que não possuem nenhum tipo de flexão. Tomemos uma sentença como (26) abaixo ilustrar a análise.

(26)

CARRO VERMELHO $_{x}$VEÍCULO_MOVER$_{y}$

‘O carro vermelho se moveu de x para y.’

(27)

Descrição: Mão direita horizontal aberta, palma para baixo.

A sentença (26) possui um verbo de deslocamento (MOVER) que apresenta concordância *locus* (pontos x e y no espaço de sinalização) e que também concorda com um Tema (CARRO). A concordância com o Tema é expressa pela configuração de mão classificadora especificada em (27). A derivação dessa estrutura envolve a concatenação de um argumento interno com a raiz de movimento. São conectados também argumentos internos Fonte e Alvo, se presentes, como explicitado na figura abaixo.

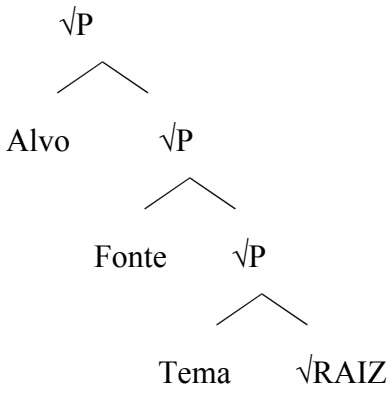


Figura 19: Concatenação da Raiz com Argumentos Internos na representação direta de referentes

Na seqüência, um nó *v* é concatenado, criando um domínio cíclico e a derivação é enviada para FF, FL e para a Interface Conceitual. A Inserção Vocabular insere a raiz (que possui a trajetória de deslocamento) e a estrutura recebe então a interpretação 'andar'. Observe a representação que se segue.

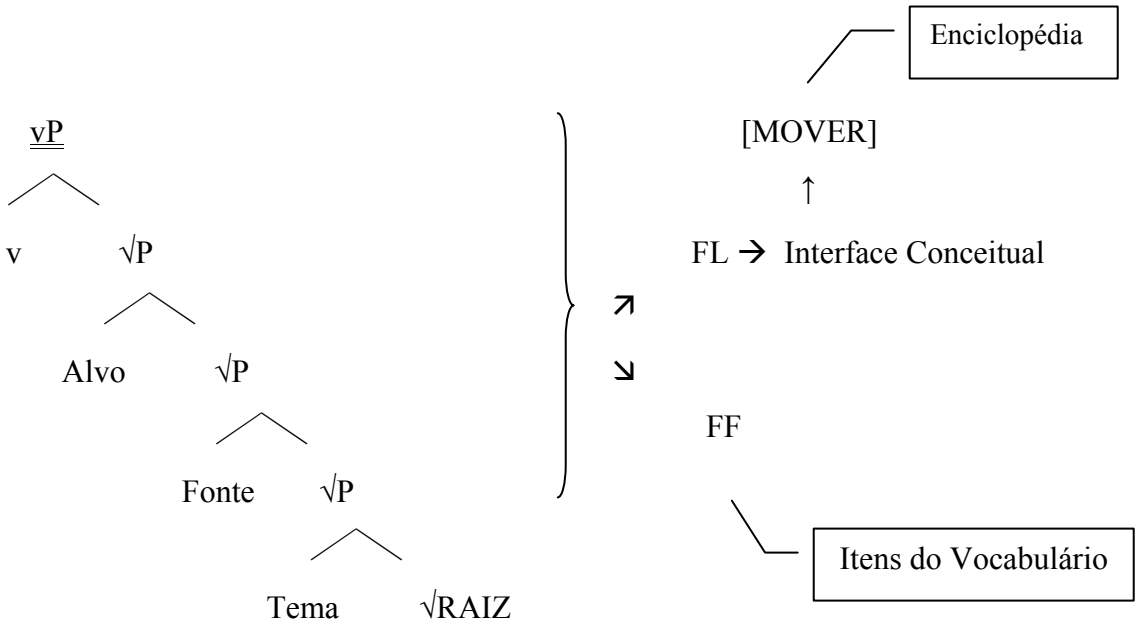


Figura 20: Concatenação de *v* na representação direta de referentes

A estrutura é derivada e os nós de concordância, juntamente com outros materiais, são concatenados, como se vê abaixo.

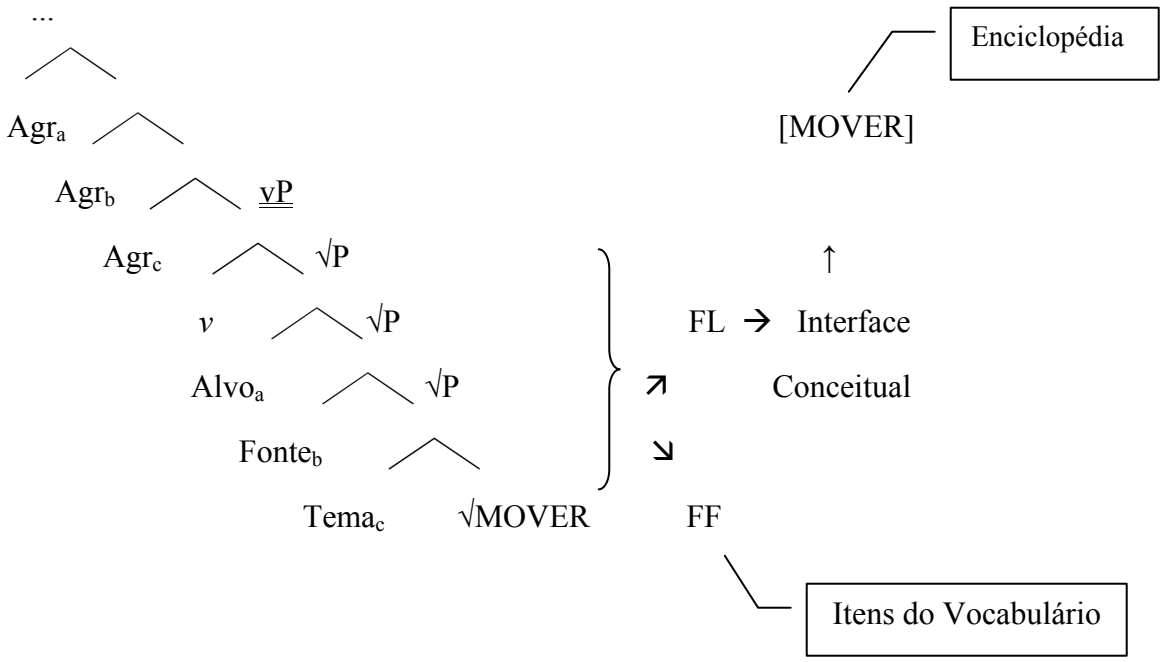


Figura 21: Concatenação de nós de concordância na representação direta de referentes

Assumindo que a LSB possui dois sistemas de concordância, os Itens de Vocabulário devem ser inseridos nos nós de concordância correspondentes. Nesta fase da derivação, todos os substantivos podem ocorrer como todos os tipos de argumentos e seria impossível dizer que traços-φ seriam conectados a eles numa determinada construção, traços *locus* ou traços classificadores. Portanto, todos DPs podem ser conectados com ambos os tipos de traços-φ. Na sentença exemplificada acima, CARRO está conectado com traços *locus* (que foram atribuídos no discurso anterior), por exemplo, [loc$_x$] e [loc$_y$] e com traços classificadores. Os Itens de Vocabulário relevantes entram em competição para serem inseridos nos morfemas de concordância da derivação da sentença e os traços morfossintáticos dos morfemas classificadores de concordância são subespecificados.

Os verbos de deslocamento, como todas as estruturas na MD, têm uma estrutura morfossintática hierárquica, de acordo com o princípio Estrutura Sintática Top-Down. Dessa forma, a ordem da concatenação dos nós de concordância segue a ordem dos

argumentos e quando a derivação é enviada novamente para FF e FL, a Inserção Vocabular começa inserindo um Item de Vocabulário para o feixe de traços morfossintáticos mais interno, que ainda não tem traços fonológicos, como na representação que se segue.

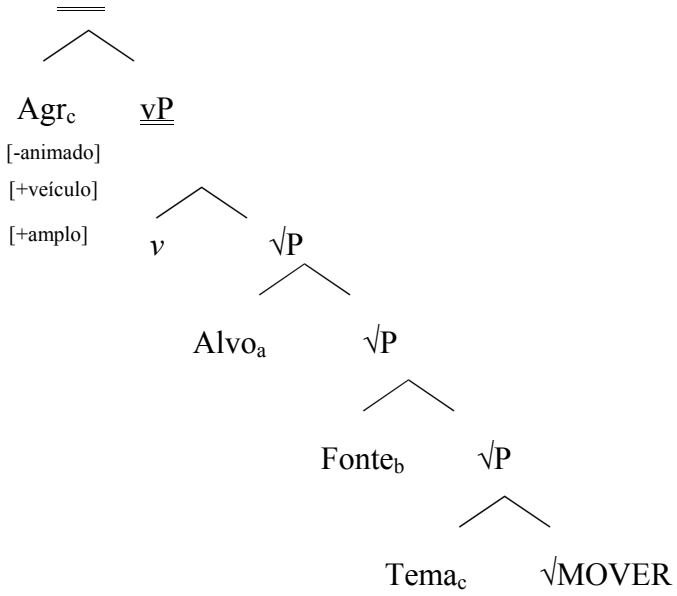


Figura 22: Inserção de Item de Vocabulário para feixe de traços mais interno na representação direta de referentes

Nessa estrutura, esse é o nó de concordância que está mais perto da raiz que contém o marcador de concordância para o argumento Tema. A competição dos Itens de Vocabulário assegura que o Item de Vocabulário mais altamente especificado e não-divergente é inserido. Desde que os marcadores de concordância classificadores têm mais especificações de traços que os marcadores de concordância *locus* (conforme o exemplo que se segue), o marcador de concordância Tema é interpretado com a configuração de mão classificadora apropriada, no caso, aquela ilustrada em (27).

/x/ ↔ [+ loc]

/y/ ↔ [+ loc]

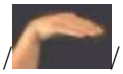
/  / ↔ [- animado, + veículo, +amplo...]

Figura 23: Especificações de traços morfossintáticos para concordância

A Inserção Vocabular do morfema de concordância conectado ao argumento Fonte poderia, em princípio, interpretar também o Item de Vocabulário mais especificado, o marcador de concordância classificador. No entanto, uma vez que o sinal já adquiriu especificações fonológicas para a configuração de mão, a derivação fracassaria em FF, por haver duas especificações de traços para um parâmetro fonológico de um sinal. Em vez disso, um marcador *locus* é inserido.

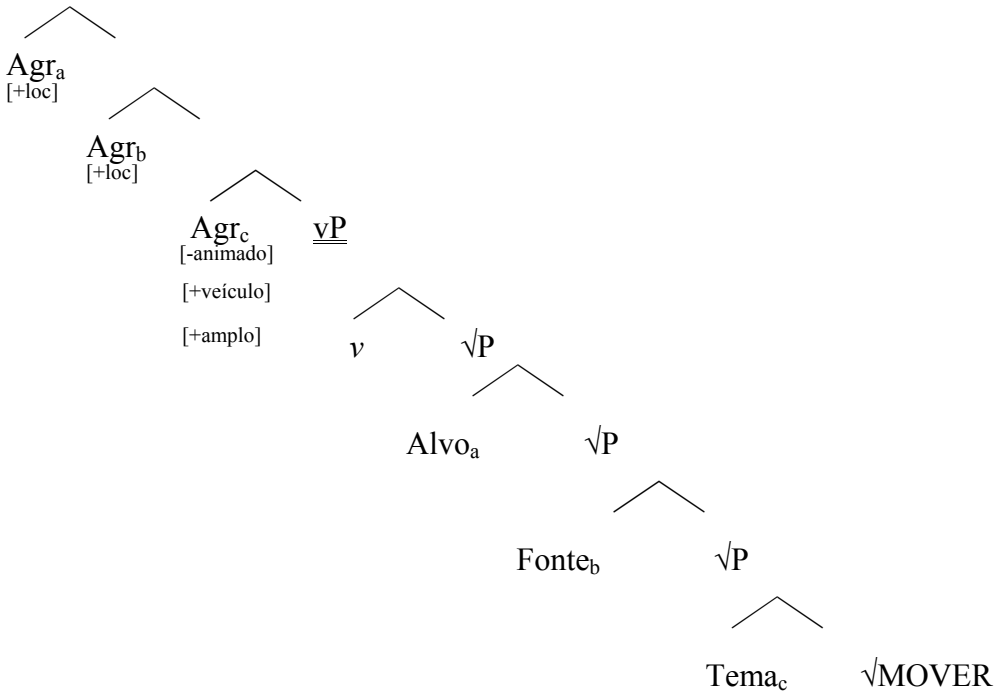


Figura 24: Inserção de Itens de Vocabulário para concordância locativa na representação direta de referentes

A Ciclicidade e o princípio de Estrutura Sintática Top-Down predizem que o nó de concordância conectado com o argumento Tema é sempre inserido com um Item de Vocabulário, que consiste de uma configuração de mão (isto é, em verbos de deslocamento, em que os Itens de Vocabulário inseridos nas raízes não estão especificados para uma configuração de mão).

No exemplo acima, a configuração de mão classificadora se referiu diretamente a um referente, classificando-o segundo uma classe semântica (no caso, veículos). De forma diversa, nas sentenças que se seguem, as configurações de mãos se referem indiretamente a um objeto, indicando o modo pelo qual esses objetos são manipulados ou o modo pelo qual se dá o evento. Nos exemplos (28) e (29) o predicado é composto de uma configuração de mão que indica a forma pela qual um objeto é segurado.

(28)
ESTANTE TER LIVRO EM_CIMA PEGAR_OBJETO_PLANO$_a$ GUARDAR_OBJETO_PLANO$_b$
'Tinha um livro na parte de cima da estante, eu peguei e guardei (embaixo)'.

(29)
ESTANTE TER LÁPIS PEGAR_OBJETO_FINO$_a$ GUARDAR_OBJETO_FINO$_b$
'Tem um lápis na estante, eu tirei o lápis do local A e guardei no local B (da estante)'.

Assumimos que os predicados de *manipulação* são inseridos apenas em estruturas transitivas e que, portanto, o verbo necessitará de um nó de voz que projete um Agente sobre *v* (Zwitserlood 2003:209). Somente nesse ambiente a inserção de uma configuração de mão de *manipulação* será interpretada. A derivação das sentenças (26), (28) e (29) é a mesma até o ponto em que *v* é concatenado. Como na estrutura derivada anterior, uma raiz é concatenada com os argumentos internos Tema e Fonte, *v* é

concatenado e a derivação é enviada para FF, FL e para a Interface Conceitual, como na figura abaixo.

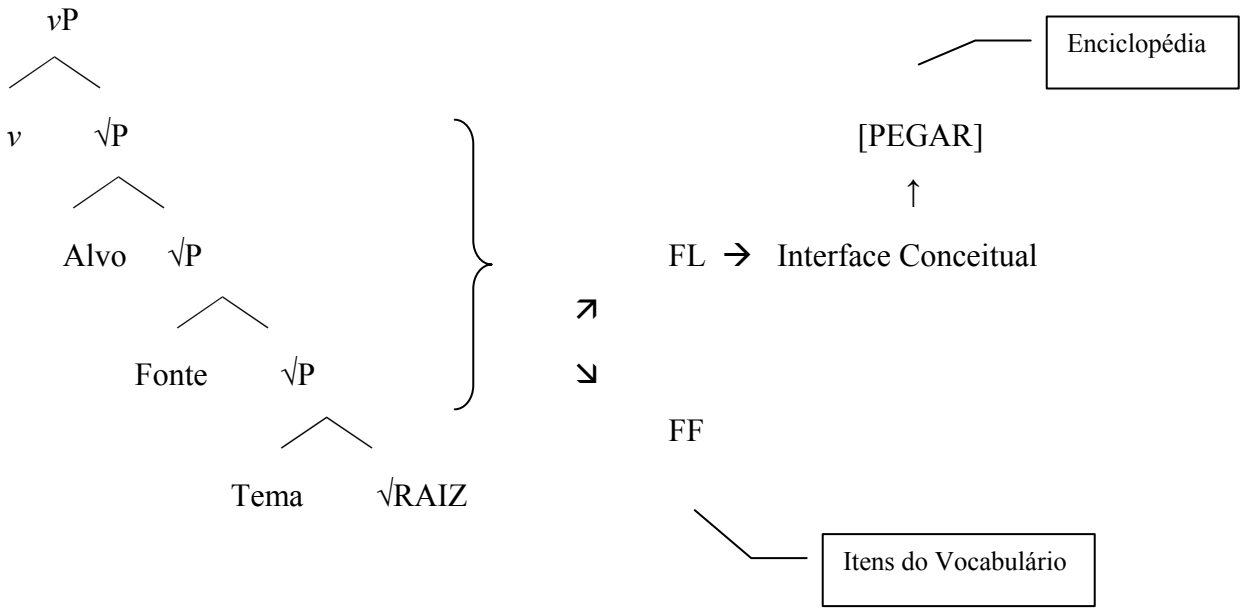


Figura 25: Concatenação até *v* na representação indireta de referentes

A derivação das estruturas (28) e (29) diferem de (26) daí em diante, pois um nó de voz é concatenado na derivação, este desencadeia a concatenação de um outro nó, que por sua vez contém um argumento externo, o que pode ser visto na figura abaixo.

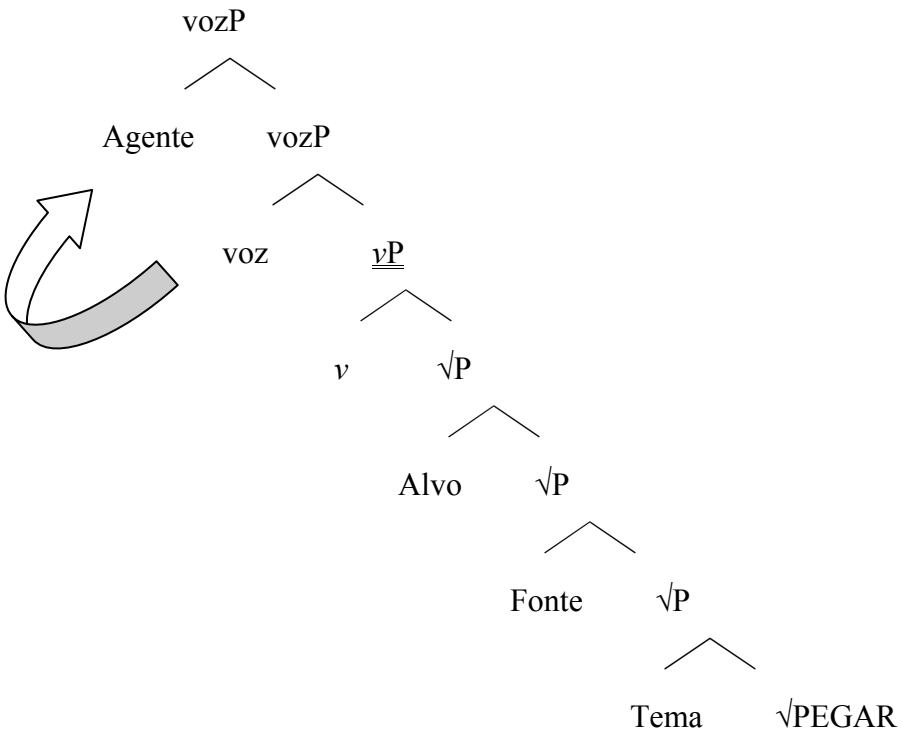


Figura 26: Concatenação de [voz] na representação indireta de referentes

No passo derivacional subseqüente, os nós de concordância são concatenados (dentre outros). Quando a derivação é uma vez mais enviada para FF e FL, o Item de Vocabulário relevante que será inserido no nó de concordância para o argumento Tema é uma configuração de mão específica e, além disso, é inserida apenas no contexto de um traço [+voz]. O outro nó de concordância que é concatenado (relacionado à Fonte) será inserido com um *locus* no espaço de sinalização.

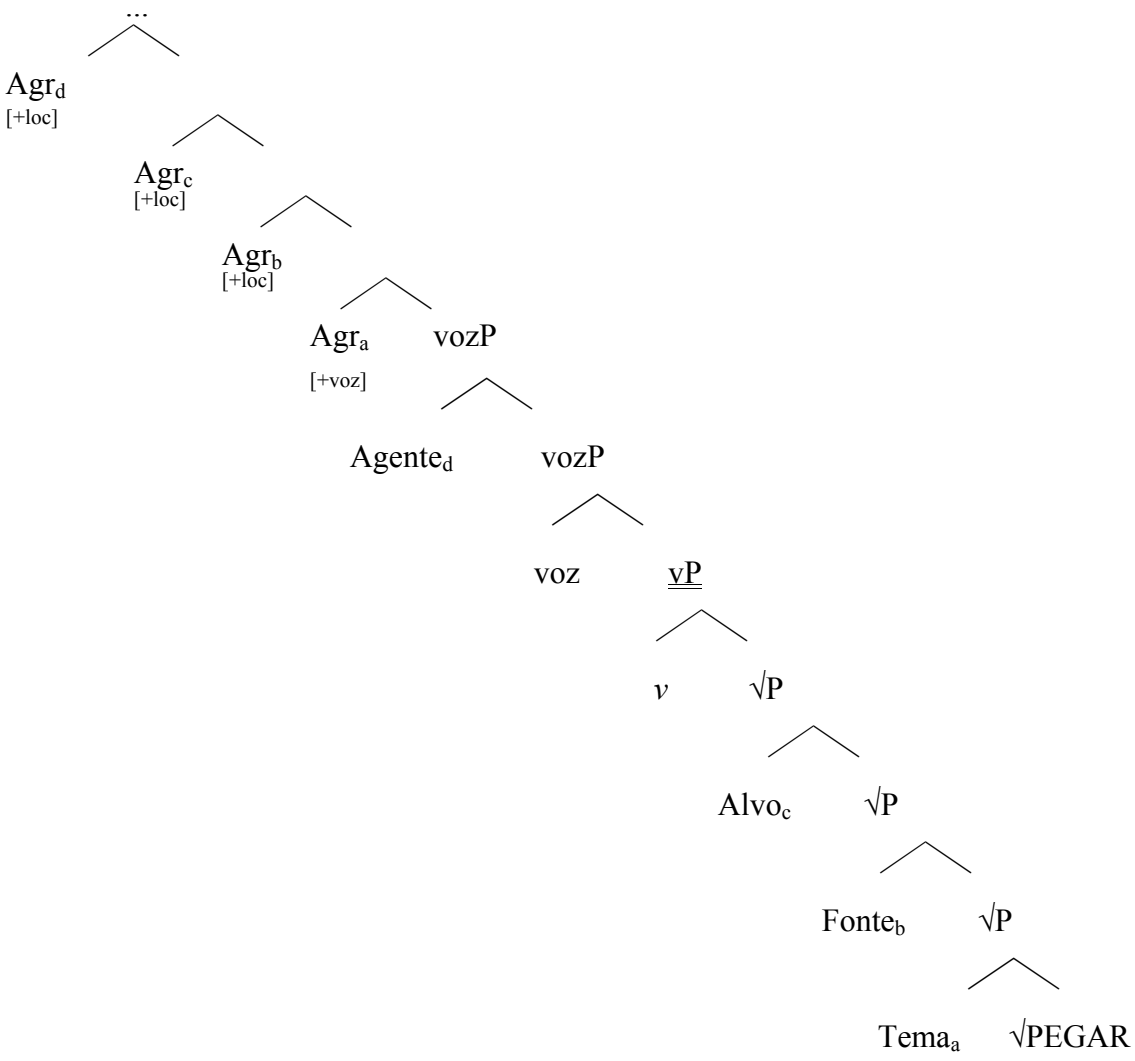


Figura 27: Concatenação de nós de concordância na representação indireta de referentes

Os verbos de concordância contêm raízes cujos Itens de Vocabulário possuem uma especificação para configuração de mão e movimento, mas não possuem uma especificação completa para ponto de articulação. Os pontos de articulação são fornecidos pelos Itens de Vocabulário que interpretam os feixes de traços morfossintáticos, concordando com os marcadores de Fonte e Alvo, de forma que o sinal se move do *locus* da Fonte para o *locus* do Alvo. Na tabela abaixo são especificados os traços fonológicos relevantes para estabelecimento de concordância nos verbos da LSB.

	Tipos de predicados		
Traços	**Sem concordância**	**Concordância locus**	**CCs**
Ponto de Articulação	+	-	-
Configuração de Mão	+	+	-
Movimento	+	+	+

Figura 28: Especificação de traços fonológicos relevantes para estabelecimento de concordância

Seguindo os passos de Zwitserlood, pode-se estabelecer que uma estrutura que, depois da Inserção Vocabular em todos os seus nós terminais, não apresenta traços fonológicos para todos os componentes que são minimamente necessários em vista das exigências da Interface FF das línguas de sinais receberá especificações *default*. As especificações *default* para o ponto de articulação em verbos de concordância são *próximo ao corpo do sinalizador* e *ligeiramente distante do sinalizador* (ocorrendo o inverso para os *backwards verbs*, em que o objeto está relacionado ao Alvo e o sujeito à Fonte).

A inserção de Itens Vocabulares com especificação *default* pode ser vista na sentença (28) acima, ESTANTE TER LÁPIS PEGAR_OBJETO_FINO$_a$ GUARDAR_OBJETO_FINO$_b$. Na segunda oração, o verbo PEGAR apresenta uma configuração de mão classificadora e concordância com o argumento interno Fonte. No entanto, não há flexão para Alvo. Dessa forma, a especificação fonológica para realização do verbo será *default*, o movimento que compõe o verbo começará no *locus* especificado para ESTANTE e terminará em um local próximo ao corpo do sinalizador.

/a/ ↔ *locus* x
/Ø/ ↔ *locus default*

Figura 29: Entradas de Vocabulário para flexão *locus*

A análise apresentada é interessante porque consegue capturar a relação entre a concordância e as construções classificadoras, visto que tais construções se comportam como predicados que exibem concordância na LSB. Disso decorre que a análise de Zwitserlood pode ser estendida para outras línguas de sinais, não se restringindo apenas aos dados da NGT.

4.5 Incorporação Nominal em Verbos de Deslocamento

Vejamos agora um outro tipo de construção que tem sido considerada como possuidora de classificadores na LSB, mas que apresenta características diferentes daquelas presentes em construções classificadoras. Algumas construções com os verbos ANDAR, COLOCAR E CAIR apresentam propriedades distintas daquelas levantadas acima. Nesses casos específicos, existe uma forma "congelada", em que não existe mudança na forma da configuração de mão de acordo com suas propriedades, mas a representação é de um único objeto. As sentenças abaixo referem-se a esses casos.

(30)

COLOCAR_BOLO_NO_FORNO

Ex.: EU COLOCAR_BOLO_NO_FORNO

'Eu coloquei o bolo no forno.'

(31)

ARANHA_ANDAR

Ex.: ARANHA_ANDAR_PELO_TETO

‘Aranha anda pelo teto.’

(32)

ÁRVORE_CAIR

Ex.: ONTEM CHOVER FORTE, ÁRVORE_CAIR

‘Ontem choveu forte, uma árvore caiu.’

Para tais sentenças, em que o verbo não contém apenas a descrição de uma propriedade do seu argumento, mas uma representação do próprio objeto, assumimos uma análise diferente, já que a concordância com argumentos verbais é realizada de uma maneira muito mais geral. Dessa forma, consideramos que um predicado como CAIR_ÁRVORE seja o resultado de um processo de incorporação nominal. Nesse verbo, ao contrário das construções classificadoras, um SN é incorporado ao verbo.

O processo de incorporação pode ser definido como a combinação de duas raízes lexicais que resulta em um item lexical complexo. De acordo com Baker (1988), as principais propriedades da incorporação sintática nominal nas línguas naturais são: (i) há inversão da ordem linear canônica do verbo e do objeto (cf. (33) abaixo); (ii) a combinação de uma raiz nominal com uma raiz verbal resulta num verbo complexo; (iii) um nome incorporado freqüentemente se refere a uma classe genérica ou não-específica; (iv) além de argumentos internos verbais, instrumentos e/ ou locativos também podem ser incorporados, sendo considerados objetos estruturais.

(33)

a. wa'hahninú' ne' o**yE≅kwa**'
TNS.3SG.3N.comprar.ASP ART 3N.tabaco.NOM
'Ele comprou o tabaco.'

b. wa'ha**yE'kwa**hní:nu
TNS.3SG.3N.tabaco.comprar.ASP
'Ele comprou tabaco.'

Nessa sentença da língua Onondaga (Woodbury 1975:10), por exemplo, uma raiz nominal é combinada com uma raiz verbal, produzindo um verbo complexo. Em (33b) é apresentada a sentença que corresponde a (33a) com incorporação do objeto 'tabaco' ao verbo 'comprar'. Além de (33b) apresentar diferentes propriedades sintáticas (como por exemplo, diferença na ordem dos itens lexicais), verifica-se também que o predicado complexo resultante da incorporação apresenta uma diferença semântica com relação à especificidade do objeto, como indicado pela tradução da sentença. Esse fato demonstra que, além de modificar características morfológicas e sintáticas dos itens lexicais, a incorporação também pode envolver mudança de características semânticas dos itens envolvidos.

De acordo com Baker (1988:80), a produtividade da incorporação nominal sugere que seja um processo sintático, ao invés de lexical. Veja abaixo a representação da Estrutura-D e da Estrutura-S de uma sentença com incorporação, com base em Baker 1988:80.

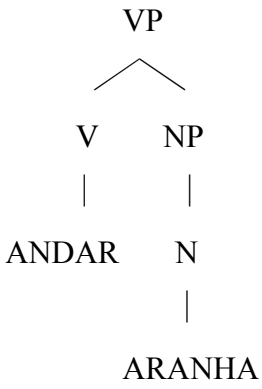
(34)

EU VER$_a$ ANDAR_ARANHA$_a$

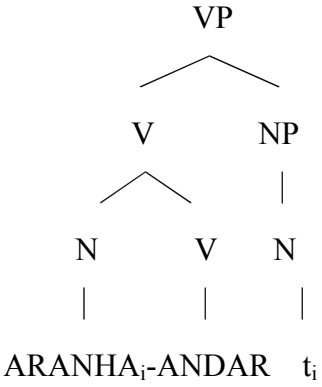
'Eu vi uma aranha andando pelo teto.'

(35)

a.



b.



Baker (1988:80) explica que a Hipótese da Uniformidade de Atribuição Temática[27] diz que tanto a sentença com incorporação quanto a sentença sem incorporação devem ter Estruturas-D paralelas, em que as atribuições temáticas estejam representadas da mesma forma. Em (33), o verbo ANDAR e a raiz nominal ARANHA se combinam para formar uma única palavra em algum momento da derivação.

Segundo Baker, essa combinação se dá através da operação Mova α (cf. Chomsky 1981), que move um item lexical estruturalmente mais baixo (o nome) e o adjunge a um item lexical mais alto na sintaxe. Pelo Princípio de Projeção[28], esse movimento não pode eliminar a estrutura temática relevante; portanto, a raiz nominal movida deixa um vestígio no núcleo do NP objeto direto que recebe um papel temático do verbo e satisfaz as exigências de subcategorização do verbo.

Se atentarmos para o contexto de produção dessas sentenças e para sua interpretação, podemos perceber um aspecto importante a respeito das propriedades apontadas por Baker como características da incorporação: a diferenciação na ordem dos elementos na frase. Na LSB, a simultaneidade presente nas sentenças com incorporação é uma modificação na ordem dos elementos da frase, já que não é possível a sinalização

[27] The Uniformity of Theta Assignment Hypothesis (UTAH): Identical thematic relationships between items are represented by identical structural relationships between those items at the level of D-structure (Baker 1988: 46)

[28] Projection Principle: (i) If B and A are immediate constituents of C at level L_i, and C = A', then A theta marks B in C. (ii) If A selects B in C as a lexical property, then A selects B in C at level L_i. (iii) If A selects B in C at level L_i, then A selects B in C at level L_j. (Chomsky 1981)

dessas sentenças com uma ordem canônica do tipo VO ou OV. Talvez esse fato tenha feito com que muitos caracterizarem tais estruturas como classificadoras.[29] Observa-se também aqui a não-especificidade do objeto, de modo contrário ao que ocorre nas sentenças com construções classificadoras, que possuem um argumento específico. Além disso, os verbos podem ainda apresentar um *locus*, estabelecendo concordância espacial, como no exemplo (34) acima, repetido aqui como (36) para maior comodidade do leitor.

(36)

EU VER_a $ANDAR_ARANHA_a$

'Eu vi uma aranha andando pelo teto.'

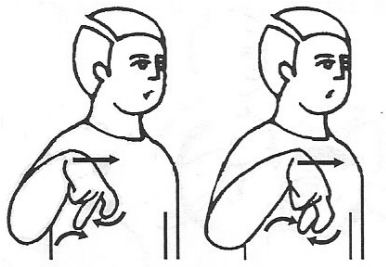
Na sentença citada, por exemplo, o movimento que constitui os dois verbos é direcionado para o teto, transcrito como **a** em (36). Tendo em vista tais características, propomos que o processo de incorporação nominal explica a formação de tais verbos complexos e distingue-os daqueles estudados na seção anterior.

[29] Embora a sentença (34) possa ser sinalizada como EU VER_a ARANHA $ANDAR_a$, pois um surdo irá compreendê-la, não é utilizada por usuários da LSB. Esse fato sugere que existe um Item de Vocabulário independente em LSB que corresponde ao conglomerado dos traços correspondentes a ARANHA e ANDAR.

4.6 Incorporação de modo em verbos de deslocamento

O mesmo verbo ANDAR pode apresentar ainda outra forma de realização, imitando o modo como se deu o deslocamento de um referente. Observe os exemplos abaixo.

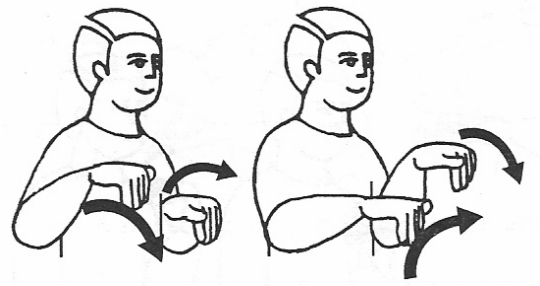
(37)



ANDAR DE MODO LEVE E SUAVE

Descrição: Mão direita em V invertido, palma para dentro. Mover a mão oscilando lentamente os dedos. Ex.: Ela estava tão feliz que andava de modo leve e suave. (Capovilla & Raphael 2001: 196)

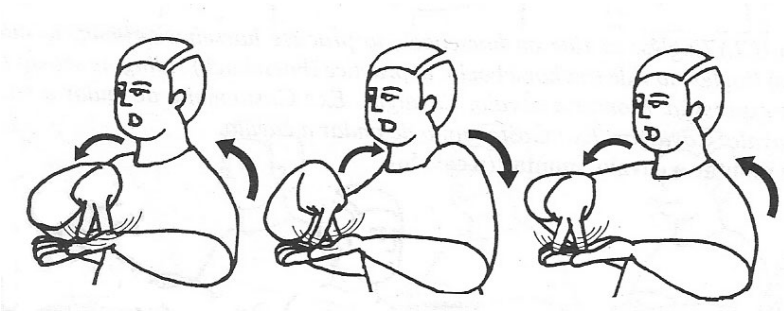
(38)



ANDAR NAS PONTAS DOS PÉS

Descrição: Mãos horizontais abertas, palmas para baixo, polegares distendidos e dedos flexionados. Mover as mãos para frente em pequenos arcos para frente e para baixo, alternadamente. Ex.: Andou o corredor todo nas pontas dos pés. (Capovilla & Raphael 2001: 196-197)

(39)



ANDAR CAMBALEANDO

Descrição: Fazer o sinal de ANDAR (a pé), balançando o corpo para os lados enquanto deixa cair os ombros alternadamente, com expressão displicente. Ex.: O mendigo andava cambaleando pela rua. (Capovilla & Raphael 2001: 194)

Os verbos acima constam como classificadores no referido dicionário e, segundo Zwitserlood (2003), é fato comum na literatura sobre línguas de sinais considerá-los assim. Na sua maior parte, tais verbos indicam como um referente se move pela representação dos movimentos das mãos, braços, pés e pernas, e essas partes do corpo são representadas pelas configurações de mãos.

Uma diferença desses predicados com relação às construções classificadoras é que os exemplos acima não descrevem uma trajetória de movimento de um ponto em particular para outro ponto no espaço de sinalização (embora a noção semântica de Trajetória possa estar presente). Além disso, as configurações de mãos não representam argumentos do verbo, não servem, pois, para manutenção da referência no discurso. Se tomarmos os exemplos acima em contexto sentencial, o sinal será realizado da mesma forma para pessoas e animais, independente de seu tamanho (e da quantidade de pernas), propriedades que normalmente são representadas numa construção classificadora.

Os elementos que compõem os verbos de modo de deslocamento destacam aspectos particulares do evento e, por isso, aqui serão considerados como raízes complexas, que se comportam, por exemplo, como *João atravessou o rio nadando* no português, ou verbos como sussurrar e *cochichar* (falar em voz baixa).

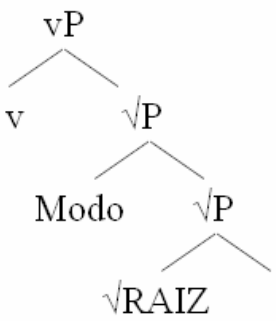
Segundo Talmy (1985), as línguas manifestam variação sistemática entre elementos semânticos (deslocamento, trajetória, modo etc.) e elementos que aparecem na superfície (verbos, adposições, orações subordinadas), pois não há uma correspondência um-a-um em tipos de línguas diferentes. Talmy (1991) propõe uma tipologia que divide as línguas em dois grupos: *verb-framed* e *satellite-framed*. O primeiro grupo é constituído de línguas que codificam trajetória de movimento em verbos (como *entrar* e *sair*, no português brasileiro) e o segundo, em partículas (como no inglês *go in* e *swim across*). Cada um desses grupos se diferencia na forma de expressar modo de movimento. Línguas *verb-framed* tendem a apresentar trajetória no verbo principal e o modo opcionalmente subordinado a ele. Já as línguas *satellite-framed* comumente combinam modo e movimento no verbo principal, expressando trajetória através de satélites. As diferenças apontadas acima podem ser vistas no quadro abaixo.

Língua Satellite-framed (English)		
Deslocamento, modo	**Trajetória**	**Fonte/ Alvo**
Verbo (finito)	*Satélite*	*Nome*
Go	out	of the house
Swim	across	the river
Língua Verb-framed (Português)		
Deslocamento, trajetória	**Fonte/ Alvo**	**Modo**
Verbo (finito)	*Nome*	*Verbo (não-finito)*
Entrou	em casa	Correndo
Atravessou	o rio	Nadando

Figura 30: Línguas *Verb-framed* e *Satellite-framed*

Em LSB existem verbos que indicam Deslocamento e Trajetória, como ENTRAR, SAIR, SUBIR, DESCER, ABAIXAR etc. Esse fato nos leva a considerar tal língua como *Verb-framed*. No entanto, a LSB pode codificar mais que Deslocamento e Trajetória no verbo, como Modo, conforme os exemplos (35) a (37) demonstram. Diante de tal característica, propomos que estes últimos sejam analisados como incorporação de modo. Através da incorporação, uma raiz verbal se associa a Modo, produzindo um verbo complexo. Segue uma representação de tal processo.

a.



b.

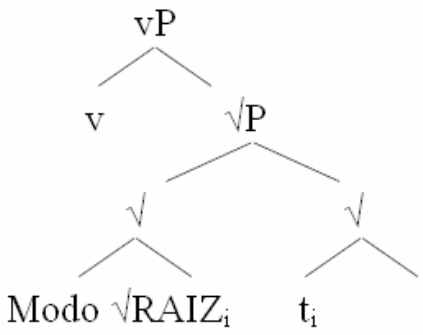


Figura 31: Representação de Incorporação de Modo

Uma outra forma de se analisar as construções acima é através de uma projeção de Aspecto (Fischer & Janis 1992) ou de Modo (Pichler 2001). Em princípio, ambas as propostas parecem explicar tais construções de acordo com o que foi observado nos verbos coletados em Capovilla & Raphael (2001). No entanto, as construções acima não dispõem de um item lexical específico que seja responsável pelo aspecto ou modo e é possível identificar mudanças no movimento que constitui o sinal. Esse movimento pode ser analisado como a própria raiz verbal que se encontra modificada pelo Modo. Portanto, a incorporação se torna mais adequada para explicar o comportamento desses verbos.

4.7 Verbos sem concordância

A análise até aqui apresentada buscou unificar apenas os classificadores com a concordância, pelo fato de apresentarem estruturas em comum. Além disso, pelo fato de a LSB apresentar uma série de assimetrias em relação à presença ou não de concordância nos verbos, a concordância é um aspecto importante na construção dos seus predicados classificadores. Finalizando este capítulo, discutiremos brevemente aqui a derivação de verbos sem concordância em LSB.

Propomos que eles sejam derivados da mesma forma que verbos de concordância, mas diferindo no fato de que as suas raízes estão relacionadas a Itens de Vocabulário com especificações completas de traços fonológicos. Desse modo, qualquer marcador de concordância interpretado com um Item de Vocabulário que carrega especificações de traço para *locus* e configuração de mão resultará num choque de traços fonológicos em FF. Em vez disso, os marcadores de concordância são deixados sem especificação fonológica.

Um verbo como GOSTAR, por exemplo, é derivado a partir da concatenação de uma raiz com um argumento interno. Em seguida, v é conectado a √P e o resultado é enviado para Spell-Out. Abaixo encontram-se representações que ilustram esses passos derivacionais.

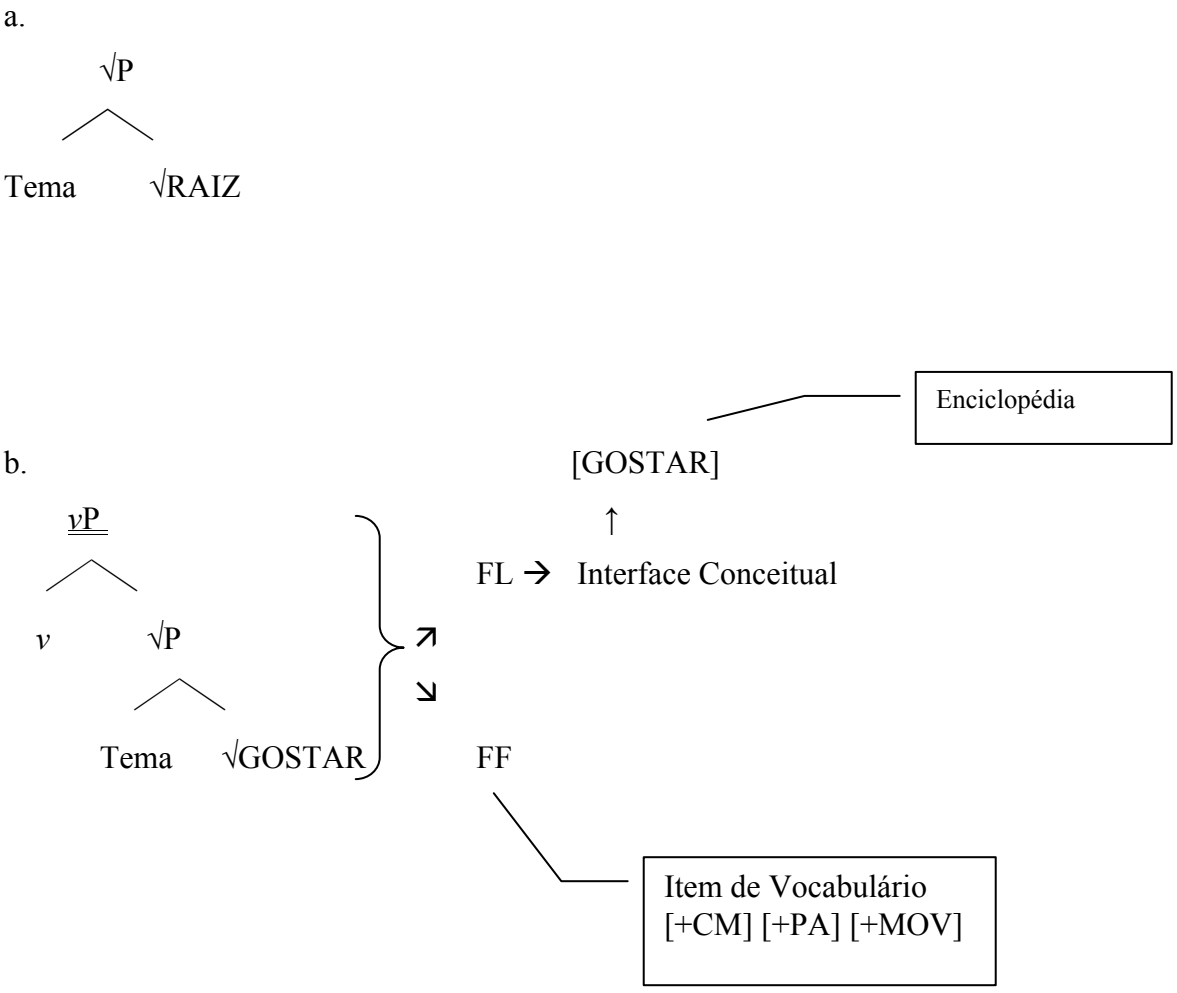


Figura 32: Derivação de verbos sem concordância

Na derivação que se segue, outros nós são conectados, como por exemplo o argumento externo do verbo. Após o envio para FL e FF, é a vez dos nós de concordância serem conectados. Após essa concatenação, a estrutura resultante é enviada novamente para LF e FF, fracassando nesta última, pois traços [+loc] apresentam especificações fonológicas para Ponto de Articulação. Se um Item de Vocabulário contém uma configuração de mão classificadora e for inserido em FF, a derivação também irá fracassar, nesse caso porque GOSTAR já possui traços especificados para Configuração de Mão.

4.8 Sumário

Neste capítulo, analisamos construções com verbos de deslocamento, os quais podem apresentar configurações de mãos classificadoras. A proposta aqui delineada demonstra que analisar tais estruturas como instâncias de concordância parece ser mais plausível, já que tentativas de explicar predicados complexos das línguas de sinais em uma única análise não se revelaram promissoras, pois desconsideraram a complexidade das construções com verbos de manipulação, verbos de modo de deslocamento e verbos como CAIR, ANDAR e COLOCAR, que parecem permitir a incorporação de nomes. Sugerimos que o modelo teórico da Morfologia Distribuída pode explicar de maneira satisfatória as construções classificadoras da LSB, considerando-se que as configurações de mãos (e sua orientação) contêm traços responsáveis por desencadear a concordância com os verbos de deslocamento. De acordo com essa análise, a LSB apresenta dois sistemas de concordância, um que utiliza pontos no espaço (locus) e outro que utiliza configurações de mãos. Esses dois sistemas podem gerar verbos que exibem concordância dos tipos:

(i) *loci*
MARIA $_{a}$AJUDAR$_{b}$ JOÃO
'Maria ajudou João.'

(ii) com configurações de mãos classificadoras
CARRO VEÍCULO_ULTRAPASSAR_VEÍCULO
'O carro ultrapassou um ônibus.'

(iii) com os dois tipos citados de concordância
MARIA $_{a}$MOVER_OBJETO_CILÍNDRICO$_{b}$
'Maria movimentou o copo de um local **a** para um local **b**.'

(iv) sem nenhum tipo de concordância.
JOÃO GOSTAR MARIA
'O João gosta da Maria.'

Como a análise explicitada só investigou verbos de deslocamento, no próximo capítulo serão analisados predicados com verbos de localização e existência.

5. Verbos de localização e existência

Como explicitado anteriormente, a literatura sobre línguas de sinais específicas (cf. Supalla 1986, para a ASL e Zwitserlood 2003, para a NGT, por exemplo) indica que os verbos de deslocamento, verbos locativos e verbos de existência apresentam configurações de mãos classificadoras. Neste capítulo, predicados locativos e existenciais serão analisados.

Considere as sentenças abaixo. À primeira vista, podemos fazer duas observações: (i) a sentença com leitura possessiva (1) e aquela com leitura existencial (2) apresentam o mesmo verbo TER e (ii) a sentença com predicado locativo não apresenta verbo foneticamente realizado, da mesma forma que a cópula ordinária, ou o verbo é o próprio locativo.

(1)

A-N-A TER BOLA

‘Ana tem uma bola.’

(leitura possessiva)

(2)

TER VASO

MESA

‘Tem um vaso sobre a mesa.’

(leitura existencial)

(3)

BICICLETA DELE(md) L-U-I-S

BICICLETA(me)

BICICLETA DELE(md) BICICLETA(me) ALI ESQUERDA

‘A bicicleta do Luis está ali, à esquerda.’
(leitura locativa)

A hipótese que queremos explorar aqui é que a localização dos referentes pode ser feita através do verbo ESTAR_LOCALIZADO, que difere da cópula ordinária por apresentar concordância com determinadas propriedades do objeto e poder ser realizada através de apontamento. Neste último caso, o local apontado (ALI no exemplo acima) é um dêitico e o verbo é a cópula, que na LSB é foneticamente nula.

Demonstrarei que as sentenças com o verbo ESTAR_LOCALIZADO se comportam da mesma forma que sentenças com verbos de deslocamento, permitindo o uso de configurações de mãos que representam o referente localizado. No que diz respeito às sentenças copulativas, existenciais e possessivas, defenderei que os verbos que compõem tais sentenças são verbos sem concordância, o que explicará o fato de não permitirem ancoragem de configurações de mãos classificadoras em sua raiz.

A proposta delineada neste capítulo parte da proposta geral de Freeze (1992), que toma uma mesma estrutura sintática para derivar construções possessivas, existenciais e locativas e, mais especificamente, em alguns pontos da proposta de Avelar (2004, 2007) para o português brasileiro (PB), já que os dados da LSB se assemelham, em certos aspectos, àqueles apresentados por Avelar em seu estudo.

5.1 Verbos de localização e existência nas línguas de sinais

Pesquisas sobre línguas de sinais têm identificado um verbo de localização que permite, em alguns sistemas, anexar configurações de mãos representativas. Para a ASL, Benedicto & Brentari (2004) apresentam o verbo BE-LOCATED, realizado por um pequeno movimento da mão para baixo seguido de retenção. Segundo as autoras, esse movimento indica um lugar específico onde um objeto existe, mas não representa o movimento do objeto, nem descreve esse objeto.

(4)

Figura 33: VEHICLE (is located) na ASL
Fonte: Valli & Lucas (1995:75)

Zwitserlood (2003) apresenta um verbo de localização para a NGT, salientando que esse verbo não é usado com freqüência para descrever uma situação estativa (ou um evento), mas para atribuir aos referentes *loci* particulares no espaço de sinalização. Tais *loci* podem ser usados para futura referência dos referentes (com o uso de um classificador).

(5)

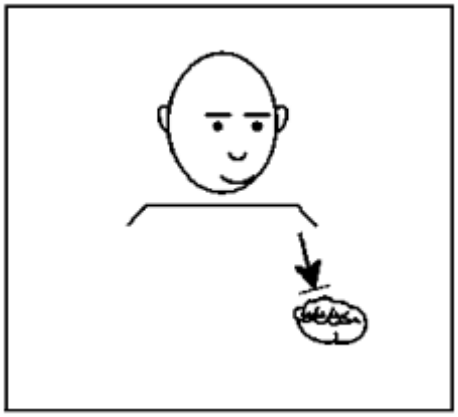


Figura 34: be- LOCright-CL:flat ent 'There is a book to the right'
Fonte: Zwitserlood (2003:93)

Essa autora explica ainda que, pelo fato de atribuir *loci* aos referentes, o verbo de localização é um sinal de apontamento (glosado como IX – INDEX – na maior parte da literatura gerativista). Dessa forma, Zwitserlood considera que esses verbos funcionam muito mais como operadores que atribuem índices abertos para conectar referentes a *loci* particulares do que como verbos, mas trata-os como verbos de localização em sua pesquisa, pela possibilidade de exibirem uma configuração de mão representativa em sua estrutura.

A LSB também apresenta um sinal que atribui *loci* aos referentes dos argumentos verbais. Em (6a) temos um apontamento que não participa de representação de referentes. De modo diverso, os dois primeiros quadros da linha 1 do exemplo (6b) atribuem um *locus* para MARIA. Em outro momento da narrativa, esse mesmo *locus* poderá ser usado para fazer referência à mesma pessoa.

(6)

a. CARRO ALI

‘O carro está ali.’

b.

1. PESSOA(me) ESSA(md) FALAR

M-A-R-I-A (md) PESSOA(me)

2. TER BICICLETA JUNTO

3. LÁ CARRO VERMELHO

4. VEÍCULO(md) LÁ(md)
LADO_VEÍCULO_DUAS_RODAS(me) LADO_VEÍCULO_DUAS_RODAS(me)

‘Maria falou que tem uma bicicleta do lado do carro vermelho.’

No exemplo ilustrado, primeiramente temos a localização de um referente MARIA no espaço de sinalização, que se dá através de uma configuração de mão classificadora que representa ‘pessoas’. O movimento feito pela mão é curto, seguido de retenção do sinal. Na linha 2, temos uma existencial que é seguida, na linha 4, por um predicado que relaciona a localização de dois objetos diferentes (CARRO e BICICLETA).

A última ilustração do exemplo acima mostra o apontamento relacionado a um referente que, geralmente, é representado por uma configuração de mão classificadora. No entanto, o apontamento, em si mesmo, não inclui uma configuração de mão classificadora. A mão esquerda é a representação desse objeto e descreve o local onde ele está, sendo responsável também por indicar a sua localização no espaço (representação do espaço real).

O apontamento continua sendo um dêitico, mas a mão esquerda que representa BICICLETA forma um predicado de localização.

A localização de BICICLETA em relação a CARRO é uma construção que concorda com os dois objetos, pois cada mão exibe uma configuração que representa um dos referentes mencionados, e há ainda a concordância locus, pois as duas mãos ocupam locais do espaço de sinalização que representam sua distribuição no espaço real. Essas características nos levam, portanto, a considerar tais construções como classificadoras. De acordo com a análise apresentada no Capítulo 4, tais construções não terão especificações para Ponto de Articulação e Configuração de Mãos, estes serão inseridos de acordo com os morfemas de concordância, quando a derivação for enviada para FL e FF. A representação abaixo sintetiza a derivação desses verbos.

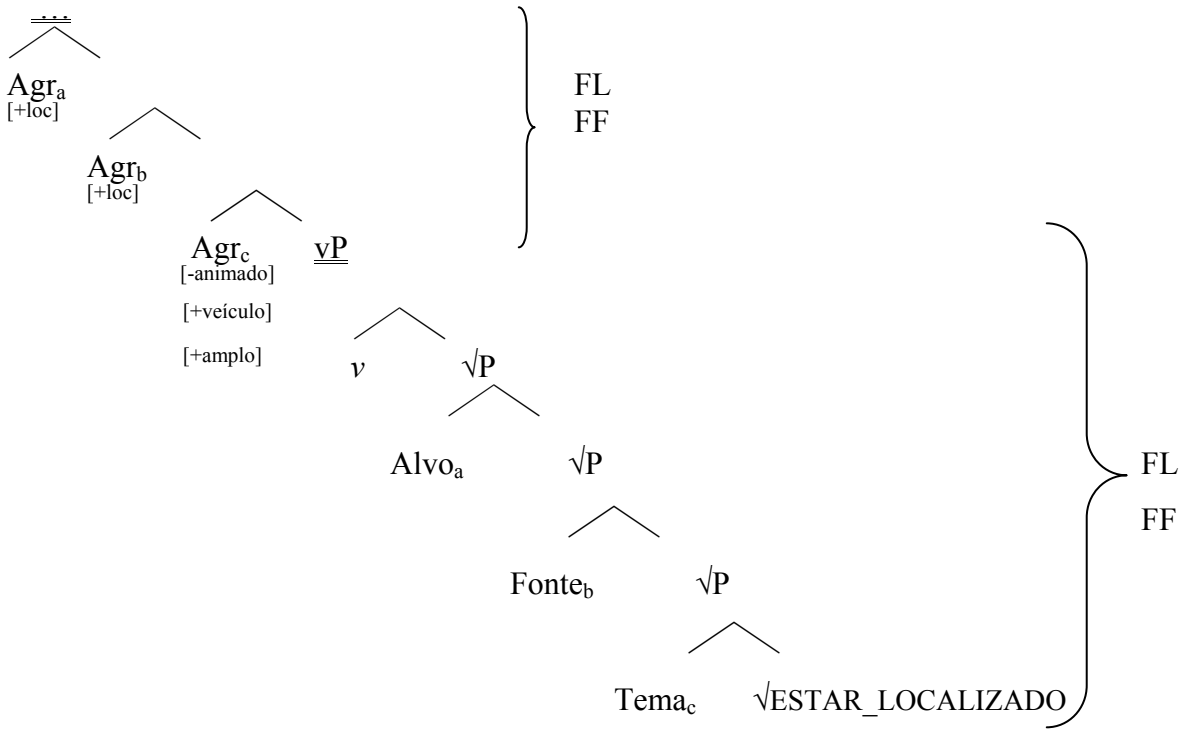


Figura 35: Derivação do verbo ESTAR_LOCALIZADO

As sentenças copulativas diferem das anteriores. Os exemplos de (7) a (12) são interpretados como copulativas ordinárias[30]. A cópula é considerada, nessas sentenças, foneticamente nula.

(7)
MARIA PROFESSORA
'Maria é/ era professsora.'

(8)
HOJE MUITO QUENTE
'Hoje está muito quente.'

(9)
EU SABER QUEM ELA
'Você sabe quem ela é.'

A predicação copulativa na LSB é semelhante àquelas encontradas em outras línguas de sinais (MacLaughlin 1997 para a ASL, Jantunen 2006 para a FinSL, Zwitserlood 2003 para a NGT, dentre outros) , podendo ser realizada com um nome mais adjetivo, advérbio ou nome, conforme se observa nos exemplos a seguir.

(10)
LIVRO VELHO
'O livro é/ está velho.'

[30] Na sentença (7), o nome próprio MARIA foi substituído pela letra M, uma forma comum de fazer referência a pessoas na LSB.

(11)
MULHER CASA
‘A mulher está em casa.’

(12)
REUNIÃO ONTEM
‘A reunião foi ontem.’

Existe um verbo que é normalmente traduzido como ‘estar’ pelos surdos oralizados, apesar de afirmarem que não é necessária a sua utilização, pois o sentido é compreensível sem esse elemento. Esse fato demonstra a impossibilidade de o apontamento ser um verbo, pois este pode estar presente na sentença. O exemplo abaixo foi retirado de Quadros & Karnopp (2004) e se refere à variante usada no Rio Grande do Sul. Na variedade de Campinas esse sinal não foi encontrado durante as pesquisas que fundamentaram esta tese.

Figura 36: ESTAR
Fonte: Quadros & Karnopp (2004:184)

O sinal abaixo, apresentado por Lira & Souza (2006) como ‘estar’, é utilizado pelos informantes que participaram desta pesquisa com o sentido de ‘ficar’, ou seja, a interpretação do verbo tem um caráter mais permanente que transitório.

Figura 37: ESTAR
Fonte: Lira & Souza, 2006

Para as construções em que o verbo é traduzido como ‘ser’, há também um sinal que corresponde ao verbo, ilustrado na figura que se segue. Os surdos atribuem a esse verbo o *status* de empréstimo do português, já que o sinal é constituído pela letra ‘e’, do alfabeto manual, e um movimento com o dedo indicador que simula o ato de acentuar uma palavra. No entanto, de acordo com Arrotéia (c. p.) e Viotti (c. p.), esse sinal é um enfático. Segundo Arrotéia (c.p.), tal sinal é utilizado, por exemplo, num contexto em que um surdo (A) pede outro surdo (B) que pegue um livro na estante. B vai apontando os livros e A sinaliza NÃO, NÃO, NÃO para os livros apontados. Quando B aponta o livro certo, A sinaliza o enfático, que pode ser interpretado como ‘é esse’.

Figura 38: É (enfático)

Fonte: Lira & Souza, 2006

Capovilla & Raphael (2001), por sua vez, apresentam duas entradas para o verbo 'estar'. O primeiro verbete indica presença, sinalizado como o verbo TER (segundo os autores, esse verbo indica 'estar presente' e é uma gíria utilizada pelos surdos) e o segundo sinal é o mesmo indicado na Figura 20 acima, 'ficar' (os autores indicam, no verbete, que se trata de português sinalizado). Não há, em Capovilla & Raphael, nenhum verbete para a cópula 'ser'.

As observações realizadas até aqui procuraram demonstrar a semelhança entre sentenças copulativas ordinárias e aquelas que contêm predicados de localização com apontamento. De modo diverso, sentenças como aquelas apresentadas no exemplo (6b) não podem ser vistas como copulativas ordinárias, pois apresentam, em sua realização, representação de características dos referentes de argumentos verbais.

Antes de propormos uma derivação para construções como (6a), vamos primeiramente fazer uma breve discussão sofre a codificação de definitude em LSB, já que essa é uma questão crucial na derivação de construções existenciais e locativas.

5.2 Definitude em existenciais e locativas

Como as pesquisas sobre a estrutura gramatical da LSB ainda são incipientes, não é de se estranhar que não exista uma investigação sistemática sobre a estrutura básica

de seus sintagmas nominais. Portanto, a observação da definitude em sentenças locativas, possessivas e existenciais requer que antes sejam feitas algumas considerações sobre a identificação e distribuição dos determinantes nessa língua.

É comum entre os usuários ouvintes da LSB a pressuposição de que ela não possua determinantes. No entanto, um olhar mais detalhado sobre algumas sentenças nos permite identificar alguns sinais que funcionam como determinantes, especificando a referência de um sintagma nominal. Considere as sentenças abaixo[31]:

(13)
MENINO CHEGAR IX
'O menino chegou lá.'

(14)
IX CHEGAR
'Ele/a chegou.'

(15)
IX<def> MENINO CHEGAR IX
'Aquele menino chegou lá.'

Da mesma forma que ocorre na ASL (MacLaughlin 1997), os índices na LSB são utilizados em funções variadas, podendo ser usado como marcador espacial (13), pronome pessoal (14) ou determinante (15). Sintagmas nominais da LSB que não apresentam nenhum determinante expresso podem receber interpretação definida ou indefinida, mas também existem sinais que veiculam a definitude dos sintagmas. Observe as sentenças seguintes:

[31] Sentenças com determinante definido equivalente a 'o' normalmente são sinalizadas sem a presença do determinante.

(16)
MENINO SAIR
‘Um/o menino saiu.’

(17)
IX<def> MENINO SAIR
‘Aquele menino saiu.’

(18)
UM<num> PESSOA SAIR
‘Uma pessoa saiu.’

O apontamento que antecede um nome recebe sempre uma interpretação definida por parte dos usuários da LSB e não pode ser usado em contextos em que apenas uma leitura indefinida é possível. Em (19), por exemplo, a interpretação inaceitável é aquela em que o sujeito está procurando por algum (indefinido, não específico) homem para pintar a casa. Esses resultados são semelhantes aos encontrados por MacLaughlin (1997) na ASL.

É importante destacar que os determinantes definido e indefinido têm a mesma configuração (numeral 1), mas a direção da mão é distinta para cada caso. Para sinalizar o determinante indefinido, a mão fica na vertical, com o indicador para cima; a sinalização do determinante definido se assemelha à do dêitico, é um apontamento para um determinado ponto do espaço neutro, relativo a um referente.

(19)
IX<1SG> PROCURAR [IX HOMEM] PINTAR CASA
‘Eu estou procurando um homem para pintar a casa.’
‘Eu estou procurando o homem para pintar a casa.’

De acordo com MacLaughlin, os determinantes da ASL podem ser flexionados para indicar pluralidade e estão em distribuição complementar com possessivos. Esse autor afirma que um índice IX na posição pré-nominal pode ser flexionado em relação à pluralidade, o que não é possível na posição pós-nominal. Veja as sentenças a seguir (adaptadas de MacLaughlin 1997:122 ao sistema de transcrição empregado aqui).

(20)

a. IX_{PL} MAN $IX_{<over\ there>}$ KNOW PRESIDENT

b. * IX_{PL} MAN IX_{PL} KNOW PRESIDENT

c. * $IX_{<over\ there>}$ MAN IX_{PL} KNOW PRESIDENT

'Those men over there know the president.'

[Aqueles homens ali conhecem o presidente]

Para MacLaughlin, o fato de poder existir um traço gramatical de número, traço-ϕ que freqüentemente marca determinantes translingüisticamente, apenas no índice pré-nominal, é um argumento para a afirmação de que o índice pré-nominal é um determinante[32]. Além disso, ele aponta que esses determinantes estão em distribuição complementar com os possessivos, como exemplificado abaixo (MacLaughlin 1997: 122).

[32] Bernstein (1997) investiga construções que consistem de pronomes demonstrativos e elementos de reforço (*reinforcer*, no original), que possuem estrutura semelhante a (20a). Bernstein argumenta que demonstrativos dêiticos pré-nominais nas línguas românicas e germânicas, gerados numa posição de Spec abaixo de DP (Giusti 1993), movem-se para D abertamente. Em muitas línguas o demonstrativo pode ser ambíguo entre uma interpretação dêitica e uma interpretação que é rotulada como "indefinida específica". Um demonstrativo dêitico deve se mover para a projeção de DP abertamente; com um específico indefinido, somente o movimento dos traços no componente invisível ocorre. No que diz respeito à construção demonstrativa de reforço, ambos, o demonstrativo e seu reforçador, precedem o nome nas línguas germânicas, enquanto o demonstrativo precede e o reforçador segue o nome (e seus modificadores) nas línguas românicas. Sob a afirmação de que o demonstrativo e o reforçador são gerados na base como Spec e núcleo, respectivamente, de uma projeção funcional FP, assume-se que o padrão das línguas românicas envolve movimento sintático de uma categoria sintagmática para a esquerda de FP, derivando a posição pós-nome do reforçador. Para construções similares do português brasileiro, cf. Avelar 2006.

(21)

a. IX<1SG> MEET [JOHN(i) POSSi FRIEND(j) IXj] YESTERDAY

‘Eu encontrei o amigo de John (lá) ontem.’

b. * IX<1SG> MEET [IXj JOHN(i) POSSi FRIEND(j)] YESTERDAY

‘Eu encontrei o amigo de John ontem.’

Na LSB os possessivos são realizados da seguinte forma: para a primeira pessoa, pode haver duas configurações de mãos, uma com a mão aberta, os dedos juntos, que batem levemente no peito do emissor (Figura 39a); a outra é uma configuração da mão em P com o dedo médio batendo no peito com movimentos curtos (Figura 39b). Para segunda e terceira pessoas, a mão também está configurada em P, mas o movimento é em direção à pessoa referida, de acordo com o local no espaço neutro a que se referem. Não há sinal específico para flexões referentes ao dual, trial, quadrial e plural (grupo), nestas situações são usados os pronomes pessoais correspondentes (cf. Ilustrações 40 e 41).

a. b.

Figura 39: Demonstrativo MEU na LSB

Fonte: Lira & Souza, 2006

Figura 40: Demonstrativo SEU na LSB
Fonte: Lira & Souza, 2006

Figura 41: Demonstrativo NOSSO na LSB
Fonte: Lira & Souza, 2006

Da mesma forma que na ASL, os pronomes possessivos estão em distribuição complementar com os determinantes. A diferença é que, na ASL, os determinantes aparecem sempre na posição pré-nominal e os possessivos na posição pós-nominal; na LSB, tanto o determinante quanto o possessivo podem aparecer na posição pré-nominal, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

(22)
*IX POSS$_{<1SG>}$ LIVRO HISTÓRIA MUITO CARO
'Meu livro de história é muito caro'.

(23)

POSS$_{<1SG>}$ LIVRO HISTÓRIA MUITO CARO

‘Meu livro de história é muito caro’.

(24)

IX LIVRO HISTÓRIA MUITO CARO

‘Aquele livro de história é muito caro’.

Outro fato da LSB que deve ser mencionado se refere às leituras possíveis com índices, que dependem de sua posição. Se o índice precede um nome, ele pode ser tanto determinante ou um advérbio de lugar (dêitico)[33]. Se segue um nome, a única leitura possível é de advérbio de lugar. A estrutura assemelha-se, portanto, a (20a), da ASL. Veja os exemplos abaixo.

(25)

a. IX MENINO SAIR

‘O menino saiu.’

b. IX$_{<top>}$ ARARA LINDA

‘Olhe ali, que arara linda!’

c. *IX$_{<top>}$ IX ARARA LINDA

d. ARARA IX LINDA

‘A arara que está ali é linda.’

‘A arara é linda’.

[33] Nesse caso, a única leitura possível é topicalizada.

MacLaughlin (1997) tece importantes distinções entre os dois tipos de índices, argumentando que o índice pós-nominal na ASL é de fato funcionalmente distinto do índice pré-nominal. Tendo em vista os fatos expostos acima, estendemos essa análise para a LSB, o que será relevante para a análise das sentenças locativas, existenciais e possessivas dessa língua.

5.3 Sobre a formação de existenciais e locativas

Estudos realizados sob a perspectiva da sintaxe gerativa têm proposto abordagens unificadas para a estrutura de construções copulativas, possessivas e existenciais, como os estudos de Freeze (1992), Szabolcsi (1994), Kayne (1994) e Hornstein et al. (2002), dentre outros. Avelar (2004), mais recentemente, aponta caminhos interessantes para a análise dessas sentenças no português brasileiro, propondo uma base estrutural única que passa por operações sintáticas e resulta em formas superficiais distintas.

Freeze baseia seu estudo num extenso *corpus* translingüístico, propondo que as diferenças formais entre sentenças possessivas, existenciais e locativas derivam de uma única estrutura sintática, são restritas e altamente previsíveis. Freeze verifica uma relação de complementaridade entre o predicado locativo e o existencial, que pode ser notado através de efeitos de definitude aplicados ao argumento Tema (cf. Safir 1982 e Reuland & ter Meulen 1987, entre outros). De acordo com Freeze (veja-se também Clark 1978), o predicado locativo e o existencial contêm essencialmente os mesmos constituintes, mas os ordenam de forma distinta. Essa ordenação seria previsível: se o argumento Tema é definido, funciona como sujeito, mas se é indefinido, o outro argumento da sentença funcionará como sujeito da oração. Clark (1978) e Freeze (1992) indicam que apenas DPs [+específicos], que geralmente são definidos, podem ocorrer na posição sujeito de uma cópula do tipo *stage level* (SL)[34]. O DP indefinido é o constituinte característico da

[34] A distinção entre predicados *stage level* e *individual level* foi primeiramente proposta por Milsark (1974, 1977). Predicados *stage level* expressam propriedades acidentais ou temporárias, enquanto predicados *individual level* expressam mais ou menos propriedades permanentes ou inerentes. Para Kratzer (1995), a distinção entre os dois tipos de predicado pode ser reduzida à presença ou ausência de um argumento evento

existencial e permanece *in situ*. De modo contrário, o definido não pode ocorrer como argumento interno e precisa ser alçado para uma posição mais alta, derivando as copulativas do tipo SL.

Freeze fornece dados de várias línguas orais (russo, hindi, chamorro, tagalog e finlandês) para demonstrar que o predicado locativo e o que se identifica como existencial representam simplesmente uma mudança na ordem dos constituintes. Os exemplos (26) abaixo pertencem ao russo e (27) ao finlandês (Freeze 1992: 553-556).

(26)

a. kniga **byla** na stole.
book.NOM.FEM was on table.LOC
'The book was on the table'

b. na stole **byla** kniga.
on table.LOC was book.NOM.FEM
'There was a book on the table'

c. u menja **byla** sestra.
at 1SG.GEN was sister.NOM
'I had sister'

(27)

a. mies **on** huonee-ssa.
man.NOM is room.INESSIVE
'The man is in the room'

---

extra. Predicados *stage level* têm um argumento evento adicional, enquanto predicados *individual level* não possuem tal argumento extra. Essa diferença na estrutura argumental é explicada sintaticamente pela suposição de que haja diferentes posições de sujeito para os dois tipos de predicado (cf. Diesing 1992).

b. huonne-ssa **on** mies.
room.INESSIVE is man.NOM
'There is a man in the room'

Os exemplos citados acima são relevantes para a análise da LSB porque apresentam o mesmo padrão: as três línguas possuem SVO como ordem básica de constituintes e suas existenciais seguem o padrão Locativo-Verbo-Tema. A única diferença é que a LSB não apresenta um verbo foneticamente realizado no predicado locativo, como ressaltado anteriormente.

(28)
a. LIVRO MESA
'O livro está na mesa.'

b. IX LIVRO MESA
'O/ um livro está na mesa.'

c. MESA TER LIVRO
'Tem um livro na mesa.'

d. *MESA TER IX LIVRO
'Tem o livro na mesa.'

c. EU TER LIVRO
'Eu tenho um livro.'

Seguindo a análise de Freeze, consideramos que a LSB possui uma única estrutura que deriva tanto existenciais quanto locativas e possessivas. Esse ponto de vista

acaba por explicar, por exemplo, a semelhança que a interpretação locativa apresenta em relação à existencial.

Freeze aponta que o predicado locativo e a existencial contêm essencialmente os mesmos constituintes, mas os dispõem em ordens diferentes. Essa ordem é previsível: se o argumento Tema é definido, ocupará a posição de sujeito, mas se é indefinido, o Locativo ocupa a posição de sujeito. Freeze afirma que provavelmente nenhuma língua permite que a construção existencial tenha um Tema definido; se o tema é definido, a estrutura deverá ser de um predicado locativo. Em russo, o Tema indefinido é restrito à existencial, apesar de o sujeito do predicado locativo poder ser definido ou indefinido. Em finlandês ocorre o mesmo.

Para esse autor, as possessivas e as existenciais possuem os mesmos constituintes, um sujeito locativo e um predicado com cópula e Tema; a diferença fica por conta do traço [± humano] do sujeito, para as línguas que apresentam distinção entre esses dois tipos de sentenças. Freeze conclui que o sujeito da construção possessiva contém o traço [+ humano] e o sujeito da existencial, [- humano] (cf. Freeze (1992) para maiores detalhes).

Na próxima seção explicitaremos as derivações relevantes, com base na proposta de Avelar (2004, 2007) para a derivação de construções possessivas, existenciais e copulativas dentro do quadro da Morfologia Distribuída.

5.4. Derivando construções existenciais e locativas em LSB

Partindo do estudo de Freeze (1992), Avelar (2004, 2007) defende que as expressões de posse, cópula e existência do PB derivam de operações morfossintáticas aplicadas sobre um feixe de traços formais comum entre esses três verbos. Avelar relaciona as propriedades das sentenças sob enfoque à natureza dos traços que se associam à forma verbal básica. Uma vez inserida no quadro da Morfologia Distribuída, a proposta de Avelar para a estrutura dessas construções contorna a falta de evidência morfológica que um quadro lexicalista apresenta na explicação de três formas distintas que derivam de uma apenas (no caso de línguas que apresentam diferentes itens lexicais para as copulativas,

possessivas e existenciais) e se ocupa de questões como a configuração dessa base estrutural, a natureza das operações aplicadas a essa base e a natureza das categorias que são incorporadas para formação dos três tipos sentenciais.

Segundo a proposta de Avelar, o copulativo e o possessivo são obtidos através da incorporação de uma categoria abstrata ao verbo existencial. Diante do paralelismo temático em (29), Avelar propõe que a configuração (30) seria um estágio comum para as sentenças em (29). A projeção PredP em (31) é responsável por efetivar a relação temática entre *muitos líderes da Europa* e o adjetivo *contrários*, pois *v* não porta traços semânticos capazes de marcar satisfatoriamente um elemento em termos temáticos.

(29)

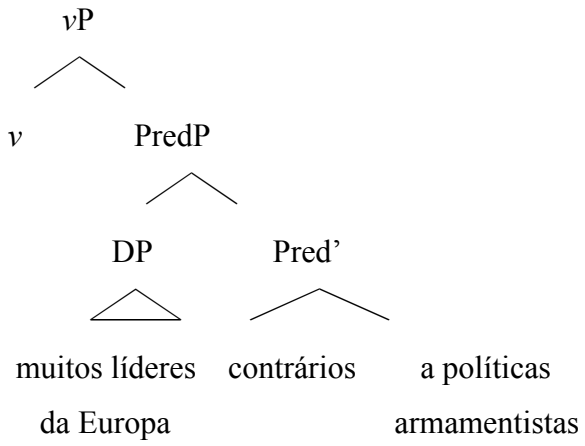
a. Tem muitos líderes da Europa contrários a políticas armamentistas.

b. Muitos líderes da Europa são contrários a políticas armamentistas.

c. Muitos líderes da Europa estão contrários a políticas armamentistas.

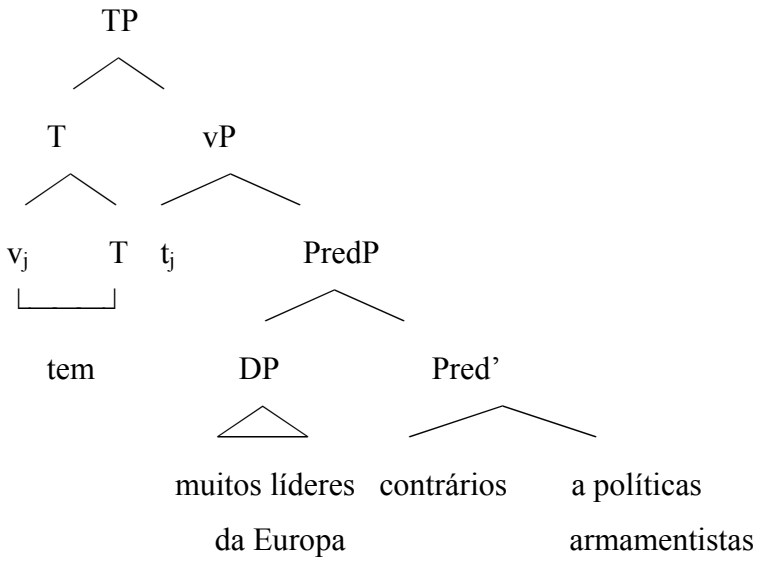
d. A Europa tem muitos líderes contrários a políticas armamentistas

(30)



Para se derivar a existencial a partir de (30), deve-se conectar traços correspondentes a T à projeção de *v*P. Como T não tem um traço D-forte, a posição de [Spec, TP] não será projetada. A configuração resultante é a que se segue. No componente morfológico, *v*+T acessa a entrada vocabular que disponibiliza informações para *ter*, o verbo existencial.

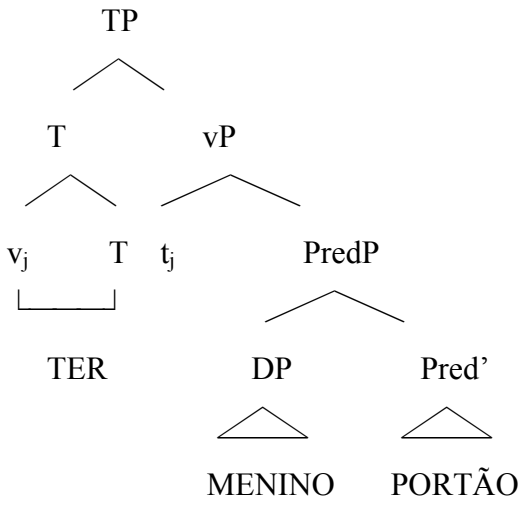
(31)



A derivação de uma sentença existencial em LSB, de acordo com o que foi explicitado anteriormente, ficaria da seguinte forma:

(32)
TER MENINO PORTÃO
'Tem um menino no portão'.

(33)



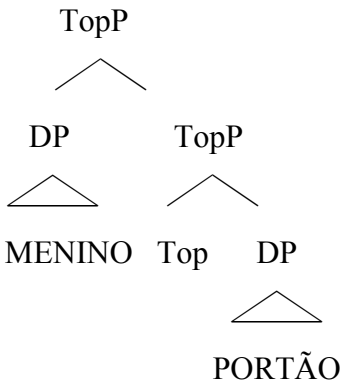
Seguindo a proposta de Avelar, assumimos que TER e a cópula são duas versões morfológicas para um mesmo conjunto de traços abstratos com propriedades selecionais semelhantes às observadas em alguns verbos monoargumentais, no que diz respeito a restrições de definitude. Avelar ressalta que uma determinada classe de verbos argumentais, na qual TER vai se incluir, resiste a ocorrer com um argumento definido posposto. A cópula seria a versão de TER com o argumento anteposto, conforme Freeze 1992.

(34)

MENINO PORTÃO

'O menino está no portão'.

(35)



O complemento de TER possui então um *status* informacional diferenciado, que é interpretado no componente sintático como um requerimento para que o DP pós-verbal seja alçado até uma posição mais alta, de modo a satisfazer a exigência ainda no componente aberto. Esse *status* pode ser o mesmo observado em constituintes que funcionam como tópico, o que gera a necessidade de alçamento antes do componente semântico.

(36)
*TER IX MENINA DOENTE
'Tem aquela menina doente'.

(37)
IX MENINA DOENTE
'Aquela menina está doente'.

Os dados nos permitem levantar a seguinte hipótese: numa construção existencial da LSB, constituintes nominais indefinidos permanecem *in situ*, resultando na realização de uma sentença com TER e constituintes nominais definidos são alçados para a posição de sujeito, produzindo a cópula. Para Avelar, a cópula é obtida através da

incorporação de uma categoria abstrata ao verbo existencial. Considerando o quadro teórico da Morfologia Distribuída, esse autor propõe que essa incorporação seria uma operação *merge* seguida de *fusion*. Os traços morfossintáticos de um morfema básico são associados aos de outros morfemas, levando a morfologia a inserir no nó relevante um Item de Vocabulário cuja entrada abarque informações presentes nos dois morfemas. Ao configurar as sentenças copulativas, o DP MENINA deverá ser alçado para [Spec, TP].

Juntamente com Avelar, propomos que o caráter de definitude de um DP interno ao *v*P desencadeia as operações que transformam TER na cópula. Associando as restrições de definitude observadas nos dados da LSB à possibilidade de o traço de Caso Partitivo estar codificado entre o feixe de traços correspondente ao verbo existencial, pode-se ter uma condição que leva o DP pós-verbal das existenciais a ser um indefinido.

De acordo com Milsark (1974, 1977), as existenciais apresentam uma "coda" obrigatória, um constituinte que serve de suporte para a boa formação desse tipo de sentenças. Para Avelar, o constituinte locativo, assim como todos os constituintes da coda, é instanciado internamente ao DP e, havendo outro constituinte nucleado por uma categoria com potencial temático, sintagmas com expressão locativa não são obrigatórios para assegurar a boa formação das existenciais. Dessa forma, tanto o constituinte locativo quanto outros tipos de constituintes formadores da coda podem consistir no núcleo temático da sentença. É nesse núcleo que o complemento existencial verifica o papel-θ para ser adequadamente interpretado no componente semântico.

A necessidade desse núcleo predicativo distinto do verbal deriva então da fraqueza temática de TER, assim como ocorre no PB. O verbo existencial pode ser considerado sem força para verificar o papel semântico relevante. As sentenças existenciais vão exigir, portanto, a presença de uma categoria semanticamente forte para licenciar o constituinte nominal que deve ocorrer como argumento interno.

A proposta aqui apresentada para derivação de locativas e possessivas a partir de uma base existencial demonstrou que existe apenas uma forma subjacente a esses verbos. Como estamos trabalhando com o modelo da morfologia distribuída, após a derivação do complexo $v+T_D$ e o seu envio para spell-out, é necessário acessar informações dos Itens de Vocabulário para inserção de traços fonológicos.

Como o verbo que subjaz a uma construção locativa é o mesmo TER existencial, assumimos que não há uma entrada vocabular correspondente a $v+T_D$, o que faz com que a matriz fonética seja nula. Dessa forma, o locativo, na LSB, não pode ser acompanhado de configuração de mão classificadora, já que a raiz verbal não é pronunciada. Resta, no entanto, excluir a possibilidade lógica de que ao invés de uma cópula nula, o próprio locativo funciona como verbo. Este é o tópico da próxima seção.

5.5 Predicados locativos em LSB: Cópula nula ou Locativo?

Como citado anteriormente, ao analisar a predicação verbal da LSB, Quadros (1999) atesta que os verbos podem ser divididos em com ou sem concordância. Vamos então testar a hipótese defendida na seção anterior sobre um verbo locativo nulo com base nas diferenças apontadas por Quadros para essas duas classes verbais.

De acordo com Quadros (1999:125), os verbos sem concordância da LSB apresentam o seguinte comportamento:

(i) não podem preceder a negação
a. *JOÃO GOSTAR NÃO MARIA
'João não gosta de Maria'

(ii) não podem seguir a negação lexical sem do-support
a. *JOÃO NÃO GOSTAR MARIA
'João não gosta de Maria.'

b. JOÃO aAUXb *pro* NÃO GOSTAR
'João não gosta (de Maria).'

(iii) não podem preceder advérbios que são adjungidos à esquerda de VP
a. *JOÃO COMPRA SEMPRE DOCE
'João sempre compra doce.'

(iv) podem ser elididos se houver identidade

a. JOÃOa MARIAb aAUXb <GOSTAR>hn, aAUXc ANAc <NÃO>

'João gosta de Maria, Ana não.'

As sentenças da LSB com predicados locativos abaixo poderão mostrar se se trata de um verbo sem concordância.

(38)

a. *CARRO NÃO AQUI

'O carro não está aqui.'

b. CARRO AQUI NÃO

'O carro não está aqui.'

c. *CARRO ÀS-VEZES AQUI

'O carro às vezes está aqui.'

d. CARRO AQUI ÀS-VEZES

'O carro às vezes está aqui.'

e. EU AQUI, ANA NÃO

'Eu estou aqui, a Ana não (está aqui).'

f. *EU AQUI, ANA QUERER TAMBÉM

'Eu estou aqui, a Ana queria (estar aqui).'

g. EU QUERER AQUI, ANA QUERER TAMBÉM

'Eu quero estar aqui, a Ana também quer (estar aqui).'

Como demonstrado acima, o comportamento dos predicados locativos segue o padrão de verbos sem concordância, o que sugere que o verbo envolvido em tais predicados é a própria cópula. Portanto, pode-se explicar a não existência da configuração de mão nesses predicados porque o predicado não possui marcas de concordância. As sentenças (38f) e (38g) mostram que é necessário haver identidade na forma básica do verbo para que este seja elidido.

Se considerarmos o locativo como um verbo, teremos então as seguintes sentenças, correspondentes a (38). A transcrição do verbo nestes exemplos será realizada como LOC, pelo fato de o locativo poder ser traduzido por 'aqui', 'cá', 'ali' ou 'lá'. Esse fato é importante pelo fato de constituir um tipo de concordância (*loci*, como visto no capítulo anterior).

(39)
a. *CARRO NÃO LOCx
'O carro não está aqui.'

b. CARRO LOCx ÀS-VEZES
'O carro às vezes está aqui.'

c. EU LOCx, ANA NÃO
'Eu estou aqui, a Ana não (está aqui).'

d. *EU LOCx ANA QUERER TAMBÉM
'Eu estou aqui, a Ana queria (estar aqui).'

e. EU QUERER LOCx, ANA QUERER TAMBÉM
'Eu quero estar aqui, a Ana também quer (estar aqui).'

As sentenças acima são relevantes para definirmos o status do locativo porque demonstram que, se LOC for um verbo, ele deverá se comportar como um verbo de concordância, pois sempre se refere a um ponto no espaço de sinalização, aqui transcrito como *x*. Os exemplos em (39), no entanto, demonstram que sentenças locativas apresentam restrições da mesma forma que um verbo sem concordância. As sentenças em (26) demonstram, portanto, que o locativo não pode ser considerado um verbo na LSB.

5.5 Sumário

Ao descrever o sistema de classificadores da LSB, foi possível constatar que nem todas as estruturas comumente portadoras de classificadores em outras línguas de sinais podem apresentar esses elementos na LSB. A LSB possui, como outras línguas de sinais, classificadores anexados a verbos de deslocamento, mas não com verbos de localização e existência. Assumimos que os verbos de localização na LSB são cópulas e que são gerados a partir de uma estrutura existencial, assim como as cópulas ordinárias.

6. Conclusão

Esta tese, baseada em estudos anteriores sobre os classificadores nas línguas de sinais, analisa as construções classificadoras da LSB. Recentemente, muito se tem debatido sobre o estatuto desses elementos, com posições que variam entre considerá-los unidades lingüísticas complexas ou até como objetos não-lingüísticos. A análise aqui apresentada, no entanto, demonstra que as construções classificadoras da LSB que fazem parte de predicados que expressam deslocamento e localização são estruturas lingüísticas, pois são restritas por fatores de ordem sintática.

Como inúmeros elementos da LSB são considerados classificadores pela literatura (Brito 1995, Capovilla & Raphael 2001), inicialmente procurei separar nomes de predicados verbais para, em seguida, estabelecer o que poderia ser considerado como representação de referentes. Dessa forma, verificou-se que apenas verbos de deslocamento e localização podem se associar a configurações de mãos classificadoras nessa língua.

Observando essas configurações de mãos, pudemos perceber algumas características: (i) formam um conjunto relativamente pequeno; (ii) ocorrem obrigatoriamente nos verbos de deslocamento e no verbo de localização; (iii) representam um argumento verbal (Tema); (iv) são utilizadas para manter a referência de um dado referente no discurso.

As configurações de mãos foram divididas em dois subconjuntos: configurações que representam diretamente um referente (representam características como animacidade, forma ou tamanho e ocorrem em sentenças intransitivas) e aquelas que representam um referente indiretamente (indicam a forma como um dado referente é segurado ou manipulado e ocorrem em sentenças transitivas). Essas configurações (e sua orientação) correspondem a morfemas que são associados às raízes verbais para formar raízes complexas. Por outro lado, o movimento, nessas construções, expressa o deslocamento ou a posição de um determinado referente, correspondendo à raiz verbal.

A investigação das construções classificadoras na LSB mostrou que elas possuem um comportamento semelhante às sentenças que possuem marcas de concordância. Devido a esse fato, analisamos tais construções como instâncias de concordância sintática, desencadeada pela raiz verbal, que não possui especificação de traços para Configuração de Mão. Essa análise baseia-se em trabalhos anteriores sobre outras línguas de sinais, como Zwitserlood (2003) para a NGT e Glück & Pfau (1999) para a DGS.

Em consonância com esses estudos, assumo que a LSB possui dois sistemas de concordância, um marcado através de loci no espaço de sinalização e outro que se utiliza de configurações de mãos. A presença de um determinado tipo de concordância é prevista pela especificação dos traços de um verbo, e a realização da concordância deriva de uma estrutura morfossintática. A derivação das estruturas nessa análise segue o modelo teórico da Morfologia Distribuída, segundo o qual morfemas não possuem traços fonológicos até que a derivação seja enviada para FF. Somente nesse momento os traços fonológicos são inseridos nos nós terminais. Na MD, os feixes de traços fonológicos competem para ser inseridos, e o Item de Vocabulário que combinar melhor com os traços morfossintáticos que constituem o nó terminal é inserido na derivação. Como os morfemas de concordância relacionados às configurações de mãos classificadoras possuem mais traços morfossintáticos que aqueles associados à concordância loci, eles têm prioridade e são inseridos primeiro. A inserção sempre começa na raiz e segue em direção aos nós periféricos. Isso faz com que configurações de mãos classificadoras e morfemas loci só possam ser associados a estruturas que não possuam ainda especificações fonológicas para Configuração de Mão e Ponto de Articulação, nessa ordem.

Os verbos de deslocamento também podem apresentar, em alguns casos, incorporação nominal ou de modo. Numa construção com o verbo CAIR, por exemplo, pode não haver representação de características de um dado referente, mas um formativos do sinal nominal podem ser incorporados à raiz verbal, produzindo uma única interpretação para o Tema. A incorporação de modo ocorre quando o movimento realizado pela raiz descreve ou representa o movimento no espaço real.

Outro aspecto importante a ser salientado é a análise de predicados locativos da LSB, que mostra a existência de dois verbos distintos: a cópula ordinária, que pode se associar a um dêitico para formar um predicado locativo, e um verbo que denominamos ESTAR_LOCALIZADO. Este último é um verbo de concordância, pois localiza referentes no espaço de sinalização e, ainda, permite a combinação de configurações de mãos classificadoras que representam diretamente um dado referente. Além disso, a existencial é realizada com o verbo TER, que não permite a ancoragem de marcas de concordância. Para explicar as diferenças entre sentenças com a cópula ordinária, dêiticos e o existencial, de um lado, e o verbo ESTAR_LOCALIZADO, de outro, tomamos a abordagem de Freeze (1992) e Avelar (2004, 2007). Segundo tais estudos, copulativas, existenciais e possessivas apresentam um comportamento muito similar. Para Freeze, existenciais e possessivas derivam de uma estrutura subjacente que tem um locativo como núcleo, e a diferença entre tais sentenças seriam decorrentes de efeitos de definitude. Embora não seja o foco deste trabalho, foram tecidos alguns comentários sobre a definitude na LSB, para que pudéssemos investigar a aplicabilidade da proposta de Freeze na análise dos dados coletados, já que ainda não existem estudos detalhados sobre esse aspecto da LSB. Os resultados encontrados indicam uma estreita relação entre a concordância e possibilidade ou não de um verbo anexar à sua raiz configurações classificadoras. Sentenças copulativas e existenciais, que não permitem o uso de "classificadores", comportam-se como verbos sem concordância. Por outro lado, sentenças com verbos de deslocamento e com o verbo ESTAR_LOCALIZADO apresentam as mesmas características que verbos de concordância.

Os aspectos levantados aqui corroboram os resultados de Quadros (1999), que divide os verbos da LSB em dois tipos: com ou sem concordância. Dessa forma, é possível explicar o porquê de algumas sentenças apresentarem ou não configurações de mãos classificadoras, de maneira unificada, demonstrando ainda que nem todos os fenômenos rotulados como classificadores na LSB podem ser analisados da mesma maneira. No entanto, muitas outras questões ainda permanecem, pois o assunto não se esgota. É necessário ainda investigar mais detalhadamente outros sinais complexos da LSB, para que se possa ter uma melhor compreensão de sua gramática: sinais compostos, sinais derivados,

incorporação de número, estrutura argumental etc. São muitas as questões sobre a morfossintaxe que permanecem abertas, não só da LSB, mas de outras línguas de sinais. A contribuição deste trabalho é apenas um primeiro passo nessa direção.

Referências Bibliográficas

AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers*. *A Typology of Noun Categorization Devices*. New York. Oxford University Press, 2000.

ALLAN, K. Classifiers. *Language* 53, p.285-310, 1977.

ARONOFF, Mark; Irit MEIR; and Wendy SANDLER. Universal and particular aspects of sign language morphology. *University of Maryland Working Papers in Linguistics* 10, p.1-34, 2000.

_____. The paradox of Sign Language Morphology. *Language*: 81, p.301-344, 2005.

ARROTÉIA M. J. *O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira* (LSB). Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

AVELAR, J. O. *Dinâmicas morfossintáticas como 'Ter', 'Ser' e 'Estar' em português brasileiro.* Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro.* Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

_____. *Verbos Possessivos em Contextos Existenciais na História do Português.* Relatório Científico de Pós-Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

BAHAN, B. *Non-manual realization of agreement in American SignLanguage.* Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA, 1996.

BAKER, MARK C. *Incorporation: A Theory Of Grammatical Function Changing*. Chicago:. University Of Chicago Press, 1988.

BARRON, R. & F. SERZISKO. Noun classifiers in the Siouan Languages, in Seiler and Stachowiak (eds.). *Apprehension: Das sprachliche Erfassen von Gegenständen, iii: Die Techniken und ihr Zusammenhang in Einzelsprachen*. Tübingen: Narr, 1982.

BENEDICTO E. & BRENTARI D. Where did all the arguments go? Argument-changing properties of classifiers in American Sign Language. *Natural Language and Linguistic Theory*, 2004.

BERNSTEIN, Judy B. Demonstratives and Reinforcers in Romance and Germanic Languages. *Lingua* 102, p.87-113, 1997.

BRENTARI, D. Underspecification in American Sign Language Phonology. Proceedings of the Berkeley Linguistics Society 16, p.46-56, 1990.

BRITO, L. Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, 1989.

_____. *Por uma gramática da língua de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

BROWN, R. Semantic aspects of some Waris predications. In: FRANKLIN, K. J. (ed.). *Syntax and Semantics in Papua New Guinea languages*, Summer Institute of Linguistics, Ukarumpa, 1981.

CAPOVILLA, F. C., & RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe da Língua de Sinais Brasileira.* 2v. São Paulo: EDUSP, 2001.

CHOMSKY, N. *Lectures On Government And Binding: The Pisa Lectures*. Holland: Foris Publications, 1981.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CLARK, Eve. Locationals: existential, locative and possessive constructions. *In* GREENBERG, Joseph (org). *Universals of Human Languages*. V. 4. Syntax, Stanford: Stanford University Press, 1978.

DeMATTEO, A. Visual Imagery and Visual Analogues in American Sign Language. In A.F. Lynn (ed.), *On the Other Hand*. London: Academic Press, 1977.

DIESING, M. *Indefinites*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

DIXON, R. M. W. *Where have all the adjectives gone? And other essays in semantics and syntax*. Berlin: Mouton, 1982.

EKDAHL, Muriel and Nancy E. BUTLER. *Aprenda Terêna*, Vol. 1. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1979.

ENGBERG-PEDERSEN, E. *Space in Danish Sign Language*. Signum-Verlag, Hamburg, 1993.

EVANS, N. The syntax and semantics of Body Part Incorporation in Mayali. In: Chappell and McGregor. *The grammar of inalienability: a Typological perspective on body part terms and the part-whole relation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. New York: CUP, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. New York: CUP, 1997.

_____. Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 291-303, Belo Horizonte: 2005. Entrevista gravada em vídeo na University of California at San Diego em abril de 2004.

FAUCONNIER G. and M. TURNER. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.

FELIPE, T. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS*. Tese de Doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.

FINAU, R. A. *Os sinais de tempo e aspecto na LIBRAS*. Tese de doutorado, Curitiba: UFPR, 2004.

FISCHER, Susan. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at the *Winter Meeting of the Linguistic Society of America*. [s.l.,s.n.]. 1973.

FISHER, S. & JANIS, W. License to Derive: Resolving Conflict between Syntax and Morphonology in ASL. Paper presented at *66th Annual Meeting of the LSA*, 1992.

FOLEY, W. A. *The Papuan Languages of New Guinea*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

FREEZE, Ray. Existential and other locatives. *Language*, 68: 553-595, 1992.

GIUSTI, G. *La sintassi dei determinanti*. Unipress, Padova, 1993.

GLÜCK, S. & PFAU, R. On classifying Classification as a Class of Inflection in German Sign Language. In: Cambier-Langeveld, T., A. Lipták & M. Redford (Eds.), *"Console VI" proceedings. Sixth Annual Conference of the Student Organization of Linguistics in Europe*, p. 59-74, 1998.

_____. A Distributed Morphology Account of Verbal Inflection in German Sign Language. In: Cambier-Langeveld, T., A. Lipták, M. Redford & E.J.v.d. Torre (Eds.), *"Console VI" proceedings. Seventh Annual Conference of the Student Organization of Linguistics in Europe*, p. 65-80, 1998.

GRINEVALD, C. A Morphosyntactic Typology of classifiers. In: Senft, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*, p. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HALLE, M. & MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of Inflection. In: HALE, K. & KEYSER, S. J. (eds.) *The view from building 20*. Cambridge, MA, MIT Press, 1993.

HARLEY, H. & NOYER R. State-of-the-article: Distributed Morphology. *GLOT* **4**(4), p.3-9, 1999.

_____. Distributed Morphology. In: Cheng, L. & R. Sybesma (Eds.). *The Second Glot International State-of-the-Article Book*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

HASADA, R. *Number system in Japanese*, paper presented at the *Workshop on Grammatical Categories*, Australian National University, Canberra, 1995.

HORNSTEIN, Norbert, ROSEN, Sara & URIAGEREKA, Juan. Integrals. *In* URIAGEREKA, Juan. *Derivations*. Routledge. London/New York, 2002.

JACKENDOFF, Ray. The Status Of Thematic Relation In Linguistic Theory. *Linguistic Inquiry* 18:3, p. 369-411, 1987.

_____. *Semantic Structures*. Cambridge, MA, MIT Press, 1990.

JANIS, W. *Morphosyntax of the ASL Verb Phrase*, unpublished Ph.D. dissertation, State University of New York, Buffalo, 1992.

_____. A Cross Linguistic Perspective on ASL Verb Agreement. In Emmorey, K. & Reilly, J. (eds.). *Language, Gesture and Space*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, p.195-223, 1995.

JANTUNEN, T. On the Existence of Copula in FinSL Equative Sentences. *Theoretical Issues in Sign Language Research 9*, Florianopolis, p. December 6th-9th 2006.

KAYNE, Richard. *The Antisymmetry of Syntax*. Linguistic Inquiry Monograph Twenty-Five. The MIT Press: Cambridge, 1994.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. *The signs of language*. Harvard University Press. Cambridge, Massachussetts, and London, England, 1979.

KRATZER, Angelika. *Stage Level and Individual Level Predicates*. (impresso). 1995.

LACY, R. *Putting some of the syntax back into semantics*. The Salk Institute, La Jolla, CA, 1974.

LANG, A. *The semantics of classificatory verbs in Enga and other Papua New Guinea languages.* Canberra,: Pacific Linguistics, 1975.

LAPOLLA, RANDY J. *A Grammar of Qiang with Annotated Texts and Glossary*. Berlin: Mouton, 2003.

LAPOLLA, R. and Graham THURGOOD. *The Sino-Tibetan Languages*. London: Routledge, 2003.

LARSON, Richard, K. On the double-object construction. Linguistic Inquiry 19:335-391, 1988.

LICHTENBERK, F. Relational Classifiers, *Lingua* **60**: 147-76, 1983.

LIDDELL, Scott. Four functions of a locus: re-examining the structure of space in ASL. In: C. Lucas (ed) *Sign language research: theoretical issues*. Washington DC: Gallaudet University Press, pp. 176-198, 1990.

_____. Real, Surrogate, and Token Space: grammatical consequences in ASL. In: Emmorey, K.; Reilly, J. (eds.). *Language, gesture and space*. Hillsdalle, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

_____. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: *Language and gesture*, (ed.) David McNeill, 331–357. Cambridge University Press: Cambridge, NY, 2000.

_____. *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. Cambridge University Press: Cambridge, NY, 2003a.

_____. Sources of meaning in ASL Classifier Predicates. *In:* Emmorey, K. *Perspectives on Classifiers in Signed Languages*. Proceedings of the NSF Conference on Classifier Constructions in Sign Languages, April 14-16, 2000. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003b.

LILLO-MARTIN, D. C. (1986) Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. DoctoralDissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan.

_____. (1991) Universal Grammar and American Sign Language. Kluwer Academic Publishers. Dordrecht. Boston. London.

_____. (2001) One syntax or two? Sign Language and syntactic theory. In: *Glot International* 5 (9/10), 297-310.

_____. (2002) Where are all the modalities effects? In *Modality and structure in signed and spoken languages*, ed. Richard P. Meier, Kearsy Cormier, and David Quinto-Pozos. Cambridge: Cambridge University Press.

LILLO-MARTIN, D. & KLIMA, E**.** (1990). Pointing Out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. In: *Theorical Issues in Sign Language Research.* v.1: Linguistics. Chicago, IL: University of Chicago Press. 191-210.

LILLO-MARTIN, D. and W. SANDLER. *Sign languages and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LIRA, G. A. & SOUZA, T. A. F. *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em http://www.acessobrasil.org.br/libras. Acesso em: 21 maio 2007.

MacLAUGHLIN, D. *The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language.* Doctoral dissertation, Boston University, Boston, MA, 1997.

MARANTZ, A. *Words.* Paper Presented at the West Coast Conference on Formal Linguistics XX, 2001.

MATHUR, G. Multiple levels in the verb agreement morphology of signed languages. Paper presented at the *Seventh Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research (TISLR 7)*, Amsterdam, The Netherlands. July 2000.

MATHUR, G and C. RATHMANN. Markedness constraints in signed languages: The case of movement. Paper presented at the *8th Conference on Laboratory Phonology (LabPhon 8)*, New Haven, June 2002. To appear in: Proceedings of LabPhon 8, 2002.

MATSUOKA, K. The Lexical Verb Sandwich in American Sign Language and the Hybrid Feature. *The Proceedings of Eastern States Conference on Linguistics (ESCOL)*, 2000.

McDONALD, B. H. *Aspects of the American Sign Language Predicate System*. PhD State University of New York, Buffalo, 1982.

McBURNEY, S. L. Pronominal Reference in Signed and Spoken Languages. In: Meier, R. P., K. A. Cormier & D. G. Quinto (Eds.). *Modality Structure in Signed and Spoken Languages*, pp. 329-69. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

McCLEARY, L. and E. VIOTTI. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativs na língua de sinais brasileira (LSB). In Heloísa Salles (Org.) *Bilingüismo e surdez*. Questões lingüísticas e educacionais. Goiania, GO: Cânone, 2007.

MEIER, RICHARD P. Person Deixis In American Sign Language. In: Susan D. Fischer & Patricia Siple (Eds.), *Theoretical Issues In Sign Language Research.* Vol. 1: Linguistics. Chicago: University Of Chicago Press, p.175-190, 1990.

MEIR, I. Syntactic-Semantic Interaction in Israeli Sign Language Verbs: The Case of Backwards Verbs. In *Sign Language & Linguistics.* Volume 1. John Benjamins & Hag Publications, 1998.

MEIR, I. 'Verb classifiers as noun incorporation in Israeli Sign Language', *Yearbook of Morphology* 1999, p.295-315, 2001.

MILSARK, Gary. *Existential sentences in English*. Tese de doutoramento. Cambridge: Departament of Linguistics, MIT, 1974.

_____. Toward an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. *Linguistic Analysis 3*, 1977.

MITHUN, Marianne. The Evolution of Noun Incorporation. *Language* 60, p.847-984, 1984.

_____. On the nature of noun incorporation. *Language*, *62* (1), p.32-38, 1986.

NEIDLE, C. and LEE, R. The Syntactic Organization of American Sign Language: a synopsis. *American Sign Language Linguistic Research Project, Report no. 12*. Boston, Boston University, 2005.

NEIDLE, C.; BAHAN, B., KEGL, J.; LEE, R. and MACLAUGHLIN, D. *The syntax of American Sign Language: Functional categories and hierarchical structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

NUNES, Jairo. Linearization of chains and phonetic realization of chain links. In: *Working minimalism*, 217-249, ed. Samuel David Epstein and Norbert Hornstein. MIT Press, Cambridge, Mass, 1999.

_____. Nunes, Jairo. *Linearization of chains and sideward movement*. MIT Press, Cambridge, Mass, 2004.

NUNES, J. and QUADROS, R. Phonetic realization of multiple copies in Brazilian Sign Languages. Paper presented at the *Theoretical Issues in Sign Language Research (TISLR 8)*, Universitat de Barcelona, 9/31-10/2/2004.

PADDEN, C. A. Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language. Doctoral Dissertation, University of California, San Diego, 1983.

_____. Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language. New York: Garland Press, 1988.

PARSONS, T. Events in the Semantics of English, MIT, Cambridge, MA, 1990.

PICHLER, D. C. Word order variation and acquisition in American Sign Language, University of Connecticut: Doctoral dissertation, 2001.

QUADROS, R. M. *As categorias vazias pronominais:uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

_____. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Doctoral dissertation, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

_____. A estrutura da frase da Língua Brasileira de Sinais. In: *II Congresso Nacional da ABRALIN: Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, 2000.

_____. *Sintaxe da Língua de Sinais Brasileira*. Palestras sobre a língua de sinais brasileira proferidas no IEL/ Unicamp - 03 a 05 de julho de 2002.

_____. Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais. Etd Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p.167-177, 2006.

QUADROS, R. M. and L. B. KARNOPP. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RATHMANN, C. *The optionality of Agreement Phrase: Evidence from signed languages*. Masters report, University of Texas, Austin, 2000.

REULAND, E. e A. G. B. ter MEULEN. *The Representation of (In)definiteness*. Cambridge (Mass.), MIT Press, 1987.

ROSEN, Sara T. Two Types Of Noun Incorporation: A Lexical Analysis. *Language*, 65 (2), 294-317, 1989.

RUSHFORTH, S. "Uses Of Bearlake And Mescalero (Athapaskan) Classificatory Verbs," *International Journal Of American Linguistics* **57**.251-266, 1991.

SAFIR, K. J. *Syntactic Chains*. Cambridge (Mass.), Cambridge University Press, 1985.

SCHEMBRI, A. *The Structure and Formation of Signs in AUSLAN (Australian Sign Language)*. North Rocks: North Rocks Press, 1996.

_____. Rethinking 'Classifiers' in Signed Languages. In: Emmorey, K. (Ed.) *Perspectives on Classifiers in Sign Language*. p. 3-34, 2003.

SEILER, Walter. *Imonda, A Papuan Language*. Pacific Linguistics, Series B, NO. 93. Canberra: The Australian National University, 1985.

SMITH, W. H. Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language. In *SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research. Lappeenranta, Finland.* v.10. SIGNUM: Verlag. Hamburg. p.211-228, July 15 - 19, 1987.

SPENCER, A. *Morphological Theory: An Introduction to Word Structure in Generative Grammar.* Oxford/Cambridge, MA: Blackwell, 1991.

STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in linguistics: Occasional papers (No. 8).* Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

SUPALLA, T. R. Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language. In F. Caccamise (Ed.), *American Sign Language in a bilingual, bicultural context: Proceedings of the National Symposium on Sign Language Research and Teaching* (pp. 27–45), Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 1978.

_____. *Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language*. San Diego: PhD Thesis, UCSD, 1982.

_____. The Classifier System in American Sign Language. In: Craig, C. (Ed.) *Noun Classes and Categorization*, pp. 181-214. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986.

SZABOLCSI. Anna. The noun phrase. *In* KIEFER, F. & KISS, K. *The sintatic structure of Hungarian. Syntax and Semantics, 27.* San Diego: Academic Press, 1994.

TALMY, L. Lexicalization patterns. Semantic structure in lexical form. In T. Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description*, Vol. 3. Cambridge: CUP, p.36-149, 1985.

_____. Path to realization: A typology of event conflation. *Berkeley Working Papers in Linguistics*, p.480-519, 1991.

Van VALIN, Robert. *Advances in role and reference grammar*. John Benjamins, Amsterdam, 1993.

VELOSO, B. Classificadores e Estrutura Argumental na Língua de Sinais Brasileira. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 521-526, 2005.

WOODBURY, H. Noun Incorporation in Onondaga. Doctoral dissertation. Yale University, 1975.

ZWICKY, A. and G. PULLUM. Cliticization vs. Inflection: English *n't. Language* 59, p. 502-13, 1983.

ZWITSERLOOD, I. *Classifying Hand Configurations in Nederlandse Gebarentaal (Sign Language of the Netherlands)*. Utrecht: LOT, 2003.